

Camões de Almeida Garrett

LUÍS DE CAMÕES
APONTAMENTOS BIOGRÁFICOS

PREFÁCIO DA EDIÇÃO DO *CAMÕES* DE GARRETT
COM NOTAS DE TEÓFILO BRAGA

I

O protagonista do sempre formoso poema de Almeida Garrett é um Luís de Camões *romântico*, remodelado na fantasia melancólica dum grande poeta exilado, amoroso, nostálgico. A ideal tradição romanesca impediu, com as suas névoas irisadas de fulgores poéticos, passante de duzentos e cinquenta anos, que o amador de Natércia, o trovador guerreiro, fosse aferido no estalão comum dos bardos que imortalizaram, a frio e com um grande sossego de metrificação, o seu amor, a fatalidade do seu destino em centúrias de sonetos. Garrett fez uma apoteose ao génio, e a si se ungiu ao mesmo tempo príncipe reinante na dinastia dos poetas portugueses, criando aquela incomparável maravilha literária. Ensinou a sua geração sentimental a ver a corporatura agigantada do poeta que a critica facciosa de Verney e do padre José Agostinho apoucara a uma estatura pouco mais que regular.

Camões ressurgiu em pleno meio-dia do romantismo do século XIX, não porque escrevera *Os Lusíadas*, mas porque padecera duns amores funestíssimos. O século XVIII citava-o apenas nos livros didáticos, e nas academias eruditas, como exemplar clássico em epítetos e figuras da mais esmerada retórica. Tinha caído em mãos esterilizadoras dos gramáticos que desbotam sapientissimamente todas as flores que tocam, apanham as borboletas, pregam-nas para as classificarem mortas, e abrem listas de hipérbolos e metáforas para tudo que transcende a legislatura codificada de Horácio e Aristóteles.

Luís de Camões, qual o figuram Garrett no poema trágico e Castilho no drama ultra-romântico, e as musas indígenas e forasteiras nas suas contemplanções plangentes, é o que se requer que seja o mártir do amor, o soldado ardido, o talento menoscabado pela camarilha dos reis. Os maviosos sentimentalistas afizeram-nos a estas cores prismáticas – às refulgências das auroras e dos luars teatrais. Mal podemos encarar o nosso Camões a uma grande luz natural. Queremo-lo na tristeza crepuscular das tardes calmosas, na mesta solidão dos mares, nas saudades do desterro. no desconforto das primeiras precisões, vivendo da mendicidade do Jau – do escravo, como se alguma hora houvesse em Portugal escravos de procedência asiática – e das economias da preta, arrastando-se sobre muletas do adro de S. Domingos para o catre do hospital. Quem nos mostrar Camões à luz com que a história e a crítica indutiva elucidam as confusas obscuridades dos homens extraordinários – e por isso mais expostos à deturpação lendária – poderá avizinhar-se da verdade; mas, do mesmo passo, se desvia da nossa inveterada opinião, e talvez incorra em delito de ruim português.¹

¹ Camilo, para fugir à deturpação lendária, apresenta Camões como um criminoso defraudando os dinheiros do cofre dos Defuntos e Ausentes, que se o seu grande génio faz perdoar! Também para se libertar dos convencionalismos da lenda, Antero de Quental considera a vida de Camões como a de um

Eu me vejo neste perigo e não me poupo às eventualidades da ousadia. Pretender exhibir novidades inferidas de factos comparados e probabilidades em uma biografia tantas vezes feita e refeita, será irrisório atrevimento quando mas puderem contraditar com provas solidamente cimentadas. O que não parecer novo nestes traços será uma justificada emenda aos erros dos biógrafos antigos e recentes em que nomeadamente avultam os senhores visconde de Juromenha e doutor Teófilo Braga que segue muito confiado aquele douto investigador com uma condescendência extraordinária para escritor que tanto averigua.²

II

Direi primeiro do amor meio lendário de Luís Vaz de Camões a D. Catarina de Ataíde, como causa essencial da sua vida inquieta e dos reveses da sinistra fortuna procedentes desse desvio da prudência na mocidade.

Diogo de Paiva de Andrade, sobrinho do celebrado orador, deixou umas *Lembranças* inéditas que passaram da opulenta livraria do advogado Pereira e Sousa para o meu poder³. Diogo de Paiva nascera em 1576. É contemporâneo de Camões. Conheceu provavelmente pessoas de convivência do poeta. Poderia escrever amplamente, impugnando algumas notícias de Mariz, de Severim e de Manuel Correia. Era cedo, porém, para que o assunto lhe interessasse bastante. Na juventude de Paiva, as memórias de Camões não tinham ainda atingido a consagração poética de que se formam as nebulosas do mito. Diogo de Paiva pouco diz; mas, nessas poucas linhas, há duas espécies não relatadas pelos outros biográficos:

«Luís de Camões, poeta bem conhecido, tendo 18 anos, namorou Catarina de Ataíde, e principiou a inclinação em 79 ou 20 de Abril, do ano de 1542, em sexta-feira da semana santa, indo ela à igreja das Chagas de Lisboa, onde o poeta se achava. A esta senhora dedicou muitas das suas obras, e ainda que com diferentes nomes é a mesma de que fala repetidas vezes. Foi depois dama da rainha D. Catarina, e continuando os amores com boa correspondência, mudou ela de objecto para os agrados de que Camões se queixa em suas composições. Por estes amores foi quatro vezes desterrado: uma de Coimbra, estando lá a corte para Lisboa; outra de Lisboa para Santarém; outra de Lisboa para a África; e finalmente de Lisboa para a Índia, donde voltou muito pobre, sendo já falecida D. Catarina, por quem tão cegamente se apaixonara.»

O desterro de Camões de Coimbra, onde estava a corte, é a novidade que não

rapaz que teve a ventura de dar largas às solturas da idade. É um realismo subjectivo feito à imagem dos críticos; e quem não for nestas águas, por mais investigações que apure só faz «um misto de ingenuidade crítica e paixão idolátrica.» (T. B.).

² (2) Camilo ressentia-se nesta época das agulhas ferrugentas, que o intrigavam capciosamente contra Teófilo Braga. Quando o veio a conhecer, confessou que estava farto daqueles medíocres que se escondiam detrás dele para atacarem Teófilo. E citava-lhes os nomes. Depois disso deu o mais belo testemunho da sua generosidade de espírito no inigualável Soneto da «Maior Dor Humana».

Outros críticos também acusam Teófilo Braga de ir nas pegadas de Juromenha; é tão fácil dizer coisas! Quem corrigiu o erro de Juromenha do pai de Camões, Simão Vaz de Camões, confundido com o homónimo turbulento primo do Poeta? Quem apagou o erro de Camões conhecido por Sá de Miranda e memorado pelo cunhado Manuel Machado de Azevedo, mostrando que se referia a Vasco Pires de Camões, terceiro avô do Poeta? Como estes podem apontar-se mais factos, que não foram exibidos como erros de um benemérito investigador, mas como elementos mais seguros de construção, tais como, o quadro dos estudos de Camões em Coimbra, a corte literária de D. João III, o problema de Ternate e de Macau, dos dois naufrágios e da sua sepultura. Mas a Juromenha caberá sempre a glória de nos ter libertado do quadro de Faria e Sousa e de ter encetado a pesquisa dos cancioneiros manuscritos. (T. B.).

³ Por compra feita ao livreiro Sr. Rodrigues, da Travessa de S. Nicolau, em 1871.

pude conciliar com o facto de ter residido D. João III em Coimbra nos anos imediatos a 1542, ano em que o poeta vira D. Catarina na Igreja das Chagas. Os impressos que consultei, e não foram poucos, não me esclareceram. Sei tão-somente que o rei esteve em Coimbra por 1527 e 1550. Nesta segunda data já Camões se repatriara do segundo desterro em África. Quanto à inconstância da dama da Rainha – novidade de mais fácil averiguação – os factos que vou expender a persuadem coerentemente.

D. João III, o rei-inquisidor, e *piadoso* por antonomásia, antes de fazer um filho em Isabel Moniz, fizera outro em Antónia de Berredo. Eram ambas de linhagem ilustre. A primeira finou-se num convento da Guarda, sem ter visto seu filho Duarte que, aos 22 anos, morreu arcebispo de Braga. A segunda ficou na corte, e achou marido de raça fina, sem embargo da concubinação real, agravada pelo acto da sua notória fecundidade. A criança tinha morrido. Os nobiliaristas chamaram-lhe *Manuel* e ocultaram-lhe o nome da mãe, visto que ela propagou altos personagens, sujeitos envergonhados.

Antónia de Berredo casara com um viúvo rico e velho, António Borges de Miranda, senhor de Carvalhais, Ílhavo e Verdemilho, que de sua primeira mulher, da Casa de Barbacena, tivera dois filhos, a quem competia a sucessão dos vínculos. D. Antónia concebeu do marido, e deu à luz um menino que se chamou Rui Borges Pereira de Miranda. O marido faleceu. Os filhos do primeiro matrimónio, Simão Borges e Gonçalo Borges foram esbulhados da sucessão dos vínculos – um estrondoso escândalo em que influiu o arbítrio despótico do rei a favor do filho da sua amante.⁴

Apossado iniquamente dos senhorios de Carvalhais, Ílhavo e Verdemilho, Rui Borges, filho de Antónia de Berredo, afeiçoou-se a D. Catarina de Ataíde, filha de Álvaro de Sousa, veador da Casa da Rainha, senhor de Eixo e Requeixo, nas vizinhanças de Aveiro. D. Catarina era pobre, como filha segunda; seu irmão André de Sousa era um simples clérigo, prior de Requeixo; o senhor da Casa era o primogénito Diogo Lopes de Sousa.

D. Catarina aceitara o galanteio do poeta Luís Vaz de Camões, talvez antes de ser requestada por Borges de Miranda. O senhor de Ílhavo, rivalizado pelo juvenil poeta, sentia-se inferior ante o espírito da dama da Rainha.⁵ Seria um estúpido consciente: queixou-se talvez à mãe. Não é de presumir que a mulher de D. João III se aviltasse protegendo o galanteio repellido do filho da Berredo – amante notória de seu marido; mas é natural que a mãe de Rui Borges recorresse directa e clandestinamente ao rei solicitando o desterro do perigoso émulo de seu filho. Assim pôde motivar-se o

⁴ *Nobiliário das Gerações de Entre Douro e Minho* escrito por Manuel de Sousa da Silva. Deste genealógico nos dá notícia abonatória D. António Caetano de Sousa, no *Aparato à História Genealógica*, pág. CLXIII: «Manuel de Sousa da Silva, filho de António de Sousa Alcoforado e de sua mulher D. Isabel da Silva, filha de Duarte Carneiro Rangel. Foi capitão-mor do concelho de Santa Cruz de Ribatâmega: escreveu notas ao conde D. Pedro em um grande volume em fólio que se conserva original da sua mesma letra na livraria de Luís Carlos Machado, senhor de Entre Homem e Cávado. Escreveu em quintilhas os solares de todas as famílias do reino manuscritas e um grande número de títulos de famílias com muita exactidão porque viu os cartórios dos mosteiros antigos do Minho de que tirou muitas antiguidades para as famílias de que tratou».

⁵ Camilo adoptou a lenda dos amores de Camões com D. Catarina de Ataíde, filha de Álvaro de Sousa, mas esta hipótese caducou desde que José do Canto publicou a nota da certidão em que se dá baixa no *Livro das Moradias da Rainha*. em 1543, tendo deixado a corte por casamento com Rui Borges de Miranda. Portanto desmorona-se todo o romance dos ciúmes de Borges de Miranda, e vingança da Berredo, amante de D. João III, causa do conflito do poeta com Gonçalo Borges na procissão de *Corpus*: e também a inferência de que a conhecesse Camões já de Coimbra, pelas proximidades em que estava de Aveiro. A frase de Paiva de Andrada, nas *Lembranças*: «Por estes amores foi quatro vezes desterrado: uma vez de Coimbra...» tem outra interpretação, que se não pode referir a Catarina de Ataíde de Lima, porque estava na infância e nunca viera a Coimbra.

primeiro desterro de Camões para longe da corte, e o segundo para África em castigo da teimosia dele e das vacilações de Catarina de Ataíde na aceitação do opulento Rui Borges, – vacilações transigentes com a riqueza do rival do poeta pobre, a meu ver. A dama não seria muito escoimada em primores de fidelidade. Das damas da corte de D. João III, dizia Jorge Ferreira de Vasconcelos: «todas são mui pródidas em não estarem sobre uma amarra por não ser como o rato que não sabe mais que um buraco» – e talvez pensasse em Camões quando escrevia: «Ele cuida que por discreto e galante há-de vencer tudo; eu quisera-lhe muito mais dinheiro que todas suas trovas, porque este franqueia o campo, e o al é martelar em ferro frio.»⁶ Saiu Camões para a África em 1547, e lá se deteve proximamente dois anos. Quando regressou, a dama da rainha era já casada com Rui Borges e vivia na casa do esposo convizinha de Aveiro, entregue ao ascetismo, sob a direcção de Frei João do Rosário, frade dominicano.

Subsistem umas *Memórias* comunicadas a Herculano em 1852, e datadas em 1573 por aquele frade, nas quais o confessor revela que D. Catarina, quando ele a interrogava acerca do desterro de Camões por sua causa, a esposa discreta de Rui Borges respondia que não ela, mas o grande espírito do poeta o impelira a empresas grandiosas e regiões apartadas. Esta resposta, um tanto anfíbológica, argú e justifica o honestíssimo melindre da esposa.

Se respondesse: «fui a causa de seu desterro», daria testemunho menos nobre da sua ingratidão, e teria de corar como esposa voluntária de Rui Borges, como trega amante do desditoso poeta, e ainda como filha espiritual do frade nimamente indagador que várias vezes e indelicadamente a interrogava sobre o caso melindroso: *E todas las vezes que no poeta desterrado por sua razão lhe falava...* – escreve Frei João do Rosário.

O arrependimento, o tédio e a saudade não a mortificaram longo tempo. Morreu Catarina de Ataíde em 28 de Setembro de 1551, e foi sepultada na capela-mor que dotara no Mosteiro de S. Domingos de Aveiro em sepultura que talvez mandasse construir.

Camões não ignorava a tristeza raladora de Catarina. Este soneto exprime o sentimento duma vingança nobre até ao extremo de compadecida:

*Já não sinto, senhora, os desenganos
Com que minha afeição sempre tratastes,
Nem ver o galardão, que me negastes,
Merecido por fé há tantos anos.*

*A mágoa choro só, só choro os danos
De ver por quem, senhora, me trocastes!
Mas em tal caso vós só me vingastes
De vossa ingratidão, vossos enganos.*

*Dobrada glória dá qualquer vingança,
Que o ofendido toma do culpado,
Quando se satisfaz com causa justa;*

*Mas eu de vossos males a esquivança
De que agora me vejo bem vingado,
Não a quisera tanto à vossa custa.*

⁶ *Eufrósina*, act. I^o, c. VI, e act. II, c. II.

Semelhante soneto dirigido à outra D. Catarina de Ataíde, dama do paço que morreu solteira, não tem explicação. Claro é que Luís de Camões alude à mulher que o vinga padecendo as mágoas resultantes duma aliança em que ele foi ingratamente sacrificado. À outra dama que morreu, estando para casar, segundo a versão colhida pelos primeiros biógrafos, não diria Camões:

... a vingança
 Não a quisera tanto à vossa custa.

Como o vingaria ela, desconhecendo as tristezas de casada que não chegou a ser? Era mister que se desse mudança de vida irremediavelmente aflitiva e remordida de arrependimento para que o poeta se ufanasse de vingado, – e tanto que implicitamente lhe perdoa. O soneto que trasladei não atraiu ainda notável reparo dalgum biógrafo, sendo a página mais para estudo nos amores de Camões.⁷ Antes do generoso soneto, quando a julgava contente, Camões exprimia-se de mui diverso teor. O ciúme, o despeito e a cólera desafogara noutros versos perdoáveis à dor, mas somenos fidalgos. Chamou-lhe cadela.

O viúvo Rui Borges passou logo a segundas núpcias como quem procura em outra mulher a felicidade que não pudera dar-lhe a devota Catarina absorvida no misticismo, como num refúgio aos pungitivos espinhos da sua irremediável ingratidão.

O poeta granjeara inimigos na corte. Deviam ser os Berredos e os parentes de Rui Borges de Miranda. Entre os mais próximos deste havia um seu irmão bastardo, Gonçalo Borges, criado do paço, a cargo de quem corria a fiscalização dos arreios da Casa Real. Teria sido esse o espia, o denunciante das clandestinas entrevistas do poeta com a dama querida de seu irmão?

Em Maio de 1552, Gonçalo Borges curveteava u seu cavalo entre o Rossio e Santo Antão, no dia da procissão de *Corpus-Christi*, em que se mesclava um paganismo carnavalesco de exhibições mascaradas. Dois incógnitos de máscara enxovalharam Gonçalo Borges com remoques. Houve um recíproco arrancar das espadas. Neste comenos, Luís de Camões enviou-se ao irmão de Rui Borges e acutilou-o no pescoço. O golpe, segundo parece, era a segurar; mas não deu resultados perigosos para o ferido. Camões foi preso; e, ao terminar um ano de cárcere, solicitou perdão de Gonçalo Borges que, voluntário ou coagido por empenhos, lhe perdoou, visto que não tinha *aleijão nem deformidade*. A *Carta de perdão*, produzida pelo Sr. Visconde de Juromenha, é datada em 7 de Março de 1553, e está integralmente copiada.⁸

Dias depois, Luís Vaz de Camões safa para a Índia, na mesquinha posição de substituto dum Fernando Casado, e recebia 2\$400 réis como todos os soldados rasos

⁷ O facto notado por Camilo está hoje esclarecido na *Recapitulação da História da Literatura Portuguesa (Renascença)*, p. 401 a 404). Na Canção I, Camões celebra uma desolada partida de Coimbra, e como ali passara a sua encantada mocidade, enlevado nos mais ideais amores. E esse idílio é celebrado em diferentes Sonetos em que o nome da Belisa e Sibila personifica o objecto desse sonho, orgulhosa, soberba e desigual no seu afecto; era sua prima Isabel Tavares, irmã do estouvado Simão Vaz de Camões. A família dela, opulenta em Coimbra, não levou a bem esses amores com seu primo pobre. E a saída de Coimbra foi forçada, como uma espécie de desterro, para evitar complicações, Isabel Tavares casou pouco depois. Podem-se nos Sonetos, Elegias e Églogas destrinçar aquelas que se dirigem a Isabel Tavares pela psicologia da mulher idealizada, tão diferente da tímida ternura e ingenuidade da Catarina de Ataíde de Lima, que ilumina outros Sonetos. João Vaz de Camões casara em segundas núpcias com Branca Tavares, e dela houve esta filha Isabel Tavares; e para cujo casamento obteve do seu primogénito Simão Vaz de Camões o solar da Porta Nova do Chão de Joane Mendes. Efectivamente casou com um Álvaro Pinto. (T. B.).

⁸ *Obras de Luís de Camões*, ed. Jur., tom. I pág. 166.

que embarcavam para o Oriente: e para isto mesmo prestou a fiança de Belchior Barreto, casado com sua tia. Aqueles 2\$400 réis eram o primeiro quartel dos 9\$600 réis, soldo anual do soldado reino!

Expatriou-se na humilhação dos mais desprotegidos. Devia de ter alienado a estima e o favor de amigos influentes, porque saía do cárcere rebaixado pelo desbrío com que implorara o perdão, e réu confesso de uma vingança por motivos menos honestos aos olhos dos velhos sérios, e desdourados na própria fidalguia pelas ribaldarias amorosas dum mancebo de nascimento ilustre. Se Luís de Camões embarcasse para a Índia como o comum dos mancebos fidalgos, receberia 300 ou 400 cruzados de ajuda de custo.

A família *Camões*, no reinado de D. João III, esteve relegada da consideração da corte. O mais notável dessa família, o crúzio D. Bento, prior-geral da sua Ordem, gozou apenas a prelazia monástica, mas sem influência civil dalguma espécie. Simão Vaz de Camões, parente do poeta, senhor dum morgado mediano, era, por esse tempo, um libertino espiado pela justiça, desonrado por delitos graves e alianças matrimonialmente ignóbeis. Os outros ramos vegetavam obscuros; e alguns dessa família que militaram na Ásia não alcançaram alguma qualificação notável nos minuciosos anais de Gaspar Correia. Diogo do Couto nem sequer os nomeia.

No reinado de D. João II, Antão Vaz, avô do poeta, casara com D. Guiomar da Gama, parenta de Vasco da Gama, a quem seguiu à Índia, capitaneando uma caravela, talvez escolhido por Vasco, em atenção ao parentesco. O herói de *Os Lusíadas* enviou Antão Vaz embaixador ao rei de Melinde, a cumprimentá-lo, a levar-lhe presentes e a concertar as pazes.⁹ Luís de Camões, com rara modéstia, omite o nome de seu ilustre avô; dá-lhe, porém, predicados de elegância oratória e compraz-se em o fazer discursar largamente. Na dilação do discurso transluz uma lícita vaidade. Vasco

*Manda mais um, na prática elegante,
Que co rei nobre as pazes concertasse
Partido assi o embaixador prestante,
Com estilo que Palas lhe ensinava
Estas palavras tais falando orava.*¹⁰

Nenhum biógrafo, que me conste, aproximou ainda a passagem do poema do nome do embaixador Antão Vaz. Verdade é que João de Barros, Damião de Góis e o bispo Osório escondem o nome do enviado; e a maioria dos biógrafos não conheceu os mss. de Gaspar Correia, nem consultou senão os expositores triviais. Antão Vaz, como se lê noutros trechos daquele prolixo cronista, é sempre o preferido nas mensagens em que é essência o discurso. Conhece-se que Vasco da Gama o reputava eficaz no dom da palavra. Passado o ano de 1508 não tenho noticias dele, nem sei que se avantajasse no posto com que saiu do reino, comandante de caravela, em 1502. Provavelmente não fez fazenda, como lá se dizia na Ásia, ou porque tinha espíritos por demais levantados da terra nas asas da eloquência, como se depreende do conceito do neto, ou porque pertencia à raça ainda generosa e desinteressada dos primitivos soldados do Oriente. O certo é que a sua descendência, filho e neto, não inculcam herdar-lhe os haveres.

III

Posto que na Carta de perdão se diga que o pai do soldado, Simão Vaz de

⁹ *Lendas* de Gaspar Correia, tom. I, pág. 560 e 561.

¹⁰ Veja as estâncias desde LXXVII a LXXXIV do canto II.

Camões, cavaleiro-fidalgo, morava na cidade de Lisboa, isto não afirma que ele, no ano em que o filho embarcou, ali residisse. Simão Vaz estanciara muito pela Índia, e possuía em Baçaim, em 1543, a aldeia de Patarvali que D. João de Castro, vice-rei, lhe aforara por 60 pardaus.¹¹ Estes aforamentos eram vitalícios e concedidos como remuneração de serviços a fidalgos pobres, porque, dizia o vice-rei, não dispunha doutra moeda. Falecido D. João de Castro, os governadores subsequentes Garcia de Sá e Jorge Cabral, insinuados por D. João III, que já vivia do expediente de empréstimos, anularam as concessões do vice-rei como nocivas aos interesses da monarquia. A aldeia de Patarvali foi reivindicada para a Coroa, e a fortuna de Simão Vaz manifestou-se na pobreza da sua viúva e do seu filho único.

Pedro de Mariz e a série de biógrafos mais antigos testificam que Simão Vaz, tendo naufragado em terra firme de Goa, a custo se salvara e morrera depois nesta cidade. Ora, em 1552, a nau *Zambuco* varou no rio de Seitapor, a trinta léguas de Goa, salvando-se a tripulação. Seria essa a nau em que Simão Vaz de Camões ia novamente no engodo da fortuna esquiva? Se era, em Março de 1553, quando Camões saiu do cárcere, a morte de seu pai não podia ainda saber-se em Lisboa. É certo que, nas *Lendas* de Gaspar Correia e *Décadas* de Couto, o nome de Simão Vaz é inteiramente desconhecido. Seja como for, é necessário expungir da biografia de Luís de Camões um Simão Vaz, residente em Coimbra, primo do poeta, que o Sr. Visconde de Juromenha por desculpável equívoco da homonímia reputou pai de Luís, descurando as induções da cronologia e todas as provas morais que impugnam semelhante parentesco.

Das poesias de Camões nada se depreende quanto aos seus progenitores. Em toda a obra poética e variadíssima do grande cantor não transluz frouxo sentimento filial, – nem um verso referente ao pai. Em todos os seus poemas escritos na África e Ásia, na juventude e na velhice, não há uma nota maviosa de saudade da mãe. Os poetas da Renascença tinham esse aleijão como preceito de escola. Desnaturalizavam-se da família, da trivialidade caseira para se enaltecerem às coisas olímpicas. Gastavam-se na sentimentalidade das epopeias e das éclogas. O amor da família, se alguma hora reluz, não é o da sua – é o das famílias heróicas. Apaixonavam-se pelo mito, timbravam em nos comoverem com as desgraças de Agamémnon ou Níobe. Isto não desdoura a sensibilidade do cantor de Inês e de Leonor de Sá; mas vem de molde para notar que do poeta para com seus pais não se encontra um endecassílabo que lhe abone a ternura. O mesmo desamor se verifica em todos os poemas coevos, quer épicos, quer líricos. Só uma vez em Diogo Bernardes se entrevê tal qual affecto de família a um irmão que professa na Arrábida, e em Sá de Miranda a um filho e a esposa mortos; mas de amor filial é escusado inquirir-lhes o coração nas rimas. Parece que o haverem sido um produto fisiológico do preceito da propagação os sentava de grandes affectos e respeitos a quem os gerou. Não os escandecia em raptos poéticos essa vulgar aliança de filhos a pais.

IV

Luís de Camões achou-se bem, confortavelmente em Goa. As suas cartas conhecidas não inculcam nostalgia, nem a estranheza dolorosa do insulamento em região desconhecida. Rescendem o motejo, o sarcasmo e a vaidade das valentias. Não se demora a bosquejar sequer, com séria indignação, o estrago, a gangrena que lavrava no decadente Império Índico pelos termos graves de Simão Botelho, de Gaspar

¹¹ *Tombo do Estado da Índia*, por Simão Botelho. (Na *Colecção dos Inéditos para a História das Conquistas dos Portugueses*, pág. 198).

Correia, António Tenreiro, Diogo do Couto e dos teólogos. Narra de relance e com frases jocosas as façanhas desses ignorados acutiladiços, as bazófias de Toscano, a moderada fúria de Calisto, e as proezas do duelista Manuel Serrão. Era este Serrão um ricaço de Baçaim, senhor de quatro aldeias, que fizera desdizer um bravo da alta milícia. Comprazia-se Camões nestas histórias façanhosas, chasqueando os pimpões de lá e os de cá, uns que nunca lhe viram as solas dos pés por onde unicamente podiam vulnerá-lo como ao herói grego. Acha-se tranquilo como em cela de frade pregador, e acatado na sua força como os touros da Merceana. Preocupava-o fortemente a bravura.

Como a metrópole da Índia portuguesa, não havia terra mais de feição para chibantes. Escrevia Francisco Rodrigues da Silveira: «Dentro em Goa se cortam braços e pernas e se lançam narizes e queixadas em baixo cada dia e cada hora, e não há justiça que sobre o caso faça alguma diligência: dando por razão que o não permite a Índia, porque ceda qual pretende satisfazer-se por suas mãos de quem o tem agravado».¹²

Depois, as mulheres. As portuguesas caem de maduras, ou porque a lascívia as sorvou antes de sazoadas, ou porque vêm ao chão de velhas: – é opiniativa a inteligência do conceito picaresco. As indígenas são pardas como o pão de rala, têm uns palavreados que travam a ervilhaca, e gelam os mais escandecidos desejos. São carne de salé onde amor não acha em que pegue. Lembra-se das lisboetas que chamam como pucarinho novo com água, e manda-lhes dizer que, se lá quiserem ir, receberão das mãos das velhotas as chaves da cidade. De envolta com estas prosas facetas, envia um soneto e uma écloga fúnebres à morte dum amigo.

Esta carta encerra a nota melancólica duma frase de Cipião: *Pátria ingrata, não terás meus ossos*. Mas a comparação, para não ser um dislate de orgulho, era decerto um gracejo de Luís de Camões. Que lhe devia a pátria em 1553? Ele tinha 30 anos; escrevera poemas líricos excelentes, apenas louvados na roda dos palacianos e dos menos cultos. Ferreira e Sá de Miranda parece que não o conheciam. O bravo que saíra do cárcere com perdão de Gonçalo Borges a quem golpeara o cachaço, ou o toutiço, como disseram os físicos do exame, em verdade, confrontando-se com Cipião Africano, ao desterrar-se, não primava em pontos de modéstia. O seu avantajado e indiscutível direito à gratidão da pátria era um poema começado apenas, ou talvez ainda não tracejado. Camões tem ante si dezasseis anos para pleitear com Vasco da Gama a imperecedoura glorificação que lhe prepara. A pátria desconhecía ainda o seu grande acreedor que se estava germinando no cérebro potentíssimo daquele seu filho – único filho que todas as nações cultas conhecem, e o máximo na imortalidade que tem de sobreviver à terra que cantou.

Os feitos valorosos de Luís de Camões na Ásia não tiveram a notabilidade que os cronistas do Oriente e de D. João III deram a lances insignificantes de homens obscuros. O difuso autor das Décadas, Couto, apenas o nomeia numa crise de pobreza vizinha da mendiguez. Os antigos biógrafos e comentaristas não o condecoram como quinhoeiro nos fastos das carnificinas memorandas. Seria grande elogio à primorosa proibidade de Camões o excluí-lo desses canibalismos, dessa

....bruta crueza e feridade,

como ele invectiva na estância XCIX do canto IV.

Mas entrevejo na cerração de três séculos que o poeta, na apoteose do Albuquerque terrível e do Castro forte – elaborando a epopeia que sagrou em idolatria de semideuses uma falange de piratas, escrevia com as mãos lavadas de sangue

¹² *Memórias dum Soldado da Índia*, compiladas por A. de S. Costa Lobo, Lisboa 1877.

inocente do índio, a quem apenas os conquistadores concediam terra para sepultura como precaução contra a peste dos cadáveres insepultos, quando não exumavam as ossadas dos reis indígenas na esperança de que lhas resgatassem com aljôfar e canela. (13) Façanhas de Camões não sei decifrá-las nos seus poemas; eles – os poemas – só por si sobejam na sua história como acções gloriosíssimas.

V

As suas composições satíricas aos festejos do governador Francisco Barreto parece-me que nunca seriam vistas dos ofendidos nem explicam ódios desnecessários à motivação dos infortúnios do poeta. Esse papel em prosa chegou a Portugal, incluso na carta que vinha com a candeia na mão morrer nas mãos do amigo.¹³ *Os Disparates na Índia* não ofendem, não individualizam nem exprimem nitidamente a feição social. São banais. O desterro para Macau é uma lenda. Não se desterra um inimigo desprotegido e desvalido com uma provedoria, cujo triénio afiançava uma riqueza relativa,

Provedor dos Defuntos e Ausentes de Macau, Luís de Camões fruía abundantes recursos para trabalhar com sossego, despreocupado, estudando a história e a geografia asiática nas Décadas de João de Barros, ao passo que cinzelava de primorosos labores a epopeia arquitectada. O poeta gastava à medida dos proventos e talvez o que licita mente podia dispensar sem menoscabo da sua rectidão. Mariz culpa-o de demasias nas liberalidades consigo e com os outros: *Gastador, muito liberal e magnífico, não lhe duravam os bens temporais mais que enquanto ele não via ocasião de os despender a seu bel-prazer, Mas nem a enchente de bens que lá granjeou (em Macau) o pôde livrar que em terra gastasse o seu liberalmente, e no mar perdesse o das partes em um naufrágio que padeceu terrível.*¹⁴

Sem umas intermitências de estouvance dissipadora e destemperada desordem de costumes, Camões seria a excepção do génio. Tem o talento transcendente crises vertiginosas, doudices sublimes que o extraviam da pauta do bom viver, Ele apreciava mais os gozos, a magnificência, as comoções do que os pardaus amuados na arca. Sabia que o arranjar dinheiro na Índia era fácil, excluídos os escrúpulos. Disse-o ele: *Os que se cá lançam a buscar dinheiro, sempre se sustentam sobre água como bexigas; mas os que sua opinião deita à las armas Mouriscote como maré corpos mortos à praia, sabeí que antes que amadureçam se secam.*¹⁵ Parece, pois, que não

¹³ Carta II.

¹⁴ *Vida de Camões.*

¹⁵ Camilo, escrevendo em 1880, embalava-se na tradição errada da ocupação de Macau antes de 1558, e do estabelecimento aí de uma Provedoria dos Defuntos e Ausentes. Partindo Camões de Goa na expedição do princípio de 1556, como é que podia ser despachado provedor dos Defuntos e Ausentes de Macau, que era ainda a ilhota chamada dos Ladrões onde se acoutava o pirata Chassilau? Aceitando este erro dos antigos biógrafos, Camilo tira-lhe as consequências, explicando o *injusto mando*; pôs Camões, nas crises vertiginosas do talento e sublimes loucuras que o extraviam: «Sabia que o arranjar dinheiro era fácil, excluídos os escrúpulos.» A publicação de uma carta do capitão-de-mar Leonel de Sousa, de 1561, em que descreve o naufrágio nos baixios das ilhas de Pracel, no princípio do ano de 1559, vindo a comandar a nau de Prata, veio revelar o quadro do naufrágio de Camões, que era seu companheiro de viagem, e com ele se salvou na foz do rio Mecom em uma lancha com vinte e três companheiros. Leonel de Sousa diz nessa carta que trazia o dinheiro da Provedoria dos Defuntos, que nesse naufrágio perdeu, e ao chegar a Goa o obrigaram a repor imediatamente. Queixava-se disto ao celebrado ministro Pêro de Alcáçova Carneiro.

Acabe-se de vez com a lenda dos *Defuntos e Ausentes*, que era degradante para o nobilíssimo génio de Camões, arrancado ao rigor da justiça criminal por prepotentes amigos, e tudo o mais que o artificioso estilo fabrica.

procedeu com o espólio cios defuntos e o direito dos ausentes de modo mais zeloso e exemplar que o comum dos provedores das cidades asiáticas.

Os políticos organizadores e residentes na Índia aconselhavam D. João III que nomeasse tesoureiro privativo para o espólio dos mortos, e obstasse a que os dinheiros passassem pelas mãos dos provedores. Logo citarei um exemplo desse alvitre que foi grande parte na acusação que Luís de Camões sofreu como delapidador dos espólios.¹⁶

Acusado e chamado a Goa, sob prisão, pelo governador Francisco Barreto, antes de fechado o triênio da sua provisão, naufragou e perdeu os haveres próprios e os alheios de que lhe pediam conta. Recolhido à cadeia, instaurou-se-lhe processo para o capitularem e remeterem ao reino. Raramente, porém, os capitulados por culpa dessa espécie Vinham ao reino.

Francisco Barreto, gabado exageradamente na sua honra e limpeza de mãos pelo bispo D. Francisco Alexandre Lobo e pelo Sr. Visconde de Juromenha, havia sido também concussionário quando, oito anos antes, governava Baçaim. Contra ordem expressa de el-rei D. João III desmoutava as matas e de mãos dadas com o feito vendia ao Estado a madeira pelo triplo da quantia que lhe custava o corte – uma ladroeira que não o impediu de ser governador da Índia, assim como Garcia de Sá, duas vezes preso como concussionário, substituiu no governo o honrado D. João de Castro. Em 1552 escrevia o veado, da Índia, Simão Botelho, a D. João III estas graves acusações de Francisco Barreto: «O capitão de Bagaim tomou tanta posse com os poderes que lhe vossa alteza mandou, que fez mercês em seu nome, como o vice-rei; vi-o por dois mandados seus; fez escrivão de Fazenda a que pôs de ordenado cento e cinquenta mil-réis, sem licença do vice-rei, e mandou-lhe logo pagar um ano de antemão; paga quanto soldo quer... *E conquanto vossa alteza defendeu por sua provisão que os capitães de Baçaim não cortassem madeira, não o quis Francisco Barreto deixar de fazer, mas antes pediu ao vice-rei, depois de a tirar, que lha tomasse para vossa alteza por avaliação; e custando-lhe a corja de dezoito até vinte pardaus, lha avaliaram a cinquenta e oito pardaus em que se montou perto de dezoito mil pardaus de ouro, que se fez bem a sua vontade; e assim tinha certos cavalos seus, e vende-os no soldo, para que também lhe o vice-rei deu licença para se pagar dele, o qual comprou, em que se montou seis ou sete mil pardaus; e dizem alguns que estavam concertados ele e o feitor sobre estes ganhos, e por se agora desavirem se souberam estas coisas e outras, e mal pela fazenda de sua alteza...*»¹⁷

Aqui está o perfil do tão encomiado Francisco Barreto que pôs em justiça Luís de Camões. Daquele governador diz magnanimamente o Sr. Visconde de Juromenha: *homem por todos os respeitos mui digno de ocupar um lugar tão elevado...* E não acha motivo para que o poeta o censurasse apaixonadamente.¹⁸ Chama-lhe *jovem* e o Sr. Teófilo Braga também adjectiva de jovem o governador. Porquê? Francisco Barreto em 1548 saiu do reino capitão-mor de três naus. Tão importante cargo não era dado a moços, Nove anos depois era provido no governo da Índia. Orçaria por perto dos cinquenta anos – uma juventude realmente duvidosa,

Como em 1880, Camilo escrevia que os feitos valiosos de Camões na Ásia não tiveram notoriedade, Antero de Quental em 1891 seguia a mesma ideia explicando *pela vida repousada na prolongada residência de Macau, em um emprego civil*. Na Elegia III, escrita logo ao chegar à Índia, fala Camões da sua expedição ao Chembé, e sucessivamente cruzeiros do mar Roxo em 1554 e de Adém em 1555 «Numa mão sempre a espada e na outra a pena.» (T. B.).

¹⁶ Carta I.

¹⁷ *Carta de Simão Botelho*, pág. 32. (Na *Colecção de Monumentos Inéditos para a História das Conquistas dos Portugueses*, tom. V).

¹⁸ *Ediç. Jur.*, tom. I. pág. 70 e 83.

Camões estava preso quando cessou o governo de Barreto. D. Constantino de Bragança deu-lhe liberdade, quer movido por compaixão do poeta, quer por induções de sua inocência, Livre deste perigo, Luís de Camões voltou à vida dos amores e das suciatas. Um dia, banqueteara os seus amigos: a primeira cortina do jantar, espiritualmente succulenta, eram trovas. Fez poesias elegíacas à incógnita Dinamene, uma quem quer que fosse que morreu afogada.

*Ah! minha Dinamene! assim deixaste
Quem nunca deixar pode de querer-te!...
Puderam essas águas defender-te
Que não visses quem tanto magoaste!...*

Nesta dor, porém, deve descontar-se o que vai de artifício no ritmo e de engenho calculado:

*«..... Torno a bradar Dina
E antes que diga Mene, acordo e vejo
Que nem um breve engano posso ter».*

Cantou a bailadeira Luísa Bárbara, cativo,

Da cativa gentil que serve e adora.

sempre amores. Diz ele sinceramente:

*No tempo que de amor viver sola
Em várias flamas variamente ardia.*

O certo é que não há vestígios de lágrimas nem sinais duma grande mortificação. Vivia de empréstimos. Miguel Coutinho embargava-o na cadeia por dívidas, e ele satirizava o fero Miguel armado com a sua espada de fios secos. Não cala aquele forte espírito a repelões de infortúnio. Transigia com a desgraça como quem não pode queixar-se conscienciosamente da injustiça humana e da fatalidade das coisas. Arrostando os perigos de segundo encarceramento. A não se darem motivos, Camões não pudera ainda ilibar-se da nota de peculato, quando o conde de Redondo lhe deu liberdade.

Os Srs. Visconde de Juromenha e Doutor Teófilo Braga, encarecendo a estima que o poeta granjeara com o vice-rei conde de Redondo, citam uma carta escrita para o reino em que o conde, falando do expediente do seu governo, mostra a consideração que lhe merece Camões, nesta passagem: «Remeto-me a S. Domingos, e mando tirar os prega dores do púlpito para que venham despachar comigo os feitos; *agora me valho algum tanto do provedor-mor dos defuntos.*»

Este equívoco original do Sr. Visconde, como feição nova na história de Camões, é disparatado pelas incongruências que sugere. Como se há-de crer que o vice-rei chamasse à mesa do despacho um ex-funcionário arguido de concussão no exercício da provedoria de Macau, e ainda não julgado nem absolto, porque, segundo Pedro de Matiz, devia vir para o reino capitulado – acusado em capítulos, ou, como hoje se diria, pronunciado? Concedido ainda que o ouvidor-geral de Goa o absolvesse de ambas as vezes que foi preso –o que se não prova, porque a sua liberdade foi acto arbitrário e porventura equitativo de dois governadores – como admitir que os

magistrados se acamaradassem com o manchado ex-provedor dos defuntos no expediente dos negócios? Esta incompatibilidade facilmente se deslinda e não viria a lume na obra erudita do Sr. Visconde de Juromenha, se, ao versado escritor ocorresse que em Goa havia um *provedor-mor de defuntos* e que esse devia ser o provedor a quem aludia o conde de Redondo. E, de feito, esse magistrado era o licenciado Cristóvão Ferreira, homem probo, consoante o testemunho do veador Simão Botelho de Andrade que, em carta de 30 de janeiro de 1552, dizia a el-rei D. João III: «...O ouvidor-geral André de Mendanha é infamado nesta terra acerca de peitas; pode ser que será mentira: e no mais do seu cargo parece que o faz bem: o *provedor-mor* Cristóvão Fernandes é muito bom homem, segundo dizem, se não é um pouco embaraçado no cargo: parece que havia de haver tesoureiro do dinheiro dos defuntos, porque será melhor despacho para as partes, e andar *o dinheiro mais liquido e certo, quando o não houver de arrecadar a pessoa que houvesse de julgar*». ¹⁹ O frade dominicano que o vice-rei chamava ao seu despacho era esse mesmo Simão Botelho das cartas austeras, que depois de ter sido muitos anos veador e capitão de Malaca, vestira o hábito de S. Domingos, e assim mesmo era consultado por todos os vice-reis, e acompanhara D. Constantino na jornada de Jafanapatão, em 1560, arvorando à frente da hoste um Cristo crucificado. Rodrigo Felner, prefaciando os escritos inéditos de Simão Botelho, mostrou-se pesaroso por não saber o fim daquele homem, «um dos mais ilustrados do seu tempo, e alma incorruptível». Fácil era averiguá-lo, se buscasse na vulgar Crónica de S. Domingos, por Frei Luís de Sousa, ou sequer em Diogo do Couto os últimos actos de tão interessante personagem.

Outra hipótese que me não parece aceitável: – a do provimento da feitoria de Chaul em Luís de Camões pelo vice-rei D. Antão de Noronha. Achou o Sr. Visconde de Juromenha o alvará de Filipe I de Portugal que concede a Ana de Sã a tença de 15\$000 réis que recebia o filho falecido. Diz o alvará: *...havendo respeito aos serviços de Simão Vaz de Camões e aos de Luís de Camões, seu filho, cavaleiro da minha casa e a não entrar na feitoria de Chaul de que era provido, etc.* Disto depreendeu o biógrafo que Luís de Camões fora provido pelo vice-rei D. Antão de Noronha.

Camões não regressaria pobre, empenhado, vivendo do bem-fazer dos passageiros, se o vice-rei o provesse na vaga duma feitoria que avultava ao rendimento de 500 pardaus, como rendimentos e cargos anexos licitamente percebidos. Esse provimento lhe bastaria como hipoteca a adiantamentos e independência relativa. ²⁰ A mim me quer parecer que a feitoria de Chaul lhe foi dada por provisão real depois da publicação de *Os Lusíadas* ao mesmo tempo que se lhe deu a tença, sob condição de residir na corte. A condição de residência seria inexplicável doutro modo. Logo que a feitoria vagasse, cessaria a tença. A condição inibia-o de auferir a tença desde que exercesse o officio.

VI

¹⁹ *Cartas de Simão Botelho*, pág. 40 e 41. Este alvitre do veador, sempre honrado e muito aceito ao monarca, surtiu as cautelas e desconfianças que puseram Camões . lado de muitos réus do mesmo delito, porque sentenciavam a entrega dos dinheiros que «arrecadavam», tornando-os por isso menos *líquidos e certos*.

²⁰ Camilo desconheceu o facto apontado por Diogo do Couto no *Soldado Prático*, que estas nomeações para as Capitaniaes se faziam por *sobrevivências* em Capitaniaes que estavam providas. Era o que se chama estar à bica, para entrar em uma vagatura. Às vezes uma nomeação era para uma quarta ou quinta sobrevivência. Camões nomeado em 1565, pelo vice-Rei seu amigo da mocidade, resolveu em 1569 regressar a Portugal, para não morrer na Índia à espera da sobrevivência da feitoria de Chaul. (T. B.).

A sentença dos 15\$000 réis, o apregoado escândalo da sovina dos ministros, não era, àquele tempo, a miséria que se nos cá figura. Vejamos e comparemos os ordenados daquela época. O ordenado dos desembargadores do cardeal-infante eram de 30\$000 réis, do copeiro-mor 6\$000 réis, do vedor das obras 4\$000 réis, do guarda-mor 13\$000 réis, e do veador da Fazenda 30\$000 réis. As tenças de 30\$000 réis eram apanágio de homens de muitos serviços.

Na conta de receita e despesa de 1557 vê-se que o regedor da Justiça, 45 desembargadores, e os do paço que não eram poucos, e os da Fazenda que eram muitos, todos juntos, receberam dos seus ordenados 3 777\$800 réis. O governador da Casa do Cível, 24 desembargadores, 6 alcaldes, 100 empregados e outros oficiais de justiça, todos juntos, receberam dos seus ordenados 1664\$200 réis.²¹ Trinta anos depois, o numerário não estava mais barato, e os 15\$000 réis de tença de Camões haviam de parecer um excesso, um esbanjamento da Fazenda nacional a qualquer daqueles desembargadores. Diogo Botelho, tão celebrado em África e Ásia, recebia 12\$000 réis de tença.²² Luís de Camões não se julgaria desdourado com os 15\$000 réis, nem essas hipóteses de fomes, frios e mendicidades que se encarecem deve aceitá-las a crítica desligada de velhos preconceitos.

Eu creio tanto na mendicidade de Homero como nos peditórios nocturnos de esmola do António de Java para sustentar Camões. Se o poeta chegasse ao extremo da penúria, acharia no refectório dos seus bons amigos dominicanos com quem tratava frequentemente a farta mesa que ali encontravam somenos beneméritos. Não me sofre o conceito que formo desse egrégio espírito que ele quisesse a vida sustentada com tão desprimorosos expedientes. É a lenda da miséria em que se comprazem as imaginações sombrias. Porque ele pediu em verso uma camisa em Goa, decidiram que o poeta não tinha camisa.²³ Parece ignorarem que a dádiva duma camisa como elas por esse tempo se presenteavam era um objecto caro e luxuoso. A fábula tecida sobre a fome de Camões originou-se talvez dalguns poetas subalternos que entenderam desforçar-se da sua pobreza afrontando a nação que vira finar-se no desconforto o príncipe dos poetas da Espanha. Consolavam-se assim com a camaradagem e vociferavam contra a ingratidão dos parvos, Espanta, porém, que se não clamasse com mais justiça contra os áulicos que deixaram morrer no hospital António Galvão, o apóstolo das Molucas, e Duarte Pacheco Pereira.

Não se pode ajuizar que os proventos do poema impresso lho auxiliassem a vida. Os Lusíadas talvez lhe não surtiram o equivalente da tença nos oito anos de sua maior popularidade. Devia ser vagarosa a extracção da obra, atentas as calamidades daqueles anos – pestes, ameaças de guerra, pobreza do Estado, corrupção de costumes, desavenças no paço, a preponderância dos livros místicos e o descaimento das letras profanas. A segunda edição do poema, no mesmo ano de 1572, em vista dos argumentos plausíveis do académico Trigoso,²⁴ não é aceitável nem sequer verosímil. Falsificaram retrospectivamente a data porque havia razão para recear que uma censura mais severa proibisse nova edição sem os cortes das estâncias que desagradaram à clerezia e à pudicícia duns velhos que poderiam, na verdura dos anos, ter assistido sem pejo às chocarrices obscenas de Gil Vicente, Não se pode calcular

²¹ Rebelo, da Silva, *História de Portugal*, tom. V.

²² *Hist. Gen. da Casa Real. Provas*, tom. VI, pág. 633 e seg.

²³ Refere-se a Oliveira Martins que fazia história na efervescência do estilo; essa camisa era *galante*, como o declara a rubrica da poesia. porque se tratava de uma festa. (T. B.).

²⁴ *História e Memórias da Academia Real das Ciências*. – Tito de Noronha no estudo da primeira edição de *Os Lusíadas* deu pelo exame tipográfico dos textos a solução definitiva do problema literário. (T. B.).

quantos anos intercorreram da primeira à segunda edição; é, todavia, provável que a segunda se fizesse em vida do poeta.

Luís de Camões, se a vida se lhe prolongasse, teria mais abastada velhice. Filipe II de Castela, vindo a Portugal meses depois da morte do poeta, perguntou pelo autor de *Os Lusíadas*. Não me consta que os reis naturais, os legítimos, alguma hora perguntassem por Camões. O intruso concedeu à provecta mãe do poeta falecido a tença que o filho recebia. Este procedimento, e a curiosidade benévola do usurpador é o único acto honorífico que liga a biografia de Camões à dos monarcas. D. João III desterrara-o. D. Catarina e o cardeal desprezaram-o, D. Sebastião ouviria novas do seu poema, lê-lo-ia, e não impugnaria a concessão da tença e do ofício na Ásia. No desprezo, se não ódio da rainha D. Catarina transpira a vingança do rancoroso Francisco Barreto contra quem Camões, livre dos ferros, dardejaria violentas, mas não injustas sátiras. Barreto, chegado a Lisboa, vingou-se de quantos inimigos deixara na Índia. O bravo Gonçalo Falcão, que logo que ele saiu do Governo o desafiara a combate singular, foi mandado carregar de ferros e conduzir a Lisboa. Pôde fugir a tamanha ignomínia o bravo de Jafana patão, escondeu-se em Lisboa, e conseguiu ser absolvido, alegando que os duelos ainda não eram proibidos pelo concílio tridentino, quando ele reptou Francisco Barreto. Não obstante, a Rainha mandou-o riscar dos livros da nobreza e reduziu-o à miséria. D. Sebastião, volvidos anos, restituiu-o à capitania de Sofala, onde expirou apenas tomou posse, Barreto fanatizara a Rainha brindando-a com uma pedra milagrosa que levou da Índia. O seixo tinha sete céus de cores diversas e uma figura de mulher com um menino no colo. Era Nossa Senhora, achada nas mãos dum bonzo! Água onde mergulhassem a pedra sarava muitas doenças; *mulheres de parto muito bem pariam*, assevera Miguel Leitão de Andrade na *Miscelânea*; e nas mãos da Rainha o calhau fazia os mesmos milagres. A viúva de D. João III, além destes seixos milagrosos, gostava muito que os governadores do Levante lhe vendessem bem e pelo maior preço a pimenta. É o que ela pedia fervorosamente a D. João de Castro e aos outros vice-reis. A respeito de poetas e via jantes, dava tanto por Luís de Camões como por Fernão Mendes Pinto – rivais no infortúnio, mas não iguais no merecimento de melhor sorte, Os favores, embora apoucados, que Luís de Camões recebeu da corte são posteriores às finais desavenças de D. Sebastião com sua avó. Esse divórcio deu-se em 1571, e o alvará da tença é lavrado em 1572.

Não vituperamos Filipe I pelo desamor com que tratou os nossos escritores. Não cai a ponto aqui a lista dos talentosos protegidos pelos reis castelhanos, desde Diogo Bernardes, o moço da toalha, até Manuel de Sousa Coutinho, o incendiário da casa de Almada, que, depois de frade, oferecia a sua crónica ao terceiro dos usurpadores. Se Camões se bandearia com Castela como Gabriel Pereira de Castro, Caminha, Pereira Brandão e Corte Real não sei; porém, quando o Sr. Teófilo Braga me nomeia os amigos de Camões parciais do prior do Crato, e entre eles está Miguel Leitão de Andrade, lembra-me se Camões, vivendo, seria tanto por D. António como o preconizado Leitão de Andrade. Diz o Sr. Doutor Teófilo Braga na sua primeira Vida de Camões e repete na segunda, publicada há dias, que o autor da *Miscelânea* «esteve a ponto de ser degolado pelo invasor espanhol». O Sr. Braga entendeu a passagem do carnoz. Miguel Leitão esteve a pique de ser decapitado justamente porque fugia de D. António para o usurpador Filipe. Ele mesmo o refere na *Miscelânea* nestes termos explícitos: *No tempo que o Sr. D. António se levantou rei, me achei com ele em Lisboa, por não poder escusar servi-lo, sendo fidalgo de sua casa. Porém, vendo entregar-se a fortaleza de S. Gião a sua majestade me pareceu ir-me para o dito senhor, e indo já na Golegã, a meu parecer fora já do perigo de morte a todos os que*

se fossem de Lisboa, a qual executava cruelmente Manuel da Silva fronteiro de Santarém, ali me prenderam, etc. E conta depois como pôde evadir-se pela latrina, e foi depois mais tarde a Madrid requerer com o traslado autêntico dos trabalhos que passou para fugir. Também o Senhor Visconde de Juromenha conjecturou que Camões estivesse no Pedrógão, convidado por Miguel Leitão de Andrade quando foi desterrado para Ribatejo. Camões sofreu este desterro em 1546, e Miguel Leitão de Andrade nasceu em 1555. Não me parece aceitável que Camões fosse visitar um sujeito que nasceu nove anos depois da visita. Que processos tão de palpite e fantasmagóricos têm usado estes doutos na biografia de Camões! Se não seria melhor estudar o assunto!

Acusam os jesuítas de propulsores da jornada de África, porque aferventavam o zelo religioso do príncipe fanatizado contra a mourisma. Porque não acusam com maior justiça e sobre provas escritas Luís de Camões? Afirma o Sr. Teófilo Braga que o poeta não simpatizava com a *jornada de África*. Tanto simpatizava que, ao propósito da seta enviada pelo Papa a D. Sebastião, lhe escreveu uma epístola recheada de versos assinalados por uma virulenta retórica sanguinária:

*Já por ordem do Céu, que o consentiu,
Tendes o braço seu, relíquia cara,
Defensor contra o gládio que feriu
O povo que David contar mandara,
No qual, pois tudo em vós se permitiu,
Presságio temos, e esperança clara,
Que sereis braço forte e soberano
Contra o soberbo gládio Mauritano.*

.....
*Que as vossas setas são na justa guerra
Agudas, e entrarão por derradeiro
(Caindo a vossos pés povo sem lei)
Nos peitos que inimigos são do Rei.*

Está revendo a incitadora carta um coração que ainda vibra hostil como outrora o braço valoroso do mancebo que se estreara em Ceuta. Não se condene Luís de Camões por esse entusiasmo; mas reservemos os louvores da prudência discreta e previdente para o bispo Jerónimo Osório e Martins Gonçalves da Câmara. Se pretendem ilibar Camões da nódoa quase comum dos fidalgos – para que nos dizem que o alquebrado poeta escreveu bastantes estâncias cantando, por hipótese, o regresso triunfal do coroadado imperador de Marrocos? Essa mal estreada epopeia condiz à índole belicosa de Camões – foi a última e malograda explosão do seu patriotismo; todavia, é uma prova negativa do seu juízo político. Enfim, sempre poeta e sublime poeta do amor e das batalhas, foi astro que refulgiu até ao ocaso, apesar dos anos agravados de doença, de necessidades suportadas com a impaciência da velhice, e um pouco do fel do ciúme doutros poetas eleitos para cantarem a *Ilíada* africana.

VII

Se Luís de Camões, em pureza de costumes, condissesse com a sobre-excelência do engenho, seria exemplar único de talento irmanado com o juízo. Não se conciliam as regras austeras da vida serena e pautada com as convulsões da fantasia. Amores de alto enlevo e de baixa estofa, o ideal de Catarina de Ataíde e as carnalidades das

malabares e bailadeiras levantinas – o exaltar-se a regiões de luz divina e o cair nos tremedais do vulgo – essas vicissitudes que a si mesmo fazem o homem assombroso em sua majestade e miséria, tudo isso foi Camões, e em tudo isso foi semelhante aos génios eminentíssimos,²⁵ mas nenhum homem como ele pôde redimir-se de suas fragilidades, divinizando os erros da imprudência, fazendo-se amar nos extravios, e immortalizando-se em um livro que ao fechar de três séculos, alvoroça uma nação. É de nós todos esse tesouro legado por um homem que no dia 10 de Junho de 1580 expirava na obscuridade. Ele teve de esmola a mortalha. Permita a providência das nações que Os *Lusiadas* não sejam a esplêndida mortalha que Luís de Camões deixou a Portugal.

Camilo Castelo Branco.

²⁵ Antero de Quental, que sofreu a mesma hiperestesia de Camilo, também retrata Camões visto através do seu temperamento. Agradecendo ao lusófilo Máximo Formont o livro *Les Inspiratrices* em que estuda o tipo de Catarina de Ataíde e o amor de Camões, desenha um extraordinário retrato moral do Poeta como um flagrante vencido da vida:

«A verdade é que Camões não foi na Índia senão um soldado como os outros soldados; não se cita dele nenhum feito de armas particulares; o seu nome não está ligado a nenhum acontecimento militar importante, e mesmo uma parte da sua vida no Oriente passou-se em Macau, onde se não batalhava e em funções civis. Ele não foi mesmo tão Particularmente desgraçado como se pretende: à excepção de alguns altos fidalgos, providos de bons governos, toda a outra gente levava ali vida de aventureiro, cheia de altos e baixos, mas passava-a alegremente, porque geralmente era-se rapaz, e no fundo isso era uma vida heróica. Camões divertia-se por lá como os outros; aí fazia representar os seus Autos, compunha versos facetos, banqueteara-se com amigos, o consolava-se da sua grande paixão com as moças indígenas, com o que não se dedignava tanto, que as *Endechas à Bárbara Cativa*, provem, que nisso entrava mais que o capricho dos sentidos. que até metia muito dos seus afectos e do seu coração, Eu creio que há ainda uma boa parte de legenda e de romantismo na ideia que se faz da vida de Camões; bem ponderado tudo, Camões foi antes um homem mais feliz do que um homem desgraçado. A ventura burguesa e sossegada não lhe convinha; ele teve a vida da aventura e da forte emoção que quadrava ao seu génio, e «que todo o verdadeiro poeta preferirá sempre do que estou convencido, não se importando com tal ventura calma e monótona.» (*Cartas de Antero de Quental*, p. 232. Coimbra, 1915).

As palavras que com mais justiça se podem aplicar a este juízo sobre Camões, serão 08 Próprias palavras de Antero de Quental amesquinhando o Centenário em 1880: « Há para um grande poeta alguma coisa mais triste do que ter morrido miseravelmente, como diz o Epitáfio de Luís de Camões. É não ser compreendido, nem ainda depois de morto, e julgado por aqueles que se apregoam herdeiros e intérpretes do seu pensamento. » (*No Círculo Camoniano*).

NA PRIMEIRA EDIÇÃO

A índole deste poema é absolutamente nova; e assim não tive exemplar a que me arrimasse, nem norte que seguisse

Por mares nunca dantes navegados.

Conheço que ele está fora das regras; e que, se pelos princípios clássicos o quiserem julgar, não encontrarão aí senão irregularidades e defeitos. Porém declaro desde já que não olhei a regras nem a princípios, que não consultei Horácio nem Aristóteles, mas fui insensivelmente depós o coração e os sentimentos da natureza, que não pelos cálculos da arte e operações combinadas do espírito. Também o não fiz por imitar o estilo de Byron, que tão ridiculamente aqui macaqueiam hoje os Franceses a torto e a direito, sem se lembrarem que para tomar as liberdades de Byron, e cometer impunemente seus atrevimentos, é mister haver um tal engenho e talento que, com um só lampejo de sua luz, ofusca todos os descuidos e impede a vista deslumbrada de notar qualquer imperfeição. Não sou clássico nem romântico; de mim digo que não tenho seita nem partido em poesia (assim como em coisa nenhuma); e por isso me deixo ir por onde me levam minhas ideias boas ou más, e nem procuro converter as dor outros, nem inverter as minhas nas deles: isso é para literatos de outra polpa, amigos de disputas e questões que eu aborreço.

A acção do poema é a composição e publicação de *Os Lusíadas*; os outros sucessor que ocorrem são de farto episódicos, mas fiz por os ligar com a principal acção. Tão sabida é a fábula ou enredo dos *Lusíadas* e a vida de seu autor, que nem tenho que fazer mais explicações a este respeito, nem será difícil ao leitor o distinguir, no meu opúsculo o histórico do imaginado: mas não separará decerto muita coisa, porque das mesmas ficções que introduzi, têm sua base verdadeira as mais delas.

Sobre ortografia (que é força cada um fazer a sua entre nós, porque a não temos) direi só que segui sempre a etimologia em *razão composta* com a pronúncia; que acentos só os pus onde sem eles a palavra se confundiria com outra; e que hoje de boamente seguirei qualquer método mais acertado, apenas haja algum geral e racionável em Português: o que tão fácil e simples seria se a nossa academia e governo em tão importante coisa se empenhassem.

Paris, 22 de Fevereiro de 1825

NA SEGUNDA EDIÇÃO

A primeira edição deste poema, que se concluiu em Paris em 21 de Fevereiro de 1825, extinguiu-se logo em dois anos pelo ingénuo favor do público, que se não faziam então ainda em Portuga! as reputações dos homens e dós escritos a tanto por linha nas colunas de um jornal. Era, de mais a mais, obra de um proscrito: apenas se anunciava entre os amigos, ao ouvido. Só um ano depois de publicada e mais de meia extraída a edição, é que dela se pôde fazer aviso nas folhas publicar de Portugal, quando restaurada a liberdade pela outorga da Carta. No fim de 1827 já se reclamava segunda edição do poema *Camões*. Mas primeiro as vicissitudes políticas do reino e ocupações graves do autor, depois o desejo de se mostrar grato ao favor público, aperfeiçoando e corrigindo em idade de mais reflexão o que ele sinceramente entendia que só lhe fora desculpado por verdura juvenil, foram adiando indefinidamente a execução deste que era comum desejo do autor e do público.

No entretanto contrafeições brasileiras reproduziram as primeiras edições desta assim como de outras obras do autor: estímulo que principal e finalmente o resolveu a tirar às horas do descanso de suas ocupações para corrigir n obra e a entregar de novo ao prelo.

Muitas publicações literárias nacionais e estrangeiras tinham, no intervalo, examinado, censurado e louvado o Poema *Camões*. Entre outros jornais, o *Português em Londres*, a *Padre Amaro*, o *Popular*, os *Ocios de los Españoles emigrados*, Mr. Kinsey no seu *Portugal Illustrated*, o *Foreign Quaterly Review*, e ultimamente a *Revista do Porto*. Cada um a seu modo e gosto notou o que lhe pareceu beleza ou defeito: todos porém o fizeram com urbanidade e indulgência tal, que não só penhorou o autor mar produziu em seu ânimo o que infalivelmente produz sempre a censura bem-criada – o contrário dar invectivas grosseiras que hoje são moda – desejo e empenho verdadeiro de emendar os defeitos notados, e os muitos mais e maiores que por si próprio descobrira e de que se acusava.

Neste intuito releu o seu juvenil ensaio, e algum tempo hesitou se o renovaria dos fundamentos e trataria inteiramente em novo plano. Resolveu porém não o fazer, porque embora ficasse a obra melhor – quem sabe se ficaria? – era outra, não já a mesma: e entendeu ser quase um crime de falso para com o público dar-lhe. com o mesmo nome e título, uma composição diferente da que já merecera, ainda que por insigne indulgência, a sua incontestada aprovação.

Sem alterar portanto a contextura original do poema, todo se deu a corrigir o estilo, a suprir algumas não poucas deficiências no desenho de vários quadros, a aperfeiçoar as cores de todos, enriquecendo-o e aumentando-o tanto, que, sendo indisputavelmente a mesma, é todavia uma nova obra a que nesta edição se publica.

Algumas das notas exuberantes e em que se via o desejo de criança que queria brilhar de erudita, foram cortadas; muitas outras necessárias à inteligência do texto, ou úteis para ilustrar alguns pontos de arqueologia e história literária, foram aumentadas. Repetimos que é inteiramente uma nova obra, e a mesma todavia.

Por parte dos editores houve todo o esmero e cuidado: algumas pequenas incoerências ortográficas são devidas à incerteza da medida legítima entre nós, que o autor tanto tem forcejado por fixar, aferindo-a pelo seu único tipo verdadeiro e possível, a etimologia modificada pela pronúncia.

Lisboa, 30 de Setembro de 1839

NA TERCEIRA EDIÇÃO

Demos o segunda edição autêntica do presente poema em mais de meado de 1839; e em menor de um ano estava extinta, quase no só consumo da Europa, pois que as contrafeições brasileiras impedem o da América. Vem tão demorada esta terceira edição porque o autor a não queria consentir sem rever escrupulosamente a obra, sem a corrigir e aumentar de novo, como é seu costume. Faltava-lhe vagar; mas resolveu-se enfim a satisfazer ao empenho do público: e hoje sai outra vez o poema *Camões* mais perfeito e mais digno da sua popularidade, pela muita correcção, aditamentos e melhorias que leva.

Entre as muitas homenagens que este belo poema tem recebido de nacionais e estrangeiros, escolhemos, Para lhe dar lugar aqui e para mais ilustrar esta nossa terceira edição, a elegantíssima ode de Mlle. Pauline de Flaugergues, publicada na sua bem conhecida colecção que tem por título *Au Bord du Tage* (Paris, 1841). Ao pé dela achará o leitor, no lugar competente, a linda tradução que dedicou ao nosso ilustre poeta um de seus mais distintos admiradores, o Sr. J. M. do Amaral, actualmente ministro do Brasil na Rússia.

Lisboa, 8 de Julho de 1844

NA QUARTA EDIÇÃO

Concluimos enfim esta quarta edição autêntica do poema Camões que há tanto era desejada. Foi revista e aumentada pelo autor ainda com mais escrupulo e esmero do que as antecedentes, que nenhuma delas, e esta menos que nenhuma, se pode dizer reimpressão da antecedente: todas têm sido aditadas assim no texto do poema coma nas notas.

A nitidez e elegância tipográfica da presente edição também é fácil de ver quanto excede as outras: homenagem de reconhecimento não menos devida pelos editores que pelo autor à excessiva indulgência e favor público com que esta obra tem sido universalmente acolhida.

Lisboa, 21 de Março de 1854

CAMÕES

CANTO PRIMEIRO

*Esta é a ditosa pátria minha amada,
à qual se o céu me dá que eu sem perigo
Tome com esta empresa já acabada.
Acabe-se esta luz ali comigo.*

Lusíad.

I

Saudade! gosto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,
Que me estás repassando o íntimo peito
Com dor que os seios de alma dilacera,
– Mas dor que tem prazeres – Saudade!
Misterioso númen que aviventas
Corações que estalaram, e gotejam
Não já sangue de vida, mas delgado
Soro de estanques lágrimas – Saudade!
Mavioso nome que tão meigo soas
Nos lusitanos lábios, não sabido
Das orgulhosas bocas dos Sicambros
Destas alheias terras – Oh Saudade!
Mágico númen que transportas a alma
Do amigo ausente ao solitário amigo,
Do vago amante à amada inconsolável,
E até ao triste ao infeliz proscrito
– Dos entes o misérrimo na terra –
Ao regaço da pátria em sonhos levas,
– Sonhos que são mais doces do que amargo,
Cruel é o despertar! – Celeste númen,
Se já teus dons cantei e os teus rigores
Em sentidas endechas, se piedoso
Em teus altares húmidos de pranto
Depus o coração que inda arquejava
Quando o arranquei do peito malsofrido
À foz do Tejo – ao Tejo, ó deusa, ao Tejo
Me leva o pensamento que esvoaça
Tímido e acovardado entre os olmedos
Que as pobres águas deste Sena regam,
Do outrora ovante Sena. Vem, no carro
Que pardas rolas gemedoras tiram,
A alma buscar-me que por ti suspira.

II

Vem; não receies a acintosa mofa
 Desta volúvel, leviana gente:
 Não te conhecem eles. – Eia, vamos!
 Deixa o caminho da infeliz Pirene:
 Tais mágoas, como aí vão, poupa a meus olhos;
 Assaz tenho das minhas. – Largo! aos mares:
 Livres corramos sobre as ondas livres
 Do Oceano indomado por tiranos,
 Livre como saiu das mãos do Eterno,
 Sua feitura única no globo
 Que ímpias mãos de homens não puderam inda
 Avassalar, destruir. Aí de entre as vagas
 Surge a princesa altiva das armadas,
 Pátria da lei, senhora da justiça,
 Couto da foragida liberdade.
 Salve, Britânia, salve, flor dos mares.
 Minha terra hospedeira, eu te saúdo!
 Se ora pousando em tuas ricas praias,
 Pudesse ir abraçar fiéis amigos
 Que pelas ribas desse nobre Thamesis
 Vivem à sombra da árvore sagrada
 De abençoada independência a vida!
 Não posso; mus sobeja-me a lembrança
 Indelével, e a voz não morredoura
 Da amizade gratíssima e sincera.

III

Certo amigo na angústia, que aos tormentos
 Mirradores que a vida me entravavam,
 Adoçaste o amargor, e com benigna
 Destra cravaste à roda do infortúnio
 Cravo que o giro bárbaro lhe impeça;
 A ti, a quem a vida, que se me ia
 Em desalento, em desconforto, devo,
 A ti minhas endechas mal cantadas
 Nus solidões do exílio, onde as repetem
 Os ermos ecos de estrangeiras grúas,
 A ti meus versos consagrei na lira:
 Quebrada sobre o escolho da desgraça
 Inda lânguidos sons desfere a medo,
 Que a teu fiel ouvido vão memórias
 Lembrar da pátria e recordar do amigo.

IV

Ouves? Rija celeuma aos ares sobe
 E fere os ventos que nas ondas folgam.

– «Terra, terra!» bradou gajeiro alerta.
 – «Terra!» ecoa confusa vozearia
 Da marítima turba: Oh! voz querida,
 Doce aurora de gozo e de esperança
 Ao coração do nauta enfraquecido,
 Do alquebrado sequioso passageiro,
 Que a esposa, os filhos, ou talvez a amante,
 Nessa voz doce e grata lhe alvejaram.

V

Terra, e terra da pátria! Debuxada
 Se vê pulando a mágica alegria
 Nos semblantes de todos. Já contentes,
 Um se afigura surpreender o amigo,
 Outro à esposa fiel cair nos braços;
 Este da velha mãe, que há tanto o chora,
 Ir enxugar as lágrimas aflitas;
 Aquele, entre alvoroços e receios,
 Não ousa de pensar se ao pai enfermo
 Na descarnada mão rugosa e seca
 Ósculo filial lhe é dado ainda
 Respeitoso imprimir, – ou se a ternura,
 Se o amor de filho sobre a laje avara
 Se irá quebrar de gélido sepulcro
 Que em sua ausência – tão longa – lho roubasse.
 Qual da amada, que sempre foi constante,
 – Ou sempre, ao menos lha pintou de longe
 A namorada ideia – perto agora
 Começa de temer que tal distância,
 Separação tamanha e tão comprida,
 Novo amante mais perto... – Mas quem sabe?
 Talvez... E esse talvez é de esperança
 Sempre querida, sempre lisonjeira.

VI

Um só no meio de alegrias tantas
 Quase insensível jaz: calado e quedo,
 Encostado à amurada, os olhos fitos
 Tem nesse ponto que negreja ao longe
 Lá pela proa, e cresce a pouco e pouco.
 Era esse o extremo promontório
 Que dos montes de Cíntia se projecta
 Sobre o fremente Oceano que na base
 Tremendo quebra as enroladas vagas.
 No gesto senhoril, mas anuviado
 De sombras melancólicas, impresso
 Tem o carácter da cordura ousada
 Que os filhos enobrece da vitória:

Gesto onde o som da belicosa tuba
 Jamais a cor mudou, nem feito indigno
 Tingiu de pejo vil. Na tez crestada
 Honrada cicatriz, que envergonhara
 Adamados de corte, dá realce
 Às feições nobres do gentil guerreiro.
 Desses olhos que a luz ateou do engenho,
 Quem um dos lumes apagou? – A guerra
 No campo das batalhas. Um que resta
 Vivaz centelha, e ávido se alonga
 À recobrada pátria. – «Pátria» disse
 Em voz tão baixa, que a tom aras antes
 Pelos ecos do interno pensamento
 Falando ao coração sem vir aos lábios,
 «Pátria, alfim torno a ver-te» – E lacerando
 Entre os lábios mordidos o ai sentido
 Que as piedosas palavras lhe seguia
 Recaiu na tristeza taciturna
 De que a ideia da pátria o despertara.

VII

Galerno e fresco o vento sussurrava
 Pelas inchadas velas. Já na terra,
 Que a olho se avizinha, as mal distintas,
 Diversas cores surdem; – logo o escuro
 Dos pardos sulcos discrimina a vista
 Dos arrelvados campos; depois vêem-se
 As casas alvejando entre a verdura:
 Eis claro o porto amigo. – Tal observas,
 Sob os pincéis de artífice divino,
 Primeiro a incerta cor de vagas tinias
 Que aos toques mestres, nesse caos de arte,
 Se desenvolvem ciaras, se aviventam;
 Azula o céu, alteia-se a montanha,
 Copa-se o bosque, escarpam-se os rochedos,
 De amenas flores se recamam prados
 Que pisam ninfas belas... Pasma absorta,
 Admirando-se n'arte a natureza.

VIII

O sol descia rápido, e já perto
 De seu diurno termo, começava
 A destingir no verde-mar das águas
 A açafroada cor de que se adorna
 No ocaso derradeiro. Leves giram,
 Do seguido baixel cruzando em torno,
 Como um bando de toucas mariposas
 Em derredor da chama, as destemidas

De férrea proa rápidas muletas.
 Grosseiros parabéns em brado rudo
 Dos leves barcos soam: modulada
 Ao rouco som das vagas nos cachopos,
 A voz do pescador brama como elas.
 – «Piloto!» gritam; e a um sinal de bordo
 Do alteroso galeão, dum salto pula,
 – Qual delfim namorado nas campinas
 Do azul-escuro mar – o palinuro
 Nos segredos do Tejo iniciado.
 Rege a manobra falador apito:
 – «Alá... amaina!» Eis passada a estreita boca
 Por onde seus tributos de água e de ouro
 Leva ao Oceano o rio de Ulisseia.
 Junto da torre antiga e veneranda,
 – Hoje tão profanado monumento
 Das glórias de Manuel – âncora desce;
 E aos ingratos, inóspitos baloiços
 Do longo velejar, sucede o brando
 Meneio da suavíssima corrente,
 Que no remanso de seguro porto
 Tão doce é de sentir ao nauta exausto
 Dos repelões irados de Neptuno.

IX

A monótona grita compassada
 Da festiva companhia se ala o esquife
 Ao bordo erguido, donde desce às águas.
 Alegres, – como a noiva que franqueia
 O limiar da paternal morada
 No risonho cortejo que em triunfo
 A leva às casas do ansiado esposo, –
 Ao pintado escaler velozes saltam
 Dos passageiros a ávida caterva.
 Desce último o guerreiro pensativo.

X

– «Rema!» Da popa, onde modera o leme,
 Brada o mestre: obedece à voz o remo;
 E ao golpe certo resvalou dum pulo
 Pela corrente lisa o leve esquife.
 Um sentido clamor, como suspiro
 De amargurado tom, vem da amurada
 Do alteroso galeão. Volvem-se os olhos
 Maquinalmente ao sítio donde veio.
 Quem viram nele? Um pálido semblante,
 Onde à malaia cor requinta o cobre
 Viva expressão de angústia. Os olhos negros,

Nessas faces tostadas do sol de Ásia,
 Brilham por entre as névoas duma lágrima,
 E parecem dizer na muda súplica:
 – «Oh! não abandoneis o pobre escravo!»

XI

Do homem, que é mau do berço à sepultura,
 Uma só coisa à natureza deixam
 Os hábitos ruins que não pervertam:
 Do coração é o primeiro impulso.
 O gesto aflito do Índio suplicante
 Dos remeiros contrai as mãos calosas,
 E involuntária a compaixão se pinta
 No parecer de todos. – Mas não tarda
 A sufocar a débil voz do instinto
 O que chamaram *reflexão* no mundo:
 Melhor dirias *reacção*. dos hábitos
 Que um instante vergou a natureza.
 – «Avante!» clama o torvo mestre «Avante!»
 Como que envergonhado do momento
 Que involuntário ao coração cedera.
 – «À fé que não» gritou co acento austero
 Que tão bem fica aos lábios da virtude,
 Quando ante a prepotência ousam de abrir-se,
 «À fé que não» bradou, e em pé se erguia
 O nobre, melancólico soldado,
 Sem desfitar do humilde escravo a vista,
 «Encontrai a tomá-lo.»
 – «O quê, amigo?
 Por vida minha, o que quereis ao Índio?
 Neste meu escaler dessa fazenda
 Não levo a terra».
 – «Tal fazenda é ela,
 Que desse estofa a não vereis amiúde.»
 – «Grão valor é o do escravo!»
 – «É meu amigo.»
 – «Amigo! amigos tais trazeis ao reino!
 Rico vindes da Índia.»
 – «Rico!... certo:
 De feridas ao menos...»
 Suspendeu-se,
 Corrido das palavras que soltara
 Diante de tal gente: a cor do rosto
 Claro lhe indica o pejo que envergonha
 O homem honrado de indiscretos lábios
 No calor da disputa lhe caíram
 Em repreensível gabo de si próprio.

XII

No gesto do guerreiro se fixaram
 Os olhos circunstantes e o respeito
 Que uma acção generosa inspira ao vulgo,
 Por aqueles semblantes se pintava.
 Mas o grosseiro mestre não se corre
 Do feito descortês: e os sinais tantos
 Da desaprovação geral o irritam.
 Rudas imprecações, que rudas soam
 Como os calabares que reger costuma,
 De novo os remos a vogar excitam.
 De alta amurada do galeão suspira
 O desprezado escravo. – Um movimento
 De involuntária cólera e despeito
 Leva a mão do guerreiro malsufrido
 Da espada ao punho. – Olhou-o e c'um sorriso
 Que parece dizer: «Quem sobre as ondas
 Vida de p'rigos vive, não enfia
 Aos lampejos da espada» – só responde
 O carrancudo mestre. – Nesses tempos,
 Que heróicos chama o entusiasta ardente,
 Bárbaros o filósofo, e que ao certo
 Foram pasmosa mescla de virtudes
 E atrocidades, – de honra e de crueza,
 Era o sangue juiz de tais pendências
 E ao defeito da lei supria a espada.
 Bárbara usança!... porém nobre ao menos.
 Hoje que hemos sofrido de covardes,
 Sem pejo, que nos roube a prepotência
 Dos tribunais as leis, das mãos a espada...
 Degenerados netos, ousaremos
 N ossos livres avós taxar de bárbaros?

XIII

Vira o Tejo suas águas cristalinas
 Roxas ali de sangue; e o breve espaço
 Do curvo esquife não tivera as iras
 Da mal-avença aos dois, se um poder alto,
 Tão Forte quanto é meigo, não viera
 Intervir na disputa malferida.
 Num canto do escaler, humilde e absorto
 Em pensamentos que não são da terra,
 Um velho, em que até ali não atentaram
 Indiferentes olhos, se assentara.
 Alvejavam-lhe as cãs das longas barbas
 No burel negro que lhe cobre o peito.
 O tempo, que tão longo tem passado
 Pela acurvada frente, lhe ceifara
 Messes em que talvez a mocidade

Viçosa lourejou: hoje o que cesta,
 – Raro respigo ao segador caído –
 Tira à cor baça do ligado argento.
 Como que a humanas cousas retirados,
 Se encovaram nas faces descaídas
 Os olhos, onde a luz quase assemelha
 À lâmpada que ardeu no tabernáculo
 Inteira a noite, e ao arraiar do dia
 Falece à míngua de óleo. A mão tremente
 Em viageiro bordão arrima; e calçam
 Nus os pés as sandálias costumadas
 A sacudir o pó da terra do ímpio.
 Rico de afrontamentos e trabalhos,
 Vinha do longe oriente à ocídua praia,
 Não ao repouso plácido à velhice,
 Mas a solicitar novas fadigas
 Em recompensa de outras. Destes eram
 – Antes de se enredar em vãs disputas
 De orgulho e presunção mais que mundana –
 Os que n'Ásia opulenta, África adusta
 Levavam depós si nações inteiras
 Ao culto de um só Deus, da lei mais santa,
 Que – tirai-lhe o que os homens lhe hão mesclado-
 Jamais na terra apregoaram homens.

XIV

Foi este o anjo de paz que em tal fermento
 De azedas iras verteu mel suave
 Da branda persuasão que as amacia.
 – «Cavaleiro, essa mão na cruz da espada»
 Disse grave e solene o missionário
 «Quer dizer inimigo, à frente, – na asa ²⁶
 Da batalha, em pendência generosa
 Pelo rei, pela pátria... Aqui amigos,
 Cristãos, mercê de Deus, somos nós todos
 Quantos somos aqui. E ao céu não praza
 Que um cavaleiro português arranque
 Contra seu natural armas de sangue.
 Perdoai as lhanezas de um soldado
 Que cercos também viu, e jogou lanças
 Com mouros e gentios: – neste velho
 Corpo nem sempre andou burel de monge;
 Malha também vestiu...– mas uma espada
 Ou na batalha em mãos de cavaleiros,
 Ou fora dela a rufiões só cabe».
 – «Tão covarde não sou que a tal contrário...»
 Balbuciou, serenando o cavaleiro:
 «Mas» – e de novo a voz se lhe animava,

²⁶ Ala.

«Mas o meu Jau fiel, o meu amigo,
 Único amigo!»
 «Honra-vos dizê-lo,
 Honra-vos, cavaleiro» torna o velho,
 «Que andrajos e pobreza vos não pejam,
 E ousais chamar amigo ao desgraçado.
 Mas, filho... mas, senhor, não há bom feito
 Que justifique um mau.»
 Ao duro nauta
 Voltando-se lhe diz:
 – «Amigo, é justo
 O que pede este nobre cavaleiro.
 Duros de coração Deus não ajuda.
 Que pesa o pobre escravo? Ir-me-ei a bordo,
 E o meu lugar lhe cederei com gosto.
 Que tem? Filho de Deus como nós somos.
 Mal enroupado? Corações bem nobres
 Encobre amiúde o saio remendado.
 Se o cavaleiro te ofendeu, seguro
 Que não é ele de negar o justo
 A quem devido for»
 «Não sou por certo:»
 O guerreiro acudiu; e mal pesada
 Tirou pequena bolsa:
 -«Aí tendes, mestre;
 Poucos pardaus contém... (Menos me ficam,
 Talvez nenhuns...)» em tom mais baixo e trémulo,
 Quase de não se ouvir; nem certo o ouviram.)
 «Porém daqui à praia não vai muito,
 E a passagem do Jau...»
 – «Guarda a tua bolsa»
 Ruda interpôs a voz rouca do nauta,
 – «Cavaleiro orgulhoso; tanto quero
 Os teus pardaus, como a tua espada temo.
 Mas este padre fala como um anjo;
 E o que ele disse, é dito. Atraca a bordo;
 E abaixo o amigo Jau. – Rema!»
 De um salto
 O Índio na lancha; e a lancha em mores pulsos
 De oito nervosos braços compelida
 Sobe do Tejo a límpida corrente.

XV

Após o disputar veio o silêncio,
 Que em finda altercação, mal repoisado
 O ânimo pede, – e aos na contenda estranhos
 Por simpatia natural se estende.
 Era então noite: rápidos se esvaem
 Em nossos doces climas os momentos,

Que entre as trevas e a luz vacilam curtos.
 A natureza, pródiga em beldades
 Por tão risonhas terras, lhe há negado
 A mágica ilusão que os véus estende
 Nessa hora de saudosos pensamentos
 Sobre os campos boreais: – hora tão triste,
 Mas de tal suavidade melancólica!
 – Não te hão formado o coração no peito
 As maternais entranhas, se não ouves,
 Nessa hora misteriosa do crepúsculo,
 Uma voz que te diz: *Estes momentos*
Consagrou natureza a doces mágoas.
 O amigo ausente, a solitária amante,
 O pai longe, o filhinho em terra estranha,
 Imagens são que do vapor das terras
 Amigas fadas no crepusc'lo formam.
 E ante os olhos volteiam de alma absorta
 N'hora sagrada ao génio da saudade.
 Oh! serei eu nos sonhos do sepulcro,
 Entre o nada das cinzas, – quando a noite,
 Qualquer que seja o ângulo do mundo
 Em que meus pés se poisem, me não traga
 Lembranças dos momentos deliciosos
 Que, nesse intercalar de dia e noite,
 Da nebulosa Álbion gozei nos campos,
 Quando no berço teu, bardo ' sublime,
 Inimitável, único, espraiava
 Por infindas planícies de alvo gelo
 Os desleixados olhos, e topava,
 Ao cabo lá da vastidão, coas cimas
 Das elevadas grimpas que se aguçam
 Sobre as arcadas símplices do templo,
 Entre as choupanas da vizinha aldeia;
 E se me afigurava à mente alheada
 Ouvir o canto fúnebre das harpas
 Que da sensível Julieta ao túmulo
 As nébias acompanham.

XVI

Mas quão longe
 Me tornou a volver do Tejo ao Thamesis,
 Cortado de memórias que o confundem,
 O pensamento vago! – Escura a noite
 Suas roupas de dó tinha estendido
 Pelas torres da ínclita Ulisseia.
 Naquele puro céu nem leve sombra:
 Ausente era Diana e seu modesto,
 Sereno brilho: mas, sem luz que as vexa
 Com mais vivo fulgor, se esparze doce

O alvo lume das cândidas estrelas,
 Que em trémulos reflexos pelas águas
 Do cristalino rio se espelhavam;
 Onde consoladora se exalava,
 Como um sussurro de viçosas folhas,
 A alma brisa da noite, refrescando
 Os corpos então áridos das chamas
 Com que o touro celeste em fúria ardia.
 Raras começam a brilhar nas trevas,
 Pelas estreitas góticas janelas,
 As veladoras luzes: acalmava-se
 O vivaz burburinho da cidade,
 E no sossego plácido da noite,
 Pouco a pouco, insensível se perdia.

XVII

Esta se abria majestosa cena
 De ante os olhos dos nautas que surcavam
 Áureos caudais do Tejo. Silenciosos
 Se derramavam de olhos satisfeitos
 Por quadro tão magnífico, e buscava
 Cada qual, pelas trevas mal cortadas
 De froixo lume aqui, ali aceso,
 Descobrir o paterno, amigo tecto.
 E o leve fumo que do lar se eleva,
 Onde a ceia frugal, que o não espera,
 Apronta à cara esposa, mal cuidosa
 Que há-de aquinhoá-la o pai cos tenros filhos.

XVIII

Tão vivas se pintavam nos semblantes
 Estas ideias aos calados nautas,
 Que lhas leu neles quem tais pensamentos
 Triste não participa. – Quem é esse?
 O filho melancólico da guerra.
 Leu-lhas; e um sentimento quase inveja...
 Não é tão baixo – e amarga, oh! mais do que ela!
 Lhe trouxe do mais íntimo do peito
 Um suspiro que morre á flor dos lábios.
 E sufocado ao coração reflecte.
 Aguda foi a dor, acerbo o espinho
 Que esse aí lhe punziu de alma. – Quem soubera
 Os mistérios desse aí! Quem revelara
 Os segredos do incógnito guerreiro!
 Consome-o acaso a eiva da doença?
 De mal vingada afronta a injúria o rala?
 Injustiças dos homens o perseguem?
 O u são penas de amor? – Silêncio! deixa

Ao coração do triste o seu segredo.
 Espreitar indiferente os pensamentos
 Que os lábios do infeliz fecham no peito,
 Curiosidade é vã, mal generosa
 E de ânimo insensível: não exijas,
 Se o podes consolar, preço tão duro
 Por teus confortos. Pouco vale a destra
 Que não enxuga as lágrimas do aflito,
 Sem lhe rasgar primeiro os seios de alma
 Para lhe esquadrinhar do pranto a causa.

XIX

O escaler abicou na praia amiga;
 E a suspirada terra enfim pisaram
 Os desafeitos pés. Quantas penúrias,
 Quantos perigos, desalentos, sustos
 Em viageiras fadigas se hão penado,
 Este momento só, esta alegria,
 Oh quão sobejo as paga! O sentimento
 Quase devoto com que beija o nauta
 As areias da pátria, é porventura,
 Na peregrinação da nossa vida,
 – Se exceptuas a morte – o mais solene.

XX

Separaram-se; e foi caminho usado
 Cada um de seu lar. Ledos se foram...
 Todos? – Não: três diviso sobre a areia,
 A quem parecem vacilar na mente
 As ideias penosas que acometem
 O viajante isolado em terra alheia.
 São estrangeiros? – Dois. Que pátria, longe
 Do país lusitano, os trouxe ao dia?
 – Entre as palmeiras do cheiroso Oriente
 Um na infância folgou: deu-lhe ímpia guerra,
 Em troco pela pátria e liberdade,
 Ferros de escravidão: – mas há nos ferros
 Vínculo às vezes que té prende o ânimo.
 Raro o caso verás; porém não chora
 O Jau pelos palmares do seu ninho:
 Prende-o a amizade, não grilhões de escravo,
 A seu senhor, amigo e companheiro.
 – E ess'outro? – Deu-lhe o ser matrona do Ebro;
 E os pendões de Isabel hasteou nos muros
 Da vencida Granada: mas a frente,
 Hoje de raras cãs mal povoada,
 Nem só das murtas se coroou da Alhambra:
 Capelas de magnólia em mundos novos

Lhe deram sangue e crimes... Crimes foram,
 Que o sócio de Cortez cobriu do saco,
 E humilhou nas cinzas a cabeça
 Dos louros da vitória discingida.
 Pardo burel lhe roça a penitência
 Nos membros que luziram de aço e de oiro.
 Voto solene e zelo de outra glória
 O levou de além cabo das tormentas
 Da aurora aos roxos seios. – Estes eram
 Os que junto ao guerreiro silencioso
 Mudos como ele e quedos o fitavam

XXI

Longo o calar não foi: com passo trémulo
 Do jovem se aproxima o ancião guerreiro:
 – «Nesta grande cidade ambos estranhos
 Somos, ao que parece.»
 – «Estranho eu?... Quase.
 Sou e não sou estranho.»
 – «Não me é de uso
 O meter mão curiosa nos segredos
 De quem os tem.»
 – «Segredos não nos tenho:
 Sou português, e de ser tal me... prezo.»
 – «Mas de Lisboa não?»
 – «É minha pátria.
 Desejais saber mais?»
 – «Minhas perguntas,
 Cavaleiro, não são de curioso;
 Outra vez o repito: um pobre monge
 Tem uma pobre cela e magra ceia,
 Mas ambas oferece de alma e gosto.
 É tarde; e se outro hospício à mão não tendes,
 Sereis benvindo a um gasalhado humilde
 De quem melhor, a tê-lo, o oferecera.
 Má noite passareis; mas um soldado
 Não teme estrados maus nem leitos duros.
 Soldado fui também: ser-me-á ventura
 Em meus quartéis de Inverno receber-vos.»
 – «A cortesia é de ânimo sincero;
 Nem sou homem, senhor, que a desvalie.
 Mas um desconhecido, e porventura
 Dela não mer'cedor, deve aceitá-la?»
 – «E porque não, se lhe é mister e a Preza?»
 – «Conheço...»
 – «A noite passa. Horas são estas
 Impróprias de ir buscar outra pousada.
 Se vos não peja de aceitar a minha,
 Vinde. E pejo de quê? Mesquinha e pobre

É, já vos disse; mas senhores grandes
 Em mais pobres mosteiros albergaram.»
 – «Ancião venerando, sou convosco:
 Honra-me, não me peja a oferta amiga.
 Uma só coisa... Nada. Eu já vos sigo.»

XXII

À parte chama o escravo, e da pequena
 Bolsa tirou porção pouco avultada
 De seu módico haver. – «Busca poisada
 Para esta noite; e amanhã bem cedo...»
 – «O que fazeis, senhor!» acode ansioso
 O velho que os intentos lhe percebe,
 «O que fazeis, senhor. Sou eu mais bárbaro
 Que o mestre do galeão? Pude com ele
 Que de um servo fiel não separasse
 O senhor generoso, e havia agora
 De fazer eu pior! Envergonhais-me...
 Ofendeis-me talvez. Amigo, vinde,
 Segui vosso bom amo; para todos
 Em nossa humilde casa há tecto e abrigo».

XXIII

Ao Jau fiel caiu de puro gosto
 Uma furtiva lágrima que havia
 Rebentando de tímido receio,
 Mágoa de se ver só, deixar seu amo,
 E ir procurando por tamanhas ruas
 A quem?... – Ninguém conhece o pobre escravo.

CANTO SEGUNDO

*Assim como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi cândida e bela,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina que a trouxe na capela,
O cheiro traz perdido, a cor murchada,
Tal está morta a pálida donzela,
Secas do rosto es rosas, e perdida
A branca e viva cor coa doce vida*

Lusíad.

I

Que sons descompassados troa o bronze
Nas torres do mosteiro? Que ais carpidos,
Que agudos uivos desgrenhadas gritam
Essas mulheres pálidas? Que fúnebres
Alas são essas de homens todos luto,
De escuro vaso e longo dó vestidos?
Que hinos de morte roucos murmurando
Vão esses cabisbaixos sacerdotes?
Que pompa é essa? Um ataúde a fecha.
Orgulho do homem, dás o arranco extremo
Na vaidade da campa. Que grandezas,
Que distinções queres pleitear ainda
Na igualdade terrível do sepulcro?
Desengano da morte, és tu acaso
Outro sonho dos míseros viventes?
Quem desenganas tu? – Viram de longe,
Caminho do mosteiro, os viajantes
Enfiar a porta máxima do templo
Ordem longa de tochas, baço lume,
Clarão triste de mortos. Sons perdidos
Do salmear monótono lhes trouxe
A gemedora viração da noite;
E o ar pelos ouvidos lhe estremece
Com o dobrar das campas desentoadas.

II

Ruim agouro! Um saimento fúnebre
Ao regressar à pátria! Não se pôde
Conter do involuntário pensamento
O português viajante. Mal conhece
A intrepidez dos bravos esse louco
Terror do vulgo que estremece à vista

Dum gélido cadáver: costumados
 A ver a face pálida da morte,
 As agonias roxas, e o transido
 Suor do passamento, – não se movem
 Seus músculos tão fácil. Mas ressumbra
 Não sei quê tão solene e grave e augusto
 De um funeral entrando a passo lento
 As portas do jazigo, que essa pompa
 Triunfal da morte, do mais duro peito,
 Ao gesto mais tranquilo traz de força
 Contracção impossível de encobrir-se.
 Não lhe chamo terror, nome lhe assignem
 Qual queiram mais; que o sentimento de alma,
 A impressão natural é sempre a mesma.

III

Desta comum fraqueza – se tal era –
 Não foi isento o Luso; – e porventura
 Um presságio de incógnita desgraça,
 Presentimento vago e mal distinto
 De não sabido mal, se uniu àquela.
 O Jau supersticioso, como é de Índios,
 Fez claro um gesto de terror, a face
 Volveu à esquerda, e coa mão fria trava
 Da curta capa ao amo:
 – A esquerda, à esquerda,
 Meu senhor não encares um finado
 Em sua última viage: há mal em vê-lo
 Face por face.»
 – «Deixa-me, ignorante,
 Com teus medos ridículos.»
 – «Embora
 Embora: mas na índia...»
 – «Não prossigas.»
 – «E que há» disse, apontando para o féretro
 Que entrava a igreja então, o missionário,
 «Que há tão medonho e mau nesses despojos
 Da passageira vida? Um tronco seco,
 Pelos ventos do outono despojado
 Do viço e folhas, – tenda abandonada
 Pelo viandante que voltou à pátria.
 Oh! seja-lhe piedoso o juiz eterno.»

IV

Chegavam aos cancelos do convento,
 E o missionário disse: – «Cavaleiro,
 Da casa do Senhor aberta a porta,
 Não passarei sem ir ante os altares

Meu tributo de graças ofrecer-lhe
 Cuido me seguireis: o humilde cântico
 De nossa gratidão irá juntar-se
 Com as preces dos mortos. Mas que importa?
 Ouvirá Deus a todos. Se lho impedem
 Superstições e medo, fique embora
 E nos aguarde o escravo.» – «Não!» responde
 O guerreiro, mas segue o ancião piedoso.

V

Fosse terror, ou sentimento fosse
 De mais oculta origem, pelas naves
 Do templo entrou com passos mal seguros
 Ele, que tantas vezes há rompido
 As cerradas fileiras, – que à guardada
 Brecha se apresentou com rosto frio,
 E a entrou sem vacilar! – Oh! que ente és, homem,
 Incompreensível tu! – Do templo em meio,
 Alto e funéreo estrado se levanta,
 Negro da cor dos túmulos. Em cima
 Poisava um ataúde. Alva capela
 De quase murchas, desbotadas rosas
 Indicava que a vítima da morte
 De himeneu ilibada sucumbira.
 Pesados lutos e arrastados fumos
 Cobriam, perto, amigos e parentes
 Fúnebre silenciosos. Arde em torno
 Renque de brandões pálidos; e afumam
 Do embalado turíbulo os vapores
 Da resina sabeia. Ecoa o templo
 Coas tremedoras notas desses hinos
 Que, na solene entrada do sepulcro,
 Terrível canta a igreja, – quase um eco
 Da profundez do abismo, que reflecte
 Pavoroso na terra.– A ponto entravam
 Os viajantes no templo quando o coro:
 – «Tédio da vida concebeu minha alma;
 E é força que desate a própria língua
 Contra mim mesmo, – e desabafe o peito
 A amargura falando de minha alma.»
 «Direi a Deus: não me condenes, ouve-me.
 Porque assim me julgaste? Acaso é digno
 De tí caluniar-me, avexar-me,
 A mim que sou das tuas mãos feitura?»

«São teus olhos de carne como os de homem?
 Como eles vêes e julgas? – Porque ao dia,
 Do cárcere materno, me hás trazido?
 Oxalá que eu não visto pegera

De olho nenhum vivente, e houvera sido
 Como se nunca fosse, – trasladado
 Do ventre à sepultura!»
 «O escasso número
 Dos dias meus não será findo em breve?
 Deixa-me pois chorar a minha mágoa,
 Gemer coa minha dor antes que desça,
 Para mais não voltar, à tenebrosa
 Terra que a escuridão cobre da morte:
 Terra de míngua e trevas, habitada
 Pelas sombras da morte, – onde mais ordem
 Que o sempiterno horror há i nenhuma.»²⁷ –

VI

As vibrações da música, as palavras
 Não menos forte, o lugar, a hora,
 A grinalda de rosas sobre o túmulo,
 Porventura ignoradas circunstâncias
 Que às sombras deste quadro dão relevo
 Com mais fortidão na alma, tudo a um tempo
 No predisposto cérebro, de embate,
 Violento abalo deu ao Lusitano.
 Os cabelos na frente se ouriçaram
 Como selva de lanças ergue súbito
 Ao grito alarma em dia de batalha.
 O coração parou-lhe, – e o corpo túrgido
 Pesou sobre os joelhos, que vergaram
 De golpe a terra. Do que sente ignaro,
 E de sua fraqueza envergonhado,
 Baixa o rosto, e se encosta à balaustrada
 Do coro que por caso tem diante.

VII

Ou não sentiu, ou de sentir não mostra
 A turbação que o espírito aliena
 Ao companheiro seu, o missionário:
 Junto dele ajoelhou, e em voz submissa
 Ao Deus dos vivos e dos mortos ora.

VIII

Findava o canto lúgubre das preces:
 Quatro enlutados cavaleiros sobem
 Os degraus do moimento; da eça tomam,
 Levam nos braços o ataúde, e descem.
 Todo o cortejo, murmurando os salmos
 Das rogações extremas, se encaminha

²⁷ Job., cap. X.

Em passo lento a lateral capela
 Que ornem vasados, góticos pilares
 De mármore tão negro como as vestes
 Dos enlutados vultos que os rodeiam.
 Da procissão ao cabo, os anojados
 Levam de uma das mãos o triste peso,
 Coa outra sobre os olhos segurando
 O usado emblema do dorido choro.²⁸

IX

Junto ao guerreiro ajoelhado, passa
 O insensível objecto dessa pompa.
 Fosse caso ou tenção, neste momento
 Alevantando a face descaída
 Coa vista no vizinho cavaleiro
 Deu... estremece... ao ataúde os volve:
 Já longe o levam; – mas viu inda escudo
 De conhecido emblema no arremate.
 Céus! que viu!... – A coroa de alvas rosas,
 Nesse instante um baloiço descontrado
 Dos cavaleiros, a desprende, – rola
 Por terra, e junto dele pára...
 Avante
 Foram: ninguém nessa grinalda atenta
 Que desprende do féretro o acaso.
 Acaso foi? – Mistérios há na campa
 Que em tradições de séculos fundados
 Me travam da razão: crê-los não ousou,
 Mas desprezará-los... também não: – pensava
 O atribulado, incógnito guerreiro...

X

O cortejo passou... – e a coroa fúnebre
 Ergueu convulsa mão, trémula a aperta;
 E olhos, que desvairados a contemplam,
 Parecem perguntar-lhe: – «Flor de morte,
 Em que pálida frente há tu pousado?»
 Quem lhe há-de responder? Em breve a loisa
 Se fechará, – como os ferrados cofres
 Do avaro, onde nem lágrimas de aflitos,
 Nem suspiros de tristes lhes aventam
 Luz de esperança mínima. – Segui-lo,
 Antes que o cerre a campa, esse ataúde
 Em que talvez... Oh bárbara incerteza,
 Terrível, cruelíssima! E terrível
 A verdade será... Mas antes ela.
 Corre ao sítio onde viu encaminhar-se

²⁸ Choradeiras: uso que inda prevalece na corte.

O funeral; o som das vozes segue,
 Entra a capela escura. – Escuro é tudo;
 Nem uma luz, nem um vivente. O baço,
 Triste clarão da lâmpada que ardia
 Longe no mor altar, só lá reflecte
 Tanto de claridade quanto as trevas
 Desse recinto fúnebre amostrasse.

XI

Foi sonho quanto viu! visão fantástica
 Toda a funérea pompa, o canto, o féretro
 E essa fatal grinalda!... Ei-la, na destra
 Segura ainda a tem.– Escuta: uns ecos
 Soterrâneos, – como hinos de finados
 Por noite aziaga em cemitérios, se ouvem.
 Inclina atento a orelha; um passo avante...
 Tropeça... Em quê? – Numa revolta loisa.
 Aberta está a porta do sepulcro.
 Um ténue bruxear de luz descobre
 Na profundez do abismo; os degraus últimos
 De húmida escada vê: descerá? – Desce:
 Na estância entrou das gerações extintas.

XII

Terra esquecida aí jaz, aí moram cinzas
 Por que em vão falam epitáfios, letras.
 Sobre a face da terra que deixaste?
 Que feitos de virtude ou de heroísmo
 Tua passagem nela assinalaram?
 Nenhum? Inteiro ao túmulo desceste,
 Traga-te o olvido todo. Ergue obeliscos,
 Amontoa pirâmides; – embalde!
 Livra um mármore só do esquecimento:
 É a memória do prestante feito
 Que as idades lembradas vão guardando
 De geração em geração na terra.

XIII

Ei-lo vai, entre as tácitas falanges
 De enfileirados ossos caminhando
 O atónito guerreiro; – ao cabo extremo
 Desse arraial de mortos, dá cos olhos
 No cortejo de dó que hóspede novo
 Traz à morada eterna. A ponto o féretro
 Ia baixar ao perenal encerro
 Donde o não moverá senão a tuba
 Terrível, quando o sol se erguer do oriente

A dar a extrema luz ao dia extremo.
 Dobra o passo; inda 8 tempo. Argêntea chave
 Laçada em fumo negro, um cavaleiro
 Tinha na mão: o mais ilustre esse era
 Ou o mais anojado: – uso sabido,
 E venerada prática dos nossos.
 Pela derradeira vez olhos de vivos
 Verão a face lívida do morto
 Que ao final poiso desce. Despedida
 Solene! E que expressão o há i na terra
 Em língua de homens, que translade ao vivo
 Todo esse acumular de sentimentos
 Que em si de tal instante o adeus encerra!

XIV

Já vacilante mão abre o ataúde...
 Amortalhavam cândidos vestidos
 O corpo ainda airoso duma dama
 Não morta no botão de anos viçosos,
 Mas na desabrochada flor da vida,
 Tão delicada não, porém mais bela.
 Velada a face tinha; mas conhece-a...
 Quem? o guerreiro... quem? o seu amante.

XV

Céus! ele mesmo, ele! – Precipita-se
 Sobre o cadáver... ergue o véu... – «Natércia!»
 – «Natércia» de eco em eco repetiram
 Os ecos dos moimentos, acordados
 Do sono sepulcral. Estremeceram
 Os do cortejo, e atónitos contemplam
 O incógnito. – «É Ele» uma voz disse;
 – «É ele» em torno remurmuram todos.

XVI

O sangue ao coração atropelado
 Recuou, estagna-se, e parou da vida
 As funções todas ao guerreiro; – em terra
 De mortos semimorto fica. Entanto
 Deu a volta fatal e derradeira
 A chave do ataúde; cai a laje
 Sobre a boca do túmulo. – A existência
 Se esvaeceu... começa a eternidade.

CANTO TERCEIRO

*Por meio destes hórridos perigos,
Destes trabalhos grave, e temores
Alcançam os que são da fama amigos
As honras imortais e graus maiores*

Lusíad.

I

– «Ah! meu senhor... bem o disse eu: mal trazem
Vistas de mortos.»
– «Sossegai, amigo;
Deixai-o repouso: sono propício
Já lhe acalmou o sangue; e mais tranquilo
De ânimo acordará.» – Submissas vozes
Murmuravam assim em baixo acento
Junto do leito em que prostrado e plácido
Por benigno Morfeu jaz o guerreiro.
De roxas violetas se toucava
No horizonte primeiro o alvor do dia,
E a claridade ténue da arraiada,
De estreita fresta os vidros penetrando,
À morredoura luz de exausta lâmpada
Vinha juntar sua luz na humilde cela
Onde este curto diálogo passava.

II

Pranchas de escuro til, rudo lavradas,
Do aposento as paredes guarneciam.
Sobre uma banca de igual custo e obra
Poisava antiga cruz donde pendia
Agonizando o Cristo: lavor fino
Que no Índico dente a mão devota
Dum neófito de Ásia executara,
E fora dom do grato catecúmeno
Ao que nas águas místicas do Ganges,
Por novo rito e lei, lhe consagrara
Antigas abluções. Único um livro
De pesado volume ao pé do lenho,
O livro dos cristãos: dois férreos broches
As grossas pastas fecham. Pende, a um lado
Da parede, enfumado, antigo quadro
Que os rudes traços do pincel recorda
De Perugino ou Vasco, à infância da arte:
Em cujo parecer traslado brando
Deram tintas fiéis dessa virtude

Que o filósofo disse humanidade,
 Caridade o cristão. – Dispute em nomes
 Quem de palavras cura: o homem sincero
 Sem vaidades de língua, obra e não fala.
 Pintado estava ali um nobre velho
 Que a angélica beleza de sua alma
 Toda tinha no rosto retratada.
 Alvo-negro saial o ancião vestia;
 Junto dele, de penas variegadas
 Cingido a frente e rins, imberbe um homem
 De brônzea tez, jazia malferido.
 Convulsa dor em contracções se exprime
 No requeimado gesto; mas nos olhos,
 Se é lágrima essa nuve' imperceptível
 Que rara os cobre, – não lha choram dores
 Mas de sensível gratidão desliza.
 Letra o painel não tem; mas claro amostra
 Novo Tobias no hemisfério novo.

III

Do habitador da cela amigo e mestre
 Las-Casas fora, quando guerra injusta
 Seu braço, de ímpio ferro outrora armado,
 Levou cruel aos povos mal defesos
 Que ajoelhavam pávidos, devotos
 Ante homens numes, dos trovões senhores.²⁹
 De tal amigo o comoveu o exemplo.
 Pensada reflexão, não voto incauto,
 Extorquido à fraqueza ou cega infância,
 Lhe trocou no burel o azero e malha.

IV

Mas já no leito o adormecido acorda.
 Seus mal abertos olhos se descerram
 Ao primeiro luzir do sol, que é nado
 Neste momento, agora: froixamente,
 Mas não turbados, derredor os volve
 Pelo aposento. Como quem se afirma,
 Um e outro dos dois que o acompanham
 Fita admirado, e a modo que procura
 Reconhecer feições que há visto algures:
 Com vagarosa mão correndo a frente
 Uma vez e outra vez, dá parecenças
 De querer ajudar o envolto cérebro
 A desligar ideias mal distintas.

V

²⁹ Verso de Filinto Elísio.

Assim ao que tomou gelado espasmo
Toda a aparente vida, os membros rijos,
Sem cor os lábios, preso o sangue... é morto:
Ergue-se o carpir de órfãos, da viúva...
Já no sudário envolto, já nas andas
Os doridos amigos o conduzem
A morada dos findos... Repentino,
Do coração começa o calor vivo
A devolver-se, manso e manso, às veias;
Longes de esvaecida cor lhe tingem
Os beijos... pestaneja froixa a pálpebra...
Abre os olhos... que atónitos duvidam
Se inda é mundo o que vêem. – Tal contemplava
Com pasmado semblante os que o rodeiam
Do castelhano cenobita o hóspede.

VI

Risonho, e com sossego apropriado
A sossego inspirar, lhe disse o monge:
– «Bons dias, cavaleiro; em pobre cama
Ricos sonos se dormem – diz o adágio,
E hoje o provastes bem. O sol já nado
Convida a erguer-vos; e este sino, que oiço,
às preces matinais me chama ao coro.
De refeição tereis mister sadia,
Se não mui esquisita, vou buscar-vos.
No entanto levantai-vos: pouco tempo
Do vosso Jau fiel na companhia
Vos deixarei: não tardo.»
– «E aonde... estamos?
Não me recordo...»
– «Estais em casa amiga.
A nossa cela é esta: sossegai-vos.
Atribulado há sido vosso espírito:
Inseparável condição da vida
Padecimentos são; todos penamos.
Mas a constância é a virtude do homem.
E a paciência a do cristão. Mais largo
Conversaremos logo: a dor do peito
Quer-se desabafada em peito amigo.
Por ora conservai tranquilo o ânimo:
Breve aqui sou.»

VII

E cobre o manto, e parte.
O silêncio o seguiu; e o tardo piso
A penas se escutava das sandálias

No longo dormitório ressoando.

VIII

– «Devo», dizia o incógnito guerreiro,
 Quando, à volta do coro, cem seu hóspede,
 Leve repasto da manhã tomavam:
 «Devo a tão bondadoso e terno amigo,
 Às solícitas penas e cuidados
 Que vos hei dado, confissão sincera...
 Quero explicar-vos o sucesso estranho
 Que ontem presenciastes; – e do escândalo,
 Se a meu pesar o dei, perdão vos peço.»
 – «Demasiado avaliais fracos serviços.
 O segredo é a rica jóia de alma,
 Que não se mostra assim a olhos de todos.
 O coração é cofre precioso
 De que, raro, confia homem prudente
 A chave a seu mais íntimo. Guardai-vos
 De baratear assim o ouro cendrado
 Da amizade fiel (confiança entendo)
 A qualquer que sorrindo vos estende
 Talvez curiosa mão, que não de amigo.
 Em barda os achareis... – oh! perdoai-me,
 Sou velho, e pronta sempre a dar conselhos
 É minha idade – se prestar-vos pode
 Este nada que valho, se ajudar-vos
 De obra ou de aviso imaginais que posso,
 Ouvir-vos-ei de gosto e de vontade.
 Sou vosso amigo, sou: provas nenhuma
 De mim tendes; mas Deus, que une as vontades,
 E a quem prouve no peito gravar do homem
 Esse invisível *quê*, essa lei mística
 Que atrai o coração dum ente ao outro,
 Deus sabe se, de quando em Moçambique
 Vos conversei primeiro, senti na alma
 Não sei que voz dizer-me: – «Segue esse homem,
 Deves amá-lo, é infeliz e honrado.»

IX

Do Lusitano ao descorado gesto
 Esvaecido rubor assoma, – e fuge,
 Qual fuge aos olhos o lampejo rápido
 Da trovoada longínqua. – Um tanto a face
 Descaiu sobre o peito amargurado,
 E com voz, firme não, porém serena,
 Disse: – «Luís de Camões tinha um amigo
 Único só na terra. – Não te escondas,
 Meu fiel companheiro: um feito honrado,

Generoso te peja? – O pobre António
 Foi até aqui, senhor, o único vivo,
 Único ser na face do universo
 Em quem meu coração achou abrigo.»

X

Pelas faces do escravo, baga a baga,
 Enternecidas lágrimas caíam,
 E peito sufocado comprimia
 A custo grande o soluçar que o arfava.
 Não pode mais: aos pés se deita do amo,
 E sem conter o choro:
 – «Oh! não me digas
 Não me digas, senhor, que sou amigo.»
 – «Não o diga! Porquê?»
 – «Porque isso parte
 O coração do escravo. Amigo é falso.
 Os de Macau, de Goa e Moçambique,
 Todos faltaram; e eu fui sempre...»
 Corta-lhe
 Um mar de pranto a voz.
 – «Tu foste sempre
 O meu fiel António».
 Humedeceram-se
 Os olhos do guerreiro; e como a efeitos
 De simpático influxo, ao velho austero
 Pelas rugas das faces deslizaram
 Gotas de suave, enternecido pranto.

XI

Serena a reflexão comoções de alma.
 O Lusitano continua: – «Certo
 Que hás dito bem: tão profanado e abjecto
 De amigo o santo nome hão posto os homens,
 Que mal sei eu se injúria ou honra é ele.
 Parou aqui, como assombrado na alma
 Da amarga observação. Depois, volvendo-se
 Menos aflito ao missionário, disse:
 – «Embora! pois que enfim tenho encontrado
 Consolação tão doce a minhas mágoas.
 O meu nome – inda mal! bem conhecido
 Por esse novo império do oriente –
 É Luís de Camões. Em tenros anos
 Ânsia ardente de glória e de renome,
 Porventura outra causa mais violenta,
 Mais nobre... e mais funesta – me levaram
 Às africanas praias, dura escola
 Da portuguesa mocidade. Alegre,

Que me sorria então verde esperança
 No enganoso porvir, – entrei os muros
 Da veneranda Ceuta, insigne preço
 De sangue régio e dum martírio ilustre.
 Paternas mãos as armas me cingiram.
 Oh! pai tinha eu ainda... Honrado velho,
 Na vereda da honra me puseste;
 Fui, como tu, caminho da desgraça.

XII

«Ah! se um filho que há visto na batalha
 O paterno valor, que ouve entre a grita
 Aquela voz que o acariciou na infância,
 Bradar-lhe: – «Avante!» – aquele braço amigo
 Que o embalou nos dias da inocência
 A apontar para a estrada da vitória;
 Oh? se a tal homem covardia pode
 Entrar no peito vil... Não é possível.
 Eu aprendi a combater com ele,
 Lembra-me o dia – porventura o máximo
 De minha vida, se ontem, se outro ainda
 Nos de minha existência não contara –
 Quando no Estreito ³⁰ a barbaresca frota
 Nossas naus vitoriosas derrotaram.
 Era a minha primeira lição de armas.
 Foi a primeira vez que o mauro alfange
 Por de ante os olhos me cruzou coa morte.
 Junto a meu pai – à frente o viram sempre...
 Sobre o imigo baixel a pano cheio
 Caía a nau de seu comando... ³¹ Um silvo
 De peloiro soou. – Mirado a ele
 Certo mouro tinha. – Estendo o escudo...
 Movimento feliz! salvei-lhe a vida.
 A bala resvalou, – e já sem força,
 Leve aqui me feriu na sestra face,
 E fria aos pés me cai.»
 – «Leve ferida
 Que um dos olhos!...»
 – «Oh! dois nos há dado
 Liberal natureza. – Que vale isso!
 Salvei meu pai.»

XIII

«Voltei por fim à pátria
 Outra vez de esperanças iludido.
 Alguns serviços, por benignos chefes

³⁰ De Gibraltar.

³¹ Histórico.

Exagerados sim, mas não mentidos,
 Nada obtiveram, – nem o esquecimento
 Dum inimigo cru, jurado, injusto,
 Que jamais o ofendi, jamais. – Se é ofensa
 Ter olhos para ver a formosura,
 Coração para a amar, alma de fogo
 Para mandar aos lábios anelantes
 Faíscas desse amor; se o dom da fira
 – Di-lo-ei funesto ou chamar-lhe-ei ditoso? –
 Que me outorgara o céu, votei às aras
 Desse amor que foi única ventura
 De minha vida, – única, inocente
 Causa de meus acerbos infortúnios,
 E agora...»
 Sobre o peito a destra aberta,
 Como em chaga dorida a mão do enfermo
 Para acalmar a dor; pendeu-lhe a frente
 Para o seio agitado. Instantes breves
 As mostras de aflição se patenteiam.

XIV

– «Se é crime», continuou, «ter alma e vista,
 Foi essa a única ofensa que lhe hei feito
 Ao vingativo conde.³² Por má sorte,
 Laços fatais de sangue lhe prendiam
 De meus suspiros o adorado objecto.
 O nascimento igual, a igual fortuna,
 Tudo por mim, tudo por nós falava.
 Cobiça empederniu seu duro peito:
 E o soldado só de honra herdeiro rico
 Que podia esperar? Seu vão orgulho
 Se envileceu, de baixo, a perseguir-me.

XV

«Nada na corte obtive contrastado
 Por tão forte inimigo, eu sem fortuna,
 Sem arrimo, sem pai. – Como eu, perdido
 Entre o obscuro tropel dos desvalidos
 Que o sangue pela pátria hão barateado
 Para perder à minguá o resto dele,
 Meu pai, de pura mágoa e de despeito,
 Fenecera em meus braços. – Só no mundo,
 Que me restava? Perecer como ele,
 Ou por um nobre feito despicar-me,
 Vingando a afronta duma pátria ingrata.

XVI

³² O Conde da Castanheira: veja nota no fim.

«De tais ideias combatido o ânimo,
 Um dia às margens do formoso Tejo,
 Curtindo acerbas dores, passeava,
 E os olhos desvairados estendia
 Por essa majestade de suas águas
 Coalhadas de baixéis que as ricas páreas,
 Que os tributos do oriente vêm trazer-lhe
 Andando, meu espírito agitado
 Se enlevava nas glórias, nos prodígios
 Que a tão pequeno canto do universo
 A metade da terra avassalaram.
 Transportava-me o ardente pensamento
 Aos palmares do Ganges envergados
 De troféus portugueses; via o nauta
 Que ousou galgar o tormentório cabo,
 E nos balcões da descoberta aurora
 Hasteou as Quinas santas. Retiniam-me
 Nos trémulos ouvidos os trabucos,
 Que, a golpes crebos, as muralhas prostram
 Do rico Ormuz, da próspera Malaca,
 E da soberba Goa, empório novo
 Do novo império imenso. Ajoelhados
 Via os reis de Sião e de Narzinga
 Aos pés do vencedor depor os ceptros,
 E render, suplicantes, vassalagem
 Ao ferro lusitano. Os nobres muros
 Vi de Diu estalar, saltar aos ares
 Por infernal ardil; e entre as ruínas
 Dos inflamados bastiões, – dispersos
 Os palpitantes membros desse filho
 Por quem não correm lágrimas paternas;
 Não, que mártir da pátria é morto o filho.

XVII

«Desse pai venerando – esse Fabrício
 Da lusitana história, renovando
 Sob os arcos triunfais da ínclita Goa
 Altas pompas de Roma, e altas virtudes
 Que só geraram Lusitânia e Roma! –
 De Vasco, de Pacheco, de Albuquerque
 Inflamavam num êxtase de raptó
 Meu peito português memórias grandes.
 Quem tais milagres de heroísmo e de honra,
 Quem tanta glória a tão pequeno berço
 Foi tão longe ganhar? Quem a um punhado
 De homens, à mais pequena nação do orbe
 Deu mares a transpor, veredas novas
 A descobrir na face do universo;

Povos a subjugar, reis a humilhá-los,
 Ignotos mundos a ajuntar ao velho.
 E, a dilatar-lhe a superfície, a terra?
 Eles. – E a pátria, por quem tanto hão feito,
 Que digno prémio lhes há dado? – A fome
 Num hospital galardoou Pacheco;
 A Albuquerque a desonra ao pé da campa;
 Castro a pobreza, que os socorros últimos
 Sobre o leito da morte mendigava.

XVIII

«Ingrata... Ingrata pátria! – Fatigado
 Como de tanta glória e tal vergonha,
 Parei. Junto me achava então do templo
 Que a piedade e fortunas apregoa
 De Manuel o feliz; padrão sagrado
 De glória e religião, esmero de artes
 Protegidas dum rei que soube o preço
 – Alguma vez ao menos – ao talento,
 A lealdade, ao valor, ao patriotismo.
 – Nem sempre; mas tão pouco de virtude
 Basta num rei para esquecer-lhe os crimes!

XIX

«Aberta em par do templo estava a porta;
 Entrei. Naquelas pedras animadas
 Por cinzel primoroso se pasciam
 Meus olhos admirados: as erguidas
 Colunas, as abóbadas altivas,
 As palmas, as cordagens enlaçadas,
 E o sinal santo que as remata e une,
 E que por toda a parte está marcando
 As vitórias do Lenho triunfante,
 O vexilo da glória portuguesa,
 Nunca, nunca tão alto me clamaram
 Que sós sem Deus, sós pelo esforço humano
 Não fariam jamais os portugueses
 O que hão feito no mundo... Dei co túmulo
 De custoso labor que aí resguarda
 As cinzas do monarca afortunado.
 Afortunado em vida; – a morte, fecha-lhe
 Selo do Eterno os lábios descarnados:
 São segredos de Deus os do sepulcro.
 Mais cansado que pio, ajoelhei-me
 Sobre os degraus do túmulo; insensível,
 No recostado braço a frente inclino,
 E descaí num lânguido delíquio
 Que nem morte, nem sono, mas olvido

Suavíssimo é da vida. Sono embora
 Lhe chamaria, se as visões tão claras,
 Mais rapto de alma em êxtase sublime
 Que imagem vã de sonhos, as não visse.
 Talvez seria natural efeito
 De agitados sentidos, porventura
 Mui crédulo serei... mais alta causa
 Do fenómeno estranho então a tive.

XX

«Oh! sonho não foi esse. – Afigurou-se-me
 Ver do moimento erguer-se um vapor leve,
 Raro, como de nuvem transparente
 Que mal embaça o lume das estrelas
 No puro azul dos céus: – foi pouco a pouco
 Condensando-se espesso, e longes dava
 De humana forma irregular – qual soem
 Ao pôr do sol fantásticas figuras
 As nuvens debuxar pelo horizonte.
 Logo mais certas, mais distintas formas,
 Qual mole cera em mãos de hábil artífice,
 Tomando foi. Já claro ante mim era.
 Roupas trajava alvíssimas e longas;
 Seus braços de extensão desmesurada,
 Um sobre o peito co índice apontava
 Ao coração, que as vestes resplendentes
 Transparecer deixavam. Viva chama,
 Como luz de carbúnculo, brilhava
 Na víscera patente; e em radiosas
 Letras lhe soletrei: Amor dá pátria.

XXI

«Da maravilha como por encanto,
 Sem receio ou terror a contemplava,
 Quase por tal prodígio enfeitado;
 Quando estes sons, entre áspero e suave,
 Mas solenes ouvi: – «Jovem ousado,
 Grande empresa te coube, – acerba glória,
 De que não gozarás! Desgraças cruas
 Fadam teus dias... Mas a fama ao cabo.
 A pátria, que foi minha, que amei sempre,
 Que amo inda agora, grão serviço aguarda
 De ti. Um monumento mais durável
 Do que as moles do Egipto, erguer-lhe deves.
 Pirâmide será por onde os séculos
 Hão-de passar de longe e respeitosos.
 Galardão, não o esperes. – Fui ingrato
 Eu, fui! Ingrato rei, ingrato amigo.

E a quem! – Maiores de meu sangue ainda
 Ingratos nascerão. Tu serve a pátria:
 É teu destino celebrar seu nome.
 Os homens não são dignos nem de ouvi-las,
 As queixas do infeliz. Segue ao oriente,
 Salva do esquecimento essas ruínas
 Que já meus netos de amontoar começam
 Nos campos, nos alcáceres de glória,
 Preço de tanto sangue generoso.
 Um dia... – Em vão perante o excelso trono
 Do Eterno me hei prostrado; irrevogável
 A sentença fatal tem de cumprir-se –
 Um dia inda virá que, envilecido
 Esquecido na terra, envergonhado
 O nome português... – Opróbio, mágoa,
 Dura pena de crimes! – tábua única
 Lhe darás tu para salvar-lhe a fama
 Do naufrágio. Tu só dirás aos séculos,
 Aos povos, às nações: *Ali foi Lísia*.
 Como o encerado rolo sobre as águas
 Único leva à praia o nome e a fama
 Do perdido baixel.³³ – Parte. Salvá-lo!
 Salvá-lo, enquanto é tempo! – Extinto... Infâmia!
 Extinto Portugal... Oh dor!...» – Rompeu-lhe
 O derradeiro acento destas vozes
 Em som de pena tal e tão tremendo,
 De tão profunda mágoa, que inda agora
 Nos cortados ouvidos me ribomba,
 Estremeci, olhei; já nada vejo:
 Ou acordei, ou a visão se fora.

XXII

Dir-vos-ei que serena a mente e plácida,
 Que as ideias distintas conservava,
 Não é como de uso ao despertar dum sonho?
 Fé não me prestareis: mas em minha alma
 Tão claramente li como um reflexo
 De inspiração maior que humana coisa,
 Que, sem hesitar mais, sem um momento
 De incerto duvidar, assentei firme
 No pressuposto de seguir meu fado,
 E às descobertas plagas do oriente
 Ir demandar essa escondida sorte,
 Esse feito, essa glória prometida
 De engrandecer o ninho meu paterno.
 Uma só coisa – confessá-lo é força,
 Mas que dizê-lo peje – acobardava
 A tenção resoluta. Ir mar em fora

³³ Veja nota a este verso no fim.

A terras lá tão longes, e deixá-la,
 Deixá-la... e sem esp'ranças, nem. ao menos
 De inda a tornar a ver!... Sabeis quem digo;
 Poupei-me a dor de proferir seu nome.
 Dura e ferida na alma se travavam
 Batalha, amor e pátria. Amor vencia
 Quase... não triunfou...

XXIII

Aqui chegava
 O contar de sua história, quando à Porta
 Da cela redobrados golpes batem.
 O missionário abriu; um pajem moço
 E de custoso dó ataviado
 Uma carta fechada a fio negro
 De seda traz.
 – «Um cavaleiro busco
 Ontem da índia vindo.»
 – «Ontem chegaram
 Os galeões da frota: cavaleiros
 Muitos viriam.»
 – «Santa-Fé se chama
 O galeão; e o cavaleiro... Lede.»
 Do pajem se aproxima o Lusitano
 Da inesperada mensagem curioso.
 No sobrescrito leu que assim dizia:
 A Luís de Camões – logo *Escudeiro*;
 Mais abaixo – *Em mão própria*.
 – «Entregai, pajem:
 Sou esse. De quem vem?»
 – «De quem não manda
 Mais palavras que as letras vos não digam.»
 Corteja e parte logo. – Que será?

CANTO QUARTO

*Já a vista pouco e pouco se desterra
Daqueles pátrios montes que ficavam;*

.....
*Ficava-nos também na amada terra
O coração, que as mágoas lá deixavam;
E já, depois que toda se escondeu.
Não vimos mais enfim que mar, e céu.*

Lusíad.

I

– «Quem não teme ir de encontro a seu destino,
E provar-se homem... nas desertas rocas
Po castelo mourisco, sobre a serra
Da Lua, achará prémio, o maior prémio!
E castigo também de sua audácia.
Amanhã no expirar da luz.» – A carta
Mais não dizia. – «Qual estranho enigma!
Prémio, castigo a mim!... A mim! Duvidam
Se tenho coração!... Exigem provas!
Quem? Para quê... Irei? Porque não?... Vamos.
Espera-me talvez a hora querida
Da vingança... Amanhã?... Amanhã!... hoje.

II

– «Irei sim» rompe o vate, continuando,
Alto, o discurso que até ali na mente
Consigo meditando revolvera,
«Irei sim. Não achais que devo, amigo?»
– «Deveis o quê?»
– «Ir».
– «Onde?»
– «Onde é meu fado».
– «Quereis dizer à corte? Ouvi que a Sintra
Se fora el-rei com o conselho e cabos
Principais do exército. É voz pública
Que hão-de aí resolver graves projectos
De alta valia: mas...»
– «E que me importa
A mim corte e conselho? Outros motivos
Tenho, outras razões...»
– «Tenhais embora.
Mas, já que estais na corte, ou perto dela,
Avisado seria aproveitar-vos
Da ocasião. Por boca anda de todos

Que do jovem monarca se prepara
 Nova jornada às costas africanas.
 Em bem o fade o céu!»
 – «Dizem-no? É certo?
 Um mancebo inexperto, única esp'rança
 Do reino, que, inda mal! já tanto inclina
 Da primeira grandeza! – Ah! confiança
 Tenho que inda haverá nesse conselho
 Um português que português lhe fale,
 E com a respeitosa liberdade
 Que é nossa natural e um bom rei preza...
 Preze ou não, deve ouvi-la: mau conselho
 Dará sempre o que, ao dá-lo, se arreceia
 Da verdade que diz. – É tarde, é tarde;
 Fomos, não somos já.» Continuaram
 Em práticas iguais os dois amigos;
 Mas o Luso, a quem na alma se alevantam
 Ideias que as da pátria suspenderam,
 Dest'arte diz:-«Amigo, um dever triste
 Me chama, a quê não sei: cobre-o mistério
 Com véu impenetrável. Minha vida
 Toda há sido de estranhas aventuras.
 Quem sabe?– acabará por esta agora.
 É de fracos temer, mus de prudentes
 Acautelar-se é lei. Meu haver único,
 Todos os meus tesouros são um livro.
 Pouco valor, – nenhum tem porventura;
 Mas de longas fadigas, do trabalho
 Da vida inteira é fruto. Escrito em partes
 Com lágrimas há sido, e bem pudera
 Com sangue em muitas. Sobre os calvos serros
 Das montanhas, nos vales deleitosos,
 No campo em tendas, na guarita em praças,
 No mar entre o arruído das procelas,
 Ao dos grillhões nos cárceres – contínuo,
 Incessante, indefesso hei trabalhado
 Para levar ao cabo a empresa ardida
 Deste livro que tanto me há custado.
 Já náufrago nas águas desse rio
 Onde tudo perdi, de um braço a vida,
 Nadando, às ondas confiei revoltas,
 Para no outro o salvar. – Este depósito
 Em vossas mãos confio. Se mais novas
 Não houverdes de mim... quem sabe? acaso
 Útil poderá ser à minha pátria.
 Ela, e o seu amor, todo o inspiraram,
 À sua glória inteiro é consagrado.»
 – «Tão longa viagem, tão p'rigosa é essa?»
 – «Longa não; perigosa... Eu sei? Não, certo.»
 – «Quando intendeis partir?»

– «Eu? esta noite.»
 –«Assim que, em nada mais servir-vos posso...
 Nem já de vossa história interessante
 Ataremos o fio?»
 – «Oh sim: nem longo
 Será ele.»
 Suspenso alguns momentos,
 Como buscando, entre outras, uma ideia
 No tumulto confusa, assim prossegue:

III

– «Falei-vos, se a turbada fantasia
 Me não engana, da tenção tomada
 Por quase inspiração – vão sonho acaso.
 Com pensamentos tais saí do templo:
 Escondia-se o sol de além dos montes
 Da outra margem do Tejo: alva e sem lume
 Parecia no azul dos céus tranquilos
 Infante a lua, como o arco ebúrneo
 Que ao númen que nesse astro afiguraram,
 Deram antigos vates. Mais sereno,
 Mais belo pôr do sol jamais o hei visto
 Nos desvairados climas decorridos
 Em minha incerta vida. Ao longo vinha
 Da solitária praia respirando
 A fresca viração que mal das águas
 Leve encrespava a superfície apenas;
 Uma voz me chamou, – voz que em meu peito
 Ouve inda o coração – voz doce e meiga,
 Que nunca mais... oh! nunca mais na terra
 Escutarei dos vivos... – volto o rosto:
 De baixa gelosia me acenava
 Com um cândido véu, mais nívea e cândida,
 Formosa e breve mão. Flutuando ao vento
 O véu caiu, e a dextra desaparece.

IV

«Ergui-o palpitando: um nó o atava.
 Trémulo o desabrocho – era oiro puro,
 Oiro daquelas tranças tão queridas,
 Rica jóia de amor. Coa doce prenda
 Vinha um bilhete: abri-o, li: – «Roubado
 Foi este instante a bárbaros tutores.
 Insensatos! vigia mais do que eles
 Amor, que pode tudo. A minha glória,
 Pu-la em teu coração; minha ventura,
 Minha vida, o meu ser de ti confio.
 Parte – é força partir... – Ausência dura,

Separação cruel só pode unir-nos.
 Sai a frota amanhã; vai alistar-te.
 Campo no oriente a grandes feitos se abre.
 Volta com nome tal que tudo vença
 Eu viverei de lágrimas...– Embora.
 Matar-me-ão saudades... Não, não hão-de.
 Ver-me-ás ainda; um anjo ontem mo disse
 Num sonho tão feliz! – Era eu vestida
 De riquíssimas galas... e alva c'roa
 De rosas me toucava... tu a um lado,
 Triste – não sei porquê, outros de luto:
 Não me admirou, que nosso amor não querem.
 E o anjo assim me disse. E mais, que um dia
 Tamanho se fará teu nome e glória,
 Que encha o universo. – Vai: adeus!... Terrível,
 Amargo adeus é este... Não importa.
 Parte... e jamais te esqueças...»

V

«Uma lágrima
 Delira o mais das letras; – quente ainda
 A senti no papel...– Mudo e sem vida
 Horas longas fiquei parado, extático,
 No coração a carta, os olhos fitos
 Na avara gelosia. Alta ia a noite;
 Água acima passava uma falua:
 Bradei, acodem., a Lisboa volto,
 E ao outro dia, na maré da tarde,
 Da popa dum galeão via fugindo
 O Tejo, as suas ribas deliciosas ,
 Depois a terra; – alfim o céu e as águas
 Sós com minhas tristezas me ficaram.

VI

«Próspero o vento foi. Por esses mares ³⁴
 Que humana geração jamais abrira,
 Seguindo fomos o atrevido esteiro
 Do grande Vasco. A sestra nos ficavam
 As mauritanas várzeas tão regadas
 De sangue luso. Vimos a frondosa,
 Vicejante Madeira, a primogénita
 De nossas descobertas, e a mais bela
 De quantas pelo Atlântico dispersas
 O generoso Henrique adivinhara.
 Massília estéril, e os queimados serros
 Donde o Sanagá negro se despenha,
 Passámos, o Arsinário cabo vendo,

³⁴ *Lus.*, canto V, desde a est. 3, até 10.

Que Verde em seu extremo apelidámos.
 Vimos também as Fortunadas ³⁵ ilhas,
 E entrando as que de Hespério o nome tomam, ³⁶
 As orientais costas africanas
 Rodeámos de Jalofo e de Mandinga,
 Onde o curvo Gâmbia ao Tejo manda
 As ricas páreas do caudal luzente.
 As Dórcadas ³⁷ passámos, que dos silvos ³⁸
 Das víboras na areia inda retinem:
 Crespas tranças outrora que inflamavam
 O cérulo Neptuno. Ao austro a proa,
 No imenso golfo entrámos, transcorrendo
 A Leoa serra aspérrima, e o cabo
 Que dissemos das Palmas, e a frondente
 Ilha que do incrédulo discípulo
 O apelido tomou. ³⁹ Ali a fértil,
 Vastíssima região que lava o Zaire, ⁴⁰
 Ganha por nós à fé, e conquistada
 Por armas só de paz. Assim transposto
 O que divide o mundo, ardente término,
 À dextra nos ficava a plaga imensa
 Não sonhada de antigos sabedores,
 Por onde o velho mundo dilataram
 Os nossos e os que após dos nossos foram:
 Que ousar e perfazer tamanho feito
 Fora a humanos esforços impossível
 Se o braço português não ajudasse.

VII

«O astro novo, não visto de outra gente
 Antes que o luso nauta lho amostrasse,
 Já no hemisfério oposto nos brilhava.
 Víamos-lhe essa parte menos bela
 Onde raras estrelas pasce a pólo
 Ali, pesar de Juno e de seus zelos,
 Vimos banhar nas águas de Neptuno
 As inflamadas Ursas. Pelos topes
 Dos mastros, e no horror da tempestade,
 Claro avistámos a azulada chama
 Do santo, vivo lume. Oh! recontar-vos
 As maravilhas tantas, os prodígios
 Que hei visto, longo fora; e conhecidas
 Serão elas de vós que os largos mares,

³⁵ Canárias.

³⁶ As de Cabo Verde.

³⁷ Ilha do Príncipe, etc.

³⁸ *Lus.*, canto V, desde a est. 11, até 14.

³⁹ Ilha de S. Tomé.

⁴⁰ Reinos de Angola e Congo.

Que as vastíssimas plagas descobertas
 Pela nobre ardileza lusitana
 Corrido haveis também. Destas paragens
 Velas demos ao noto que soprava
 Rijo, em vão, contra a força descontrada
 Da impetuosa corrente. Ia uma noite
 Na cortadora proa vigiando,
 Quando atra cerração medonha e feia
 Nos fecha o claro céu; amaina o vento,
 E em tanta escuridão batendo as velas
 Em podre calma, à pavorosa cena
 Dobram tremendo horror. – O mar ao longe
 Dá longos, ocos brados que rebramam,
 Com o se desse em vão nalgum rochedo.

VIII

«Éramos cerca do famoso cabo
 A que mudou boa esperança o nome
 Que primeiro lhe demos, das tormentas.
 Ao pensar em tão ásperas fadigas,
 Tanto sangue perdido, tanta morte,
 Tanto naufrágio cru, desgraças tantas
 Que a dobrar esse cabo nos custaram
 Para ir edificar sublime império,
 Novo reino entre gentes tão remotas,
 Se me alargava o coração no perto,
 Vendo-me português. E é pois tal feito
 Feito de homens?... – O vento repentino
 Soprou, rasgaram-se as fechadas nuvens,
 E retremeu nos mares o estampido
 Dum trovão temeroso. Alheada a mente
 Na majestade da procela horrísona,
 E em tamanhas ideias confundida,
 No ar se me afigurou troar de irada
 A potestade imensa de algum génio
 Que os cancelos do oriente ali guardasse;
 Cuidei ver a grandíssima estatura
 De disforme gigante a quem as chaves
 Confiara de Ásia o árbitro do mundo,
 E que de tanta audácia portuguesa
 Irritado, ao primeiro que franquear-lhe
 Assim ousou seu passo tão defeso,
 Da boca negra, e pálido de cólera,
 Fatídico dissesse – «Ó gente ousada,
 Mais que tantas no mundo hão cometido
 Empresas grandes, não te basta o mundo
 De homens sabido para tantas guerras,
 Tais e tão cruas, com que, tão pequenos,
 Fatigais o universo? De tão longe

Vindes quebrar meus términos vedados,
 A demandar em regiões ignotas
 Onde cevar essa ambição de glória,
 Essa implacável sede de conquistas
 Que no inquieto peito vos referve?
 Acabareis por fim coa empresa ardida;
 Sim, vencereis; mas a vitória cara
 Tem de custar-vos. Inimigo eterno,
 Aqui em meu tremendo promontório
 Vos espero; aqui áspera vingança
 De quem me descobriu tomarei. – Morte,
 Morte é o menor dos mates que vos guardo.
 Nem da beldade as lágrimas formosas,
 Nem suspiros de amor, nem ais carpidos
 De maternal ternura hão-de amolgar-me...
 E não se acabará só nisto o dano;
 Antes por vossas mãos o mor castigo
 Recebereis: do império cimentado
 Com tanto sangue e com virtudes tantas,
 (Breve as heis-de perder) medonhos crimes,
 Devassa tirania, infandos vícios,
 Superstição cruel minarão cedo
 Os nobres fundamentos. Atuído
 Baqueará por terra o sólio altivo
 Que sobre as ruínas erguereis dos povos.
 Vis descereis pelos degraus do vício
 Do trono a que a virtude vos alçara.

IX

– «Assim na extasiada fantasia
 Um eco misterioso me soava:
 Di-lo-ei presságio triste em já grão parte
 De seu fadar cumprido!...
 «Enfim dobrado⁴¹
 O imenso, proceloso promontório,
 Vogámos, longo, os mares interpostos,
 Que do Índico lago aquém separam
 As requeimadas costas africanas.
 Saudámos a dura Moçambique,
 Porta do Oriente que a Ásia lusitana
 Parece unir aos áfricos domínios,
 Por onde, desde a Europa às partes quatro
 Se dilatou o português império.

X

«Do longo navegar alfim ao termo
 Desejado chegámos; da soberba

⁴¹ *Lus.*, canto V, desde a est. 62, até ao fim.

Cidade de Albuquerque os muros entro.
 De sobressalto o coração batia-me
 Ao pisar essas praias que o triunfo
 Viram do forte Castro. – Aqui da guerra
 No duro trato, ora ao Gentio rudo,
 Ora ao pérfido Mouro combatendo,
 Longo continuei; porém do marte
 Português quão diversa é hoje a sorte!
 Não glória já, mas frívolas contendadas,
 Injustas opressões nos arrancavam
 A preguiçosa espada da bainha.

XI

«Cheia a imaginação do misterioso
 Sonho ou visão que, no moimento sacro
 De Manuel, me incendiara a fantasia,
 Embalde aos p'rigos, ao Furor das ondas,
 Ao mais cru das batalhas me arrojava.
 Se era meu fado a glória, mais potente
 Foi que o meu fado a inveja de inimigos,
 ódios, perseguições. – Já malferido
 De eiva de morte arqueja o império de Ásia.
 Os devassos costumes, a impiedosa
 Sede de mando, a sórdida cobiça
 Dos ministros da lei, e até – sincero,
 Franco é meu discorrer, e em mal! bem certo...
 Dos que, indignos do altar, o altar profanam
 Com sacrifícios bárbaros de sangue,
 A um Deus só de paz e de bondade,
 Em vez do puro incenso de virtudes,
 Negro vapor de pálidos cadáveres,
 Suspiros da viúva, ais do órfão triste,
 Lágrimas, sangue e morte oferecendo...
 Tudo, a golpes contínuos, redobrados,
 Vai prostrando o glorioso monumento
 Dos Pachecos, dos Castros e Albuquerque.
 Que é desse esp'rito que animava os fortes?
 Que é desse vivo ardor de fama honrada
 Que faiscava em lusitanos peitos,
 E a arriscadas acções, a empresas grandes,
 A mais que humanos feitos os levava?
 Extinguiu-se, acabou. Já fomos Lusos;
 Fomos: – de nossa glória o brado ingente
 Breve será clamor que geme longe,
 Como voz de sepulcros esquecidos
 Balda soando no porvir que a ignora.

XII

«Que me restava a mim, que me era dado
 Em tal descaimento, em tal baixeza,
 Cometer, perpetrar? – Inúteis p'rigos
 Em guerras mais inúteis, cicatrizes
 Mal prezadas de quem valia ignora
 Do sangue desparzido em prol da pátria
 Que podiam valer-me? De indignado
 Ergui a voz, clamei contra a vergonha
 Que o nome português assim manchava,
 Esconjurei as sombras indignadas
 Dos heróis fundadores dum império
 Que tão bastardos netos destruíam.
 Em vão clamei; minhas verdades duras
 Mole ouvido os tiranos ofenderam:
 Puniu desterro injusto a minha audácia.

XIII

«Anos sete vaguei de terra em terra
 Ora vendo essas ilhas ⁴² escaldadas
 Do eterno fogo que as consome e anima,
 Ora os deliciosos habitantes
 Da malaia península. – Um repouso,
 Plácido quanto o gozam desgraçados,
 Encontrei na escalvada penedia,
 Onde na roca estéril se alevanta
 Macau, fértil agora das riquezas
 Que o manancial do tráfico lhe verte.
 Ali, só com meus tristes pensamentos,
 Livre ao menos dos homens, só comigo,
 Coas lembranças da pátria, coas saudades
 Que lá me tinham coração e vida,
 Se não vivi feliz, sequer tranquilo.

XIV

«Nas penhas dessa ilha abriu natura
 Cava na rocha, solitária gruta, ⁴³
 Onde as náíades frias vão coitar-se
 Do ardor da sesta: à entrada lhe vicejam
 Recedentes arbustos, heras crespas;
 E no vivo rochedo lhe entalharam
 Misteriosas mãos ignotas letras.
 Talvez em longes eras meditasse
 Solitário discip'lo de Confúcio
 Nessa caverna as eternas verdades
 Do grande *Tien*, do deus da natureza,
 Que ao Sócrates da China se amostrara

⁴² Filipinas.

⁴³ Chamada ainda hoje a Gruta de Camões.

Mais temporão, se lhes não mentem crónicas,
 Que ao amante de Fédon.⁴⁴ – Vem quebrar-se
 Perto o mar, que se espraia longo e longo,
 Té se perder no extremo do horizonte.
 Ali de soledade amarga e doce
 Esquecidas passei horas ditosas:
 Ditosas – se jamais fio de areia
 Na voadora ampulheta me há corrido
 Horas que tais se chamem. – Nesse poiso
 De suave tristeza me acudiam
 A memória as lembranças do passado,
 Magoadas coas ideias do presente,
 De envolta com receios do futuro;
 E acaso de esperança verdejava
 Leve folha dos ventos assoprada.

XV

«Pátria, oh pátria! – dizia – é pois um sonho
 Essa visão, que por celeste a tive?
 Teu nome eternizar, dar brado à fama,
 Que de ti digno, digno de Natércia
 As gerações pasmadas me aclamassem!...
 Assim vos dissipais, visões de glória,
 Como fumo que se ergue da choupana
 Para subir aos céus, – que Euros dispersam,
 Quase punindo-o de tenções tão altas!
 Que pode em pró da pátria um desgraçado,
 Perseguido, no exílio imerecido?...

XVI

«Uma voz cá do íntimo do peito
 Cuidei ouvir que assim me respondia:
 – Pode roais do que a espada, a voz e a pena;
 Feitos de glória imortaliza o canto,
 Salvam do olvido as musas. Viva a fama
 Que em versos divulgaram numerosos
 Vates de Grécia e Roma. É menos digno
 De eterno carne o peito lusitano,
 A quem Neptuno e Marte obedeceram?
 Um Nuno fero, um Egas, um dom Fuas
 Não excedem os sonhos mal fingidos
 De Orlandos falsos e de vãos Rugeiros?
 De incerto Eneias para si não toma
 Fama e renome aquele Gama ilustre
 Que ousado em p'rigos firme e duro de alma
 Mais do que permitia esforço humano
 Cometeu e per fez acção tamanha?

⁴⁴ Sócrates. Veja nota no fim.

XVII

«Na mente, como um ímpeto invencível,
 Me dava abalo o altivo pensamento.
 Grande é o arroja, desmedida a altura
 Onde me afoita de subir a ideia.
 Embora, embora! seguirei meu fado.
 As ninfas invoquei do Tejo ameno,
 Que em mim criassem. novo engenho ardente
 Que a tão subida empresa se elevasse.
 Cometi, persever'rei no ousado intento;
 Trabalho de anos foi: e enfim completo,
 Com ele à doce pátria me voltava
 No benigno favor esperançado
 De meus concidadãos, no de um monarca
 Prezador das virtudes, do heroísmo
 Que em meus versos cantei. – Mais doce ainda,
 De mais subido prémio outra esperança
 Me alentava... Ai de mim! um longo sonho
 Minha existência há sido. – E pois que nada,
 Nada já agora me ficou na terra...
 Ei-lo, senhor, o livro: apresentá-lo
 Cuidei outrora à esperançosa prole
 Do grande Manuel; cuidei depô-lo
 Aos pés de outro monarca mais potente,
 Que melhor galardão pudera dar-me
 Por quanto hei merecido... – Hoje...»

XVIII

Suspenso
 Nesta voz, som confuso e mal formado
 Que vinha depós ela, se disperde
 Em longo e cortadíssimo suspiro.

CANTO QUINTO

*Repousa lá no céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.*

Cam., Sonet.

I

«Correi sobre estas flores desbotadas,
Lágrimas tristes minhas, orvalhai-as,
Que a aridez do sepulcro as tem queimado.
Rosa de amor, rosa purpúrea e bela,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

II

«O viço de meus anos se há murchado
Nas fadigas, no ardor sevo de Marte;
Estranhas praias, ignoradas gentes,
Bárbaros cultos vi; gemi n'angústia,
Penei ao desamparo, em soledade;
Vaguei sozinho à míngua e sem conforto
Pelos palmares onde ruge o tigre:
Tudo sofri no alento duma esp'rança
Que, no instante de vê-la me há fugido...
Rosa de amor, rosa purpúrea e bela,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

III

«Longe, por esse azul dos vastos mares,
Na soidão melancólica das águas
Ouvi gemer a lamentosa Alcíone,
E com ela gemeu minha saudade.
Alta a noite, escutei o carpir fúnebre
Do nauta que suspira por um túmulo
Na terra de seus pais; e aos longos pios
Da ave triste ajuntei meus ais mais tristes...
Rosa de amor, rosa purpúrea e bela,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

IV

«Os ventos pelas gáveas sibilaram;
Duras rajadas de escarcéu tremendo
As descosidas pranchas semeavam
Pelas cavadas ondas... Feia a morte
Nos acenou coas roxas agonias
Malditas da esperança... – E eu só a via;

Eu só, na cerração da tempestade,
 Via brilhar a luz da meiga estrela,
 Único norte meu. Por mar em fora
 Os duros membros negros estendia
 Esse gigante cujo aspecto horrendo
 Primeiro eu vi, primeiro a seus amores
 Corri o véu dos interpostos séculos:
 Quis-me punir do ousado sacrilégio
 Com que os segredos seus vulguei na lira.
 As iras lhe arrotei, ouvi sem medo
 Os amarelos dentes a ranger-lhe
 Por entre os furacões de atra procela.
 Vi-lhe a esqualida barba, de despeito,
 Arrepelar-se, e a cor terrena e pálida
 Ao clarão dos relâmpagos luzir-lhe
 Da sanguinosa cólera inflamada.
 Não me aterrou, que do almejado porto
 Me alumiaava o farol de luz amiga...
 Luro e consolador, fanal de esp'rança,
 Quando na praia já, sem luz me deixas!
 Engano lisonjeiro da existência.
 Que verdade cruel te há dissipado?
 Que ímpia mão te ceifou no ardor da sesta,
 Rosa de amor, roca purpúrea e bela?

V

«Os ecos das soidões que lava o Ganges,
 As veigas onde cresce a palma do Indo
 Aprenderam teu no me. E o meigo acento
 De minha branda lira repetindo,
 No sussurro das folhas recedentes
 A filha de Ciniras murmurava;
 Seus perfumados troncos, entalhados
 Por minhas mãos, embalsamado pranto
 Ao receber teu nome derramavam:
 A criminosa Mirra parecia
 De tão virtuoso amor envergonhar-se...
 Rosa de amor, rosa purpúrea e bela,
 Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

VI

«Oh gruta de Macau, soidão querida,
 Onde tão doces horas de tristeza,
 De saudade passei! gruta benigna
 Que escutaste meus lânguidos suspiros,
 Que ouviste minhas queixas namoradas,
 Oh fresquidão amena, oh grato asilo
 Onde me ia acoitar de acerbas mágoas,

Onde amor, onde a pátria me inspiraram
 Os maviosos sons e os sons terríveis
 Que não-de afrontar os tempos e a injustiça!
 Tu guardarás no seio os meus queixumes,
 Tu contarás às porvindouras eras
 Os segredos de amor que me escutaste,
 E tu dirás a ingratos Portugueses
 Se português eu fui, se amei a pátria,
 Se, além dela e de amor, por outro objecto
 Meu coração bateu, lutou meu braço,
 Ou modulou meu verso eternos carmes.
 Pátria, pátria, rival tu foste d'*Ela!*
 Tu me ficaste só, não desampares
 Quem por *Ela* e por ti sofreu constante,
 Quem por ti só agora o fio extremo
 Ténue conserva da existência aflita...
 Rosa de amor, rosa purpúrea e bela,
 Quem entre os goivos te esfolhou da campã?

VII

«Desamparou-me! – Triste e sem conforto
 Fiquei só, neste vale de amargura.
 Linda. mimosa flor, à sombra tua,
 Rasteira grama vegetava apenas
 Minha tímida esp'rança. Amarelece,
 Desabrigada planta, ao sopro ardente
 Do norte queimador. – Quem te há cortado,
 Quem, rainha das flóridas campinas,
 Te decepou sem dó – que faz, que espera,
 Que não leva também, que não arranca
 A humilde ervinha que sem ti falece?
 Rosa de amor, rosa purpúrea e bela,
 Oh! leva-me contigo à campã fria.»

VIII

Canção, canção de morte era esta sua,
 Que em som carpido os montes repetiam
 Da umbrosa Sintra. Sobre um calvo seno
 Na pedregosa encosta da montanha
 Que os mouriscos torreões inda coroam,
 Assim cantava aos sossegados ventos,
 Qual moribundo cisne gorjeando
 Pelas ribas do Eurotas. Parecia
 Que manso pelas auras suspirava
 A enternecida Inês, vendo seu vate,
 Seu imortal cantor gemer como ela.
 Ele uma seca, emurchecida c'roa
 De desfolhadas rosas apertava

No ansiado peito: a fio e fio as lágrimas
 – Embalde! – sobre as flores ressequidas
 Corriam da grinalda; o acre do pranto
 Mais lhe queimava a tez: não torna ao viço
 Flor que poisou na loisa do sepulcro.

IX

Nascia o sol: a névoa que rebuça
 De húmido manto os cumes das montanhas
 No alvorecer do dia, em véu ligeiro
 Rara se adelgaçava; resplendiam
 No sossegado mar os doces raios
 Da recém-nada luz. A amena veiga,⁴⁵
 Delicioso vale a quem de Tempe
 Cede beldade e fama, se estendia
 Pelas faldas da serra. As perfumadas
 Árvores de áureos pomos reluzentes
 Que à veloz Atalanta o pé ligeiro
 Na apostada carreira retiveram,
 E o tão ligado cinto desataram;
 As verde-escuras, espinhosas plantas
 Donde, virgíneas tetas imitando,
 Pende o céreo limão, – pendor não grato
 No lindo pomo a que o semelha o vate –
 Sobre a relva, inda fresco-rociada
 Das lágrimas da aurora, se avistavam
 Pela imensa campina, recolhendo
 A aura criadora nas lustrosas folhas
 Donde a vida nos troncos se derrama.
 Toda se alvoroçava a natureza
 A vinda alegre dessa luz benéfica,
 Remoçadora eterna da existência,
 Cujas são alma e vida do universo.

X

Em toda a pompa e luxo de suas galas
 Sintra, a formosa Sintra se amostrava
 Ao monarca das luzes, – qual princesa
 Do Oriente ao régio noivo se apresenta,
 Voluptuosos perfumes exalando
 Das longas sedas com. que brinca o zéfiro.

XI

Oh Sintra! oh saudosíssimo retiro
 Onde se esquecem mágoas, onde folga
 De se olvidar no seio à natureza

⁴⁵ Colares.

Pensamento que embala adormecido
 O sussurro das folhas, co murmúrio
 Das despenhadas linfas misturado!
 Quem, descansado à fresca sombra tua,
 Sonhou senão venturas? Quem, sentado
 No musgo de tuas rocas escarpadas,
 Espairecendo os olhos satisfeitos
 Por céus, por mares, Por montanhas, prados,
 Por quanto há i mais belo no universo,
 Não sentiu arrotar-se-lhe a existência,
 Poisar-lhe o coração suavemente
 Sobre esquecidas penas, amarguras,
 Ânias, lavor da vida? – Oh grutas frias,
 Oh gemedoras fontes, oh suspiros
 De namoradas selvas, brandas veigas,
 Verdes outeiros, gigantescas serras!
 Não vos verei eu mais, delícias de alma?
 Troncos onde eu cortei queridos nomes
 De amizade e de amor, não hei-de um dia
 Perguntar-vos por eles? Soletrando
 Não irei pelas árvores crescidas
 Os caracteres que, em tenrinhas plantas,
 Pelas verdes cortiças lhe entalhara?
 Oh! se inda eu vos verei! se os robres duros,
 Se me guardam fiéis os seixos vivos
 O humilde nome do esquecido vate
 Que em dias de prazer – tão breves foram!
 Dias de glória, ternas mãos gravaram!

XII

Há corações ainda que o conservam
 Esse ignorado, – mal sabido nome.
 Oh! sim que os há! Salvai, salvai, ó musas,
 De meus escuros versos estas linhas,
 Não para a glória – sonho vão de néscios!
 Mas em memória, doce de guardar-se
 Nalgum sensível peito. – Onde não gira
 Meu sangue... – E o sangue quão diverso corre
 Por veias que esquecidas não palpitam,
 Desleais! coa memória, mas que rara,
 Do infeliz, cujo seio enfraquecido
 Sangue, como esse, alenta... Onde não gira
 Meu sangue – e o sangue quão diverso corre!
 Peitos achei sacrários de amizade,
 Corações de anjos...

XIII

Sintra, amena estância,

Tronco da vicejante Primavera,
 Quem te não ama? Quem, se em teu regaço
 Uma hora da vida lhe há corrido,
 Essa hora esquecerá? Teu nome soa
 Eterno já nos hinos enramados
 De imorredouras flores. – Impotente
 Aí quebra a fúria do fremente oceano
 À raiz de teu firme Promontório...
 Mas que infrenes um dia as altas águas
 Soltas da voz que disse ao mar: *Suspende-te,*
Teu limite é aí – galgá-lo ousassem,
 E levar os delfins enamorados
 Folgar nos sítios em que geme a rola,
 E filomela modelou queixumes,
 Suavíssimo encanto da espessura;
 Mas que prodígio tal novos trouxessem
 Os séculos de Pirra, – inda o teu nome
 Não o esquecerá transmudado o mundo.
 Leva-to além das passadoras eras
 Do bardo misterioso ⁴⁶ o eterno canto,
 A harpa sublime agora pendurada
 Nos louros do Pamiso, – onde um suspiro
 De morte lhe quebrou a extrema corda
 Que Eleutéria divina lhe afinara –
 Do cantor que no alento derradeiro
 Ouviram as cidades contendoras
 Pelo berço de Homero, em canção última
 De moribundo cisne, o brado ingente
 Alçar da glória aos filhos acordados
 De Leónidas que dorme... Não, não dorme;
 Vela, co escudo e lança em torno roda
 Da arvorezinha tenra que plantaram
 Lanças dos bravos. Lanças mil a ameaçam:
 Resistirá? – ou do consórcio adúltero,
 Ímpia liga da Cruz e do Crescente,
 Nascerá monstro que a devore, a trague,
 E a queimada raiz lhe exponha ao vento
 Da atra ambição dos reis? – Morrei ao menos,
 Filhos de Heleno, perecei com. ela.

XIV

A vós já volvo, ó solidões de Sintra,
 E ao vate que suspira melancólico
 Entre esses que parecem dispersados
 Túmulos de gigantes – ou ruínas
 De algum primeiro tempo cujos mitos
 Esquecidos aí jazem, desprezados
 Nesses brutos lascões. – Últimas notas

⁴⁶ Byron's *Child Harold's Pilgrim*.

De sua triste canção inda zumbiam
 Pelas asas dos plácidos favónios,
 Quando uma voz: – «Não é de ânimo grande
 Sucumbir aos reveses: gema embora
 O coração ferido; mas um prazo
 Deu a razão às lágrimas. Segui-me.»
 – «Onde? a quem?... Ah! sois vós?»
 – «Sou eu, amigo;
 Cavaleiro, sou eu. Vinde; à justiça
 Porta abrimos enfim: ver-vos deseja
 E ouvir-vos o monarca.»
 – «A mim!»
 – «Puderam
 Chegar ao trono as vozes da verdade.
 Sabe quem sois el-rei; louvou com ênfase
 O amor da pátria glória que a alta empresa
 De perpetuar seu nome há cometido,
 Dando aos heróis de Lísia eterna fama.
 Vinde, que à hora nona vos aguarda
 Impaciente.»
 – «Mas o livro?...
 – «À Corte
 Vim por ele e por vós; comigo o trouxe.
 Há muito o conhecia: amigos vossos
 Dele com grande preço me falaram
 Em Goa e Moçambique.»
 – «E como ao ouvido
 Chegou de el-rei meu ignorado nome?»
 – «Sabereis tudo: dai-vos pressa; é tempo
 De preparar-vos à solene audiência
 Que haveis do monarca.»

XV

Ambos desciam
 A íngreme serra; abordado o velho
 Em seu cajado tosco, lhe dobrava
 Trémulos passos caridoso empenho
 Do officioso coração. Renasce
 O ardor sopito no inflamado peito
 Do guerreiro acordado do letargo
 De que o desperta esperançosa a glória.

CANTO SEXTO

*Não tinha em tanto os leitos gloriosos
De Aquiles, Alexandre na peleja,
Quanto de quem canta os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja,*

Lusíad.

I

O ceptro de Manuel, nas mãos já débeis
De Joane ⁴⁷ começado a desdourar-se
Do esmalte das vitórias e triunfos
Com que tanta virtude o adereçara,
O ceptro que, nas mãos doutro Joane ⁴⁸
Que ensinou a ser reis os reis do mundo,
Fora vara de lei e de justiça,
Fiel de liberdade bem pesada
Nu balança da pública ventura,
Ora na dextra de inexperto jovem
Vergado a maus conselhos, vacilante
Por meneio indiscreto, mal dirige
A máquina do estado, que parece
Mover-se ainda pelo antigo impulso
De melhor regedor. O astro de Lísia
Do zénite de sua glória descrevia
Curva afrontosa a miserando ocaso,
Que de Alcácer nas tórridas areias
Erros, crimes, traições lhe estão cavando.

II

Reinava Sebastião. – Se ânimo nobre,
Se valentia, amor de fama e de honra
Bastara a fazer reis, fora um rei esse;
Alas... – Sebastião reinava. Mal dormido
Sobre os avitos louros, já correra
A segar palmas na africana terra,
Que de nossas conquistas e vitórias
Berço fatal há sido e sepultura.
Do primeiro triunfo embriagado
Cuidou já da fortuna a vária roda
Ter fixada coa espada do mancebo.
Armas, Pelejas e vitórias sonha;
E entanto sobre as ondas mal seguras
Voga, à lei delas, o baixel do estado.

⁴⁷ D. João III.

⁴⁸ D. João II.

Ávidas mãos, do abandonado leme
 Validos travam, não a endereçá-lo
 Para o rumo perdido; mas cobiça
 Treda, que os move, a sirtes, a naufrágios
 Desarvorada a nau presto arremessa.
 Em suas iras de flagelo aos povos
 Um rei conquistador lhes manda o Eterno.

III

Do Escorial a onça refalsada
 Os negros fios da ambição urdia
 Que, por mãos de vendidos conselheiros,
 Em labirinto escuro enrevezavam
 Os descuidados passos do monarca.
 Murmurava em silêncio malsofrido
 Da nobreza real o escasso resto
 Que do antigo despejo lusitano
 Os francos sentimentos conservava.
 Impera o fanatismo, a hipocrisia:
 No profanado altar, fogueiras, vítimas,
 Do oriente ao ocidente lhes afumam
 O incenso da cobiça, e o vapor negro
 De sangue e morte que regala os monstros.
 Em taças de ouro, com prazer de tigres,
 De lágrimas de viúvas se embriagam;
 E os suspiros dos órfãos desvalidos,
 Como deleite de suave música,
 Os danados ouvidos lhes afagam.

IV

Eco antigo do nome lusitano
 Memórias de Pachecos e Albuquerque
 Sós continham ainda os inimigos
 Do vacilante império. Alucinado,
 Ignorante dos males que lhe encobrem,
 Crê reinar sobre um povo afortunado
 Do Tejo ao Zaire, e do Amazonas ao Ganges,
 O mancebo infeliz: tão vastos reinos,
 Que não governa, dilatar procura.
 Cego! que triste fado, em mal, o aguarda!
 Que triunfos, que glórias, que esperanças,
 Que sec'los de vitória, que virtudes
 Não vão, num dia, perecer com ele!
 Sorvei, areias de África, essas cinzas,
 Bebei todo esse sangue. – As asas mortas
 Exânime enrolou, caiu por terra
 O tenebroso Drago que amparara
 As Quinas tanto sec'lo: então primeiro

O Leão de Pirene o olhou sem medo.

V

Um só de honrada fama, inda virtuoso
 E português ainda, conservava
 No ânimo real leve influência.
 Aio dera o avô ao jovem príncipe
 Dom Aleixo, estremado entre os mais nobres,
 E em virtudes e letras ilustrados
 Cavalheiros da corte. Não se atreve,
 Conquanto o desejara, o rei mancebo,
 A afastar de seu lado este severo
 Amigo, que as verdades lhe não doira,
 Nem de lisonja vil empana o lustre
 Que em suas rectas palavras pôs justiça.
 Erros fatais, iníquos procederes,
 Feios labéus de púrpura – oh! e quantos
 Tem prevenido o velho! Quantas vezes
 Diante dessa honrada singeleza
 Tem recuado a intriga, – e despeitosa
 Curvado a prepotência a cerviz dura!
 Os validos, que o temem, que o detestam,
 Arteiramente vão minando surdos
 O favor do monarca mal experto:
 Mas não puderam inda. Pura, ingénua,
 Como a do homem de bem, era de Aleixo
 A religião sincera; detestava
 A hipocrisia, o orgulho dos ministros
 De um Deus todo amor, todo humildade,
 Que, sem comentadores, lhe mostravam
 O Evangelho e a razão. Poucos amigos
 Como é de ver, contava o honrado velho,
 Mas dignos dele todos. Desse número
 Era – e não muitos mais de seu estado,
 O castelhano ancião a quem o acaso
 Hóspede e confidente ao vate dera.

VI

Santo fervo: que à lusitana corte
 Trouxera o venerando missionário,
 Do aio real na protecção confia
 Para obter o que importa a seus misteres
 Nas remotas regiões onde deixara
 Cos neófitos seus alma e cuidados,
 Versado nos antigos exemplares
 De Grécia e Roma, aos cânticos sublimes
 De Job e Isaías se aprazia
 De comparar, em horas mais folgadas,

Canções de Esmirna e Mântua: a miúdo o viram
 Sobre os prantos de Dido verter lágrimas,
 Talvez sem o remorso escrupuloso
 Do eloquente Augustinho. Recebendo
 Em depósito um poema de que ouvira
 Falar já tanto, e de homem tão famoso
 Por seu grande saber, talento e arte,
 Ávido o livro abriu, leu. Admirado
 De ver trajar alfaias lusitanas
 Às homéreas belezas, aos apuros
 Das virgilianas graças, – mais ainda
 De originais, de novas formosuras
 Por antigos cantores não sabidas,
 – Cantores que jamais cuidou possível
 Igualar, exceder por arte humana –
 Seu generoso natural ardente
 Se lhe inflamou de nobre entusiasmo:
 – «É obra tal (exclamou), tamanho engenho,
 Tão nobre amor da pátria, tão sublime,
 Árdua empresa, trabalho tão difícil
 Não terá galardão? Quem há mer'cido
 Tanto da pátria por espada e pena,
 Ingrata a pátria o deixará sem prémio?
 Irá mendigo e súplice implorando
 A chatim mercador de ganho avaro,
 O humildoso favor de que lhe aceite
 Tal obra e tanta, por mesquinho preço
 Que, porventura, nem lhe mate a fome
 Nem lhe cubra a nudez – Oh!...» Resoluto
 Toma o bordão, caminho vai de Sintra,
 A Aleixo fala, expõe-lhe o triste caso,
 Maravilhas que leu conta, e as virtudes
 E assinalados feitos do homem grande
 Que em vão apouca a sorte. Almas formadas
 Para a virtude e nobres sentimentos,
 Fácil se entendem, e fácil comunicam
 De seu ardor sagrado o íntimo fogo.

VII

Menezes disse ao rei: – «Senhor, um velho
 E fiel servidor de tantos anos
 Que jamais vos pediu mercê nenhuma,
 Hoje um simples favor pequeno e único
 Da bondade real – talvez justiça! –
 Poderia esperar?»
 – «Tudo: explicai-vos
 Tudo: que pretendeis?»
 – «Pouco vos peço:
 Que ouçais um infeliz.»

– «Onde está ele?
Venha, mas seja breve; o tempo é curto:
E meus empenhos...»

– «Praza a Deus que sejam
Aos portugueses e ao seu rei profícuos!»

– «Certo o serão: a glória nos aguarda
Nas africanas praias impaciente.
A mim me tarda já de ir encontrá-la,
E... Porém dom Aleixo não aprova
As tenções do seu rei.»

– «Quando em conselho,
Franco ouvireis o meu; mas fora dele,
Real senhor, respeito e obediência
São os deveres únicos dum súbdito.»

– «O homem que sois, Menezes, bem conheço:
Amei-vos desde a infância, e inda vos amo.
Sois meu amigo, sei-o, e tão sincero,
Tão leal o não tenho.»

– «O céu permita
Que o cuideis sempre, e que infieis não sejam...
Senhor, o desgraçado por quem rogo,
Nada vos pede; é português e altivo,
Como o são portugueses: mas tal feito,
Tão gloriosa empresa em prol da pátria
Cometeu e perfez, que já desaire
Real seria de a deixar sem prémio»

– «Quem é esse homem? Que fez ele? O Gama,
O Albuquerque igualou?»

– «Fez mais do que eles;
Que os tornou imortais. Podem um dia
Erros nossos, baloiços da fortuna
Dar cabo dessas glórias do oriente,
Dessas conquistas de Albuquerque e Vasco:
Mas a fama das letras não perece,
Nem a domina o fado. Tanta glória
De Portugal padrão eterno exige
Que lhe assegure dos vaivéns a sorte
O porvir sempre incerto. Que soubéramos
Das façanhas de Aquiles, da piedade
Do fundador primeiro dessa gente
Romana cujo nome inda enche a terra,
Se de Virgílio e Homero não ficassem
Mais duráveis, seguros monumentos,
Que as vencidas nações, que os altos muros
Das erguidas cidades? Confessá-lo
Não é força a nós outros cavaleiros:
Renome e glória, bem o ganha a espada;
Mas conservá-lo, só o pode a pena.»

– «Assim mo heis ensinado e o tenho certo.»

– «Dos mais famosos príncipes o exemplo

Vo-lo dirá melhor. Vede Alexandre
 Chorar de inveja, não pelos triunfos
 Do filho de Peleu, mas pelos cantos
 Que imortal o fizeram: vede Augusto
 Prémios, favores, honras dispensando
 A quem de Roma as glórias celebrava.
 Valem mais do que os feitos portugueses
 Os de Gregos, Romanos? Mais vitórias,
 Mais troféus, mais virtudes nos reconta
 Sua falada história?»

– «Não, amigo,
 Não; e eu farei que inda maior se exalte
 O nome português pelo universo.»
 – «Assim apraza aos céus!»
 – «Praz, sim. Ou morte
 Honrada, ou glória igual a meus passados
 Ganharei eu.»
 – «A glória dum monarca,
 Nem sempre armas a dão. Dinis pacífico,
 Joane ⁴⁹ o justo...»
 – «Assaz mo tendes dito,
 Falemos, dom Aleixo, desse livro...»

VIII

E Aleixo quanto ouvira ao missionário
 Breve lhe expõe: o mérito da obra,
 O glorioso renome que lhe fica
 De protector das letras; enfim tudo
 Quanto para inflamar o ânimo ardente
 Do mancebo real melhor convinha.
 – «Ouvi-lo quero» disse o rei, «chamai-o
 Da minha parte: prémio terá digno
 Dele e de mim, se o que dizeis é certo.»

IX

O virtuoso Aleixo corre alegre
 Com a resposta ao empenhado amigo
 Que de tais esperanças enlevado
 Por devesas e grutas, por montanhas,
 Da fresca Sintra em derredor discorre,
 Té que o seu protegido alfim encontra.
 Juntos desceram a escabrosa serra,
 E de gratos futuros embalados
 A hora aprazada para a audiência aguardam.

⁴⁹ D. João II.

CANTO SÉTIMO

*..... Vereis um novo exemplo
De amor dos pátrios jeitos valorosos,
Em versos divulgado numerosos...
E julgareis qual é mais excelente
Se ser do mundo rei, se de tal gente.*

Lusíad.

I

Eu vi sobre as cumeadas das montanhas
De Álbion soberba as torres elevadas
Inda feudais memórias recordando
Dos Britões semibárbaros. Errante
Pela terra estrangeira, peregrino
Nas solidões do exílio, fui sentar-me
Na barbacã ruínosa dos castelos
A conversar coas pedras solitárias,
E a perguntar às obras da mão do homem
Pelo homem que as ergueu. A alma enlevada
Nos românticos sonhos, procurava
Áureas ficções realizar dos bardos;
Murmurei os tremendos esconjuros
Do Escaldo sabedor – falei aos ecos
Das ruínas a língua consagrada
Dos menestréis; – perfiz solenemente
Todo o rito; invoquei firme e sem medo
Os génios misteriosos, as aéreas
Vagas formas da virgem de alvas roupas ⁵⁰
Que, as tranças de ouro penteando ao vento,
Canta as canções dos tempos que passaram
Ao som da harpa invisível que lhe tangem
Os domados espíritos que a servem,
Como o subtil Ariel ⁵¹, por invencível,
Encantado feitiço...

II

– Ou mal ouvido
Foi o invocar do menestrel estranho,
Ou triste realidade dissipava
Fantasias de vates. Nem seteiras
Me bruxuleavam namoradas cores
De bordado talim, sérica banda
Por mão furtiva de gentil donzela

⁵⁰ Scott's *Poet. Romano*.

⁵¹ Shakespeare.

Deitada em hora escusa ao cavaleiro
 Que aventuras correr se vai ao oriente
 E a ganhar do infiel a Terra Santa.
 Nem, de além valos, nos corcéis armados
 Vi descidas viseiras, peitos de aço
 Onde se espelha vacilante a lua,
 Enquanto aguardam que da ameia soe
 Corno de anão que abata a erguida ponte.
 Não vi quadrigas de vistosas justas
 Nas praças de armas à lançada viva
 Disputar-se o colar de ouro maciço
 Prémio do vencedor, por mãos bem lindas
 Ao peito inda sanguento pendurado.

III

Nada!... Só pelos fossos entupidos
 Do desfolhar do outono, e bronco entulho
 Dos muros derrocados, – soltas pedras
 F, imunda terra à vista afiguravam
 Insepultos cadáveres, golpeados
 Membros, inda cobertos de aço e ferro,
 Dos que em contenda injusta pereceram
 Peto vaidoso orgulho ou vão capricho
 Do castelão soberbo. Nas ameias
 Se me antolhavam hórridas cabeças
 Hirta a grenha, coas carnes laceradas
 Do corvo – certo amigo dos tiranos,
 Que regalado o trazem. Tristes vítimas!
 Mais crime não teriam que a vontade
 Do imperioso senhor que a seus vassallos
 Vilões de sua terra – seus como ela –
 Quis do poder que tem mostrar a alçada!

IV

Ao pé dessas janelas recortadas,
 Em que inda o tempo conservou resquícios
 Dos já pintados vidros, fresta escassa
 Dá luz medonha à escuridão sombria
 De fétidas masmorras inda inteiras,
 Mais duradoiras que os salões dourados:
 Como se a idade, que destruiu palácios,
 Memórias de prazeres, luxos, pompas,
 Catasse mais respeito a tais vestígios
 De atrocidade e crimes, – e escrevesse,
 Ao passar, com a fouce enferrujada,
 Nu limiar dessas Portas: *Escarmento*
Às gerações porvir. – Doía-me alma
 Na solidão das ruínas; e a lembranças

Mais gratas me fugia o pensamento,
Para os vergéis da pátria esvoaçando.

V

Oh! nobres paços da risonha Sintra
Não sobre a roca erguidos, mas poisados
Na planície tranquila, – que memórias
Não estais recordando saudosas
Dos bons tempos de Lísia! Nem seteiras
Nem torreões nem barbacãs nem fossos.
E que havia mister desse aparato
Dado a tiranos, que inimigos vivem
De inimigos cercados? Que soldados,
Que mercenárias hostes de Janízaros
Precisava um monarca lusitano
Que Precedido vai por débeis canas,
Símbolo da brandura e singeleza
De bom pastor de povos? – Santas eras!
Se pudésseis voltar, dias ditosos.

VI

Alto o dia, horas oito: já nos átrios
Girava do palácio a vária turba
Que a audiência do rei, ou do valido,
– Quantos do mais escuro sevandija
Que tais mansões infesta! – ah aguardam
Acovardados uns, esperançosos
Outros se amostram. Pretendente humilde
Tímido se conchega a pobre capa,
Porque não toque as rugedoras sedas
Do cortesão soberbo. Altivo o grande
Com gesto protector ali corteja
O artífice coitado, que nem ousa
Recordar-se das dívidas antigas
De tamanho senhor, tão dado e lhano,
Que tal honra lhe faz. O nédio abade,
Que engordou nas fadigas evangélicas,
Sem olhar, vai passando o triste cura
A quem a escassa cõngrua tanto abaixo
Na hierarquia pôs. Que requer este?
Do real padroeiro esmola ténue
Para uma caridosa albergaria
Que em. seu pobre passal instituía.
E o que pretende aquele? – O episcopado,
A que tanto direito lhe conterem
Os trabalhos dum pingue beneficio
Desfrutado na corte.

VII

– Nesta cena
 Tão variada em actores e interesses,
 Dois novos, que no gesto e ad'mã bem mostram
 Quanto esteiras do paço os desconhecem ⁵²
 Entravam; curioso alvo das vistas
 Da turba pretendente: um velho monge,
 Um guerreiro de aspecto altivo e nobre,
 Mas de vaidade alheio. – «Vem da Índia
 A requerer: – não trazem doutra gente
 Estas frotas de Goa?» – Abriu-se a porta:
 Volvem-se os olhos todos. Qual em Delfos
 Devotos peregrinos, quando os quícios
 Do misterioso limiar se movem,
 E o oráculo – terrível ou propício? –
 Vai por obscuros carmes explicar-se.

VIII

É dom Aleixo: no tropel confuso,
 Que se apinha de em torno, alguém procura.
 Quem será o invejado aventureiro?
 O aio real aos dois desconhecidos
 Cordial saúda; e conversando juntos
 Poucos momentos, – eis dão os porteiros
 O devido sinal, menestréis tagem;
 El-rei chega, no trono toma assento.
 Breve a audiência foi; não sobra o tempo
 Para as santas funções de magistrado
 A militares reis: às armas cede
 A toga mal prezada. – Audiência é finda.

IX

E el-rei, como inquieto, ao aio antigo:
 – «Dom Aleixo, entre tantos pretendentes
 O vosso protegido não no vejo.»
 – «Ei-lo, senhor, o nobre cavaleiro
 Que desejais ouvir.»
 – «Sim, quero ouvi-lo,
 Quero e desejo: não ignoro o preço
 Das boas letras, nem dum raro engenho
 A estima desvalio: em prol da pátria
 Uns obramos coa espada; cumpre a outros
 Coa pena honrá-la.»
 – «Se honra a minha pena,
 Real senhor, a minha amada pátria,
 Di-lo-ão sabedores e letrados.

⁵² Expressão do elegantíssimo D. Franc. Man. de Melo. *Guia de Casados*.

Para servi-la... espada e braço tenho
 Que por si falarão.»
 – «Digna resposta
 De português! Honrado sois, amigo.
 Por tal vos tenho e quero; e abonos vejo
 Em vosso rosto que voltar não usa
 Da face do inimigo. – É este (disse,
 Falando aos cortesãos) de quantos de Ásia
 Aqui vêm, o primeiro que não fala
 Em suas cicatrizes.»
 – «Hastas eram,
 Senhor, as de Pacheco, e...»
 – «Eu não ignoro»
 Asperamente el-rei o interrompia
 «Os feitos de Pacheco.»

X

Olhos pasmados
 Os cortesãos cravaram no soldado
 Que tão crua verdade se afoitava
 A proferir ali; algum já cuida
 Que de escuro castelo a torre o aguarda,
 Ou que ao menos... Compondo um tanto o vulto,
 Tornou el-rei:
 – «Iremos, para ouvir-vos,
 Da Penha verde à fresquidão sentar-nos.
 Calmoso vai o tempo; e ademais, prazem
 Dobrado entre a verdura os dons das musas.»

XI

Seguem todos o rei; a encosta sobem
 Do monte; e pelos bosques onde o louro
 Inda as glórias de Castro está c'roando
 Inda viceja coas memórias dele,⁵³
 A real companhia vai entrando.

XII

Estavam de altas árvores à sombra
 De aveludada relva em fresco assento.
 Atento o jovem rei fitava ansioso
 O guerreiro cantor que o nobre aspecto
 Tinha como de glória resplendente,
 E na divina inspiração aceso.
 Qual deveras o imita, qual fingindo;
 Mas todos se compõem do rei a exemplo.
 O vate começou: pausado acento,

⁵³ Célebre quinta de D. João de Castro.

Respeitoso não tímido, lhe alonga
 Solenemente o cadenciar medido
 Do metro numeroso. O heróico assunto ⁵⁴
 Primeiro expõe do Canto: armas e glória
 Dos barões lusitanos que fundaram
 Do Oriente o Império novo; os grandes feitos
 Dos reis, dos cidadãos de eterna fama
 Que se hão da lei da morte libertado.
 Logo as Tágides musas invocando
 Porque alto som lhe dêem e sublimado,
 Um estilo grandíloquo e corrente:
 – «Dai-me – com voz mais elevada clama –
 Dai-me uma fúria sonora e grande,
 E não de agreste avena ou ruda fruta,
 Mas da tuba canora e belicosa
 Que o peito acende, e a dor ao gesto muda,
 Um canto igual a meu erguido assunto.
 Se tão sublime preço cabe em verso.»

XIII

Depois ao jovem rei, segura esp'rança
 Da lusitana, antiga liberdade.
 Em versos de amor pátrio cintilantes,
 Ao ouvir cantar dos feitos portugueses
 Convida; pinta-lhe em vivazes cores
 A grandeza do povo a que preside,
 A lealdade, o valor; e recordando
 De seus avós famosos as virtudes.
 Digno exemplar de emulação lhe aponta.

XIV

Já da tuba a Calíope travando,
 Em terso estilo, e não de inchada pompa,
 Mas – qual fluente e majestoso rio
 Por suas ribas magnífico se espraia –
 Tal por seu grande assunto o vate imenso.

XV

No largo oceano, em próspera bonança
 As atrevidas naus vão navegando.
 Dos céus o alto Poder sublime e dino
 A conselho as menores potestades
 Sobre tamanha empresa convocava
 Cuidas ver, lá num trono de diamante,
 Sentado o pai dos numes; por seus lábios
 Fulge o louvor da lusitana gente,

⁵⁴ *Lus.*, canto I.

Pasmo e terror do mundo. É seu propósito
 De mor glória lhe dar no ignoto Oriente.
 De Nisa o vencedor cioso impugna
 A sentença do nume. Quem sustenta
 A heróica Lísia? É Vénus, Vénus bela,
 Afeiçoada a um povo, das romanas
 Qualidades herdeiro, e cuja língua
 Com pouca corrupção crê que é latina;
 Um povo tão zeloso de seu culto,
 Tão devoto amator de seus altares!
 O fado o decretou, Jove o confirma;
 Abram-se as portas do Oriente aos Lusos.

XVI

Já surgindo na trega Moçambique,
 Ao fementido mouro pune o Gama
 Da pérfida malícia. Eis lá Mombaça, ⁵⁵
 Onde falsos Símons a engano o levam,
 Cru exício lhe estava preparando,
 Por artes do que sempre a mocidade
 Tem no rasto perpétua, e foi nascido
 De duas mães. Tu, Ericina linda,
 Que a assinalada gente andas guardando,
 Tu, do velho Nereu, coas alvas filhas,
 Pondo ao duro madeiro o brando peito,
 Da cilada os salvaste. – Aqui do vate
 O estilo se embrandece, espira o canto
 Suavíssimos perfumes de Amatunte;
 Rosas de Pafos e jasmims de Gnido
 R namorada lira lhe coroam,
 Quando a bela Dione à sexta esfera
 Segue enlevado. – Está pelos semblantes
 Dos que o escutam debuxado o gosto
 Que o deleitoso quadro acende na alma.
 O mimo dos pincéis tão delicados,
 Não lho deu natureza, que o não tinha;
 Deu-lho amor de seus cofres escondidos,
 Que nem a Ticiano tão querido,
 Tão grão privado seu jamais abriira.

XVII

Mármore de Praxísteles, esmeros
 De Fídias, de Cánova; oh! que beldades
 Retratais imperfeitas! – Mas que os fados
 Vos outorgassem a invejada sorte
 Do venturoso Pigmalião obtida,
 Quando há-de o apuro do cinzel mais destro

⁵⁵ *Lus.*, canto I.

Tais mimos igualar? Aquele gesto
 Que as estrelas, o céu e o ar namora,
 Aquele afrontamento do caminho
 Que a beleza lhe aviva? Como as graças,
 Os espíritos vivos que inspiravam
 Dos olhos onde faz seu filho o ninho?
 Vê-la diante do padre omnipotente
 Como na selva do Ida se amostrara
 Ao mui feliz troiano!... que, se a vira
 Tal o que já por vista menos bela
 Vulto humano perdeu, nunca seus galgos,
 Bárbara lei! – o houveram devorado,
 Que primeiro desejos o acabaram.

XVIII

Os crespos fios de ouro desparzidos;
 Pelo colo que a neve escurecia;
 Lácteas tetas que andando lhe tremiam,
 Com quem amor brincava e não se via;
 As flamas que lhe saem de alva petrina;
 Desejos que como heras enrolados
 Pelas lisas colunas lhe trepavam...
 Quem tal expressará, quem tais belezas,
 Na sílice ou painel ou brandos versos,
 Pintar já soube ? – Não a viu tão bela
 Graças pleitar pelo invejado pomo
 O real pastor de Príamo. – Escondidos
 Por delgado sendal outros encantos...
 Escondidos só quanto mais o acenda
 E redobre o desejo que penetra
 O véu dos roxos lírios pouco avaro.

XIX

O omnipotente padre não resiste
 Aos feitiços do angélico semblante,
 Aquela doce nuvem de tristeza
 Com riso misturada: – Qual a dama
 Em amorosos brincos maltratada
 Do incauto amante – que se ri, se aqueixa
 E se mostra entre alegre magoada.
 Jove não resistiu – quem tal pudera ?
 Beijo acendido à súplica responde.

XX

Propício o fado aos fortes viajantes
 De sorrir-lhes começa. já Melinde
 Amigos braços lhe abre: já do Gama

Os lusitanos feitos recontados,
 Terra e costumes são. Pasma o rei bárbaro
 De ouvir dos povos da soberba Europa
 As remotas regiões, ignotos nomes.
 Pinta-lhe, quase cume da cabeça ⁵⁶
 Da Europa toda, o Português Império,
 Pátria do esforço outrora e liberdade.
 Diz o pastor que do ferrado conto
 De seu cajado abate águias romanas;
 Henrique ⁵⁷ o mauro jugo espedaçando,
 E abrindo com sua espada triunfante
 De Lísia o fundamento. Ao filho ilustre
 Cabe glória maior: de c'roas cinco
 A vitória lhe tece; e as santas Quinas,
 Por eterno brasão, dos céus recebe.
 De Egas Moniz a lealdade e a honra
 Aqui também refere. Olha, os filhinhos
 Tenros, e a doce esposa vão descalços
 A oferecer as inocentes vidas
 Pela dada palavra. – Mais se estende
 Sob o primeiro Sancho o novo reino
 Pelos vencidos, tórridos Algarves. ⁵⁸
 Vem outro Afonso ⁵⁹, o vencedor de Alcácer,
 Do mouro pertinaz exício extremo.
 Mas do segundo Sancho a mole inércia
 De privados regida, não tolera
 Nação altiva que outro rei não sofre
 Que não for mais que todos excelente. ⁶⁰
 Das impotentes mãos as rédeas toma
 O conde bolonhês: ⁶¹ à glória volvem
 As armas portuguesas. Melhor sorte
 Coube a Dinis, pacífico monarca:
 Às conquistas da espada deu cultura.
 De artes a ornou e enobreceu coas letras;
 E às formosas campinas do Mondego
 Fez do Hélicon descer as áureas musas.
 Claros lumes da terra, são costumes,
 Constituições e leis co ele florecem.

XXI

Mal obediente o valoroso filho,
 Domador das soberbas castelhanas,
 Do venerando pai empunha o ceptro:

⁵⁶ *Lus.*, canto III.

⁵⁷ Conde D. Henrique.

⁵⁸ Veja a nota a este verso, no fim.

⁵⁹ D. Afonso II.

⁶⁰ *Lus.*, canto III, est. 93.

⁶¹ D. Afonso III.

Afonso ⁶², que nos campos do Salado
 As hostes granadis prostrou tremendas
 Com pequeno poder. – Viçosos louros
 De tamanha e tão próspera vitória
 Caso triste murchou, crueza bárbara
 Que à belíssima Inês deu morte injusta.
 O próprio amor, cuja ferina sede
 Nem com lágrimas tristes se mitiga,
 Inda às saudosas margens do Mondego,
 junto à fonte que lágrimas formaram,
 Verte sobre ele desusado pranto.
 As nações do universo, que escutaram
 As endechas do vate, as vão cantando;
 E do bárbaro Neva ao culto Sena,
 Desde o Tamisa frio ao Pado ardente,
 Os lamentos de Inês repete a lira.

XXII

Brandas ninfas do plácido Mondego,
 Vós que o doce gemer, que os namorados
 Ais do prazer ouvistes pela selva
 Que encobriu tanto amor, tanta ventura
 Em tempos de mais dita; que escutastes
 os magoados suspiros da saudade,
 Quando ausente daquele por quem vive,
 Só, gemedora rola, vai carpindo
 A ausência do seu bem, do seu amado,
 E aos montes, às ervinhas ensinando
 O nome que no peito escrito tinhas;
 Que depois, memorando a morte escura,
 Longo tempo das umas cristalinas
 Só lágrimas formosas derramastes,
 E, por memória, em fonte convertidas,
 O nome lhe pusestes, que inda dura,
 Dos amores de Inês que ali passaram;
 Vós ao vate os segredos recontastes,
 Os mistérios de amor, e o pranto, as queixas
 Da malfadada Castro. – A lira anseia-lhe,
 A voz carpe-se, os tons gemem tão meigos,
 Mas tão cortados de uma dor tão viva,
 Que é um partir-se o coração de ouvi-los.

XXIII

Ausente é o esposo: solitária vaga
 Pela várzea de flores recamada,
 No pensamento alheado revolvendo
 Ledos enganos de alma, suavíssimas

⁶² D. Afonso IV.

Lembranças do passado. e a mais suave,
 Lisonjeira esperança do futuro.
 Oh! quando ela outra vez naqueles braços
 O tornar a apertar, quando... Armas soam
 De cavaleiros, e corcéis nitrindo
 Nos átrios do palácio... escuta... É ele,
 O seu Pedro, oh ventura! – «Esposo, esposo!»
 Mas pelo ausente esposo o pai responde.
 O amante não vem: juiz severo,
 Pelos beijos de amor, lhe traz castigo
 Que não merece amor, nem quando é crime.

XXIV

Cos filhinhos, em vão banhada em pranto,
 Súplice implora os bárbaros. O ferro
 Embebem crus no peito cristalino;
 E as vivas rosas que das faces fogem,
 Pela ferida a borbotões se esvaem
 Cos inocentes filhos abraçada,
 Não geme, não suspira; a beijos colhe,
 Uma a uma, as feições que tanto ao vivo
 As do querido amante lhe retratam.
 Já pelos lábios derradeira foge
 A última vida, o último sopro em ósculos
 Todos amor, todos ternura. Os olhos
 já da formosa luz se extinguem... Trémula,
 Inda coa incerta mão procura os filhos,
 Inda afagando imagens do seu Pedro,
 Entre os amplexos maternais. – «Esposo,
 Esposo... Esposo!...» balbuciando, expira.

CANTO OITAVO

*Em perigos, e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana
Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram.*

Lusíad.

I

Aqui chegava o canto: houve crestadas,
Guerreiras faces que enrugou Mavorte,
E onde aflição, nem dor, nem transe de alma
Jamais colheram lágrimas, houve delas
Mal enxutas do pranto involuntário
Que ais de amor, que entusiasmo de virtude,
Patriotismo ou glória destilaram
De olhos torvos por centos de batalhas.
Mas de alma ao rosto vai canal aberto
Que só entopem vícios, ou fingido
Orgulho do homem vão. Porque te escondes
Na toga consular o vulto austero,
Libertador de Roma? Já suspensas
As segures estão... Tão firme peito
Que faz, que não sustenta o rosto ao golpe?
Roma é salva... Mas eles são seus filhos;
E Bruto, o cidadão, também é homem.

II

Louvor ao vate insigne! – Pouco dizem,
Que sentem mais. O jovem rei aplaude
Com franco entusiasmo, e entre si pensa:
– «Um dia ofuscarei toda essa glória,
E a mais altas canções darei assunto.»

III

Trazem no entanto moços de pelote,
Em ricas salvas de ouro alto-lavradas,
– Páreas de avassalados reis do Oriente –
A casquinha gulosa e delicada,
Da selvosa Madeira arte e renome,
Luxo de lautas mesas; amplas jarras
De louçã, transparente porcelana,
Raro produto do Chinês longínquo
– Raro na Europa ainda, e então condigno
Ornato de reais copas. – Ali se enchem

Ao límpido jorrar de fresca fonte
 Da fria água de Sintra, e saborosa
 Mais que o licor do Reno, ou que as sulfúreas
 Lágrimas de Parténope.⁶³ Tomaram
 Refeição leve a nobre companhia
 E o vate prosseguiu.

IV

Está contando
 O Gama ao rei amigo os mais famosos
 Feitos dos nossos. – Diz-lhe de Fernando⁶⁴
 Os amores adúlteros, e o túbio,
 Froixo governo que indefeso o reino
 Deixa ao furor imigo castelhano,
 E de total destruição em p'rigo:
 Que um fraco rei faz fraca a forte gente.

V

Mas do letargo vil em que o prostraram,⁶⁵
 À voz de Nuno⁶⁶ o português acorda.
 Com palavras mais duras que elegantes
 Glória bradou e liberdade e pátria,
 Nomes que outrora em peitos lusitanos
 Eram de chama eléctrica cintilas
 Que os corações briosos lhe inflamavam.
 Embalde o poder todo de Castela,
 Por sustentar Beatriz, feroz se ajunta.
 Joane⁶⁷ por seu rei levanta o povo;
 E o eleito do povo é digno dele
 Não curva a jugo estranho o coto altivo
 A nação, indomável quando livre.

VI

Campos de Aljubarrota, inda em vós soa
 O eco da trombeta castelhana
 Horrendo, fero, ingente e temeroso.
 Guadiana, tuas águas de assustadas
 Vejo-as atrás volver. – Que anjo de morte
 É esse que discorre de ala em ala
 Coa fulminante espada? Jorra o sangue,
 Treme a terra debaixo dos pés duros
 Dos ardentes cavalos, soa o vale,

⁶³ *Lacrima-christi*.

⁶⁴ *Lus.*, cant. III.

⁶⁵ *Lus.*, cant. IV.

⁶⁶ Nuno Álvares Pereira.

⁶⁷ D. João I.

Lanças escalam, os broquéis sonoros
 Estalando retinem – «Sant' Tiago!»
 – «São Jorge e avante!» cada qual rebrama.
 – «Vitória! A quem?» – «Ao Lusitano, a Nuno.»

VII

Já não cabe na Europa o ânimo grande
 Dos Portugueses: treme a África adusta,
 E a triunfada Ceuta abre suas portas
 Aos infantes magnânimos. – Mas cara
 Custa a vitória: vês, o novo Régulo
 Sb pelo amor da pátria está passando
 A vida, de senhora, feita escrava:
 Fernando expira em tenebrosos cárceres;
 Vive porém seu nome e claro brilha
 Para glória da pátria, e eterno opróbio
 De príncipes covardes que hão descido
 A ignorado sepulcro em leitos de ouro.

VIII

Glorioso João, foi teu reinado
 Alto começo à lusitana glória
 Que, do extremo ocidente, a longes terras,
 A mundos novos, mares não sabidos
 Triunfante correu. – Jamais no mundo
 Se viu trono real assim rodear-se
 De generosa prole. Não se acoitam
 Molemente na púrpura paterna
 Os filhos de João, nem se crêem grandes
 Em torpe ociosidade vegetando
 À sombra do diadema que em suas frentes
 Descuidadas não pesa: – Henrique o grande,
 O sábio Henrique, o protector filósofo
 Das ciências que honrou; Fernando, o santo
 Mártir da pátria; Pedro, o virtuoso,
 Legislador e justo; João, o austero,
 Alma romana em coração de Luso;
 E Duarte, o pacífico, o piedoso
 Que tão breve reinou.

IX

Tenro inocente
 Vestiu manto real o quinto Afonso:
 Nas virtudes de Pedro achou tutela
 Sua idade inexperta. Ingrato e feio
 Caso, digno das torres de Bizâncio,
 Viram de Alfarrobeira infames plainos

Roxos do sangue das civis discórdias.
 Toda a tua glória, vitorioso Afonso,
 Esse apelido insigne que hás tomado
 Ao destruidor da desleal Cartago,
 Nódoa tão negra à fama te não lavam.
 Teu nome, e o de teus pérfidos validos,
 Todo o bom português detesta. – Esconde,
 Esconde, Afonso, a púrpura sanguenta
 Trás a glória imortal que resplandece
 De em torno ao filho teu. Se há i rei justo
 Rei cidadão, monarca magistrado,⁶⁸
 Rei que obedeça à lei, que a guarde ao povo,
 Que o ceptro, vara angusta de justiça,
 Equilibre entre grandes e pequenos,
 Puna opressores, oprimidos erga,
 Abata o orgulho vão, premeie o mérito,
 Busque a virtude em sótãos de humildade
 Para a exaltar sobre arrasados paços
 Do crime audaz e da soberba inútil;
 Rei que o ofício⁶⁹ de rei preencha e saiba;
 João segundo o foi. Celebrem-te outros
 Peto valor que Toro inda pregoa,
 Por domadas regiões, arados mares,
 Por descobertos cabos, – esperanças
 De futuras riquezas e conquistas:
 Eu só coroarei teu sacro busto
 Com a cívica folha imarcescível
 Do carvalho, mais nobre e mais glorioso
 Que o louro dos heróis. Sanguíneas gotas
 Mancham sempre a grinalda das vitórias;
 E o clamor da viúva, o grito do órfão
 Quebra a harmonia dos clarins da fama:
 Mas as bênçãos dum povo agradecido
 São melodia de suaves notas
 Que por eras e eras se prolonga
 Às gerações Por vir. Um rei como este,
 Dai-lhes um rei como João segundo;
 E esquecido o tenaz republicano
 De Brutos e Catões, ajoelha ao ceptro.
 – Este fez explorar de aurora os berços
 Com baldados trabalhos, – que essa dita
 Ao feliz Manuel o céu guardava.

X

Então reconta o sonho misterioso
 Do venerando Ganges, do rei Indo
 Que ao ditoso monarca, ao romper de alva

⁶⁸ Rei cidadão, rei homem, pai e amigo – *Ferreira*.

⁶⁹ *Mon métier de roi*, dizia Frederico, o Grande.

Em visão bem fadada apareceram.
 Diz a intentada, perigosa empresa ⁷⁰
 Que ousou de cometer; trabalhos, riscos
 Na longa e lassa via suportados:
 Moçambique, a traidora, castigada
 Para escarmento e pena; e o temeroso,
 Namorado gigante em dura terra
 Por seus atrevimentos convertido,
 E, por dobradas mágoas, rodeado
 De Tétis formosíssima que amava:
 Tétis que já cuidou de ter nos braços
 Louco de amores, única, despida,
 Quando se achou c'um árido rochedo
 De hórrido mato e de espessura brava.

XI

Enfim chegados com ditoso auspício
 As melindanas praias, aqui finda
 O ilustre Gama a narração pedida.
 Já pazes finda e aliança amiga ⁷¹
 Com o africano rei; e alfim nos mares
 Índicos voga, demandando a terra
 Que desejada já de Tantos fora. ⁷²

XII

Consumou-se a alta empresa; aberto é o Ganges
 Aos galeões do Tejo. Em vão comprimem
 Na treda Calecut traidores ferros
 Ao Gama invicto os denodados pulsos:
 Tudo vence a constância e nobre audácia
 Do forte capitão. Coa alegre nova
 Do descoberto Oriente, à meta austrina,
 Outra vez cometendo os duros medos
 Do mar incerto, põe a aguda proa.

XIII

Agora os sons do canto e embrandecidos ⁷³
 Coas delícias de Pafos e Amatunte
 Por namorados bosques, águas límpidas,
 Fresquidões deleitosas vão soando.
 – Eis vês a filha das cerúleas ondas,
 A bela Vénus, que repouso amigo,
 Delicioso lhes traz; ilha divina

⁷⁰ *Lus.*, cant. V.

⁷¹ *Lus.*, cant. VI.

⁷² *Lus.*, cant. VII.

⁷³ *Lus.*, cant. IX.

Onde quanto espalhou a natureza
 Por mares, céus e terra em formosura.,
 Tudo ajuntou ali: copados bosques,
 Coutos de amena sombra; vicejantes
 Relvas em que o primor de seus matizes
 Esmerou Flora, e lhas bordou mais lindas
 Que o próprio leite onde com doces beijos
 Zéfiro lhe mitiga o ardor da sesta;
 Murmurantes arroyos, mansamente
 – Em seu correr, de amores conversando
 Coas as dríades do bosque; os rubicundos
 E dourados tesouros de Pomona...
 Oh! que cena de lânguidos prazeres,
 Que paraíso de deleite, ó Vénus!
 Pelo travesso filho asseateadas
 As esquivas nereidas suspirando,
 Seguem a bela deusa, que promete
 A suspirar tão doce um doce prémio.

XIV

Mas em mar leite navegando alegres,
 Os esforçados nautas já descobrem
 Entre a alva espuma das ambientes águas
 Viçar a ilha formosa: – qual no seio
 Lácteo – tremente da modesta noiva
 Puro verdeja o esponsalício ramo.
 Já proa e rumbo para ali apontam;
 Eis chegam, eis do encanto e maravilha
 Absortos pasmam... pela sombra amena
 Se embrenham, caça agreste procurando.
 Mas ferida lha tinhas, Ericina,
 Menos áspera já, mais doce e linda.
 Correndo vão após as ninfas belas,
 Que fogem, que se escondem, mas fugindo,
 Nem tudo escondem; fogem, mas tão leve
 Não corre o lindo pé que não tropece...
 E caem... Certa amor canta a vitória,
 Se lhe cai sobre a relva o fugitivo.
 Oh! que famintos beijos na floresta!
 E que mimoso choro que soava!
 Que afagos tão macios!... Breve e rápido,
 No seio do prazer se esvai o dia.

XV

Harpa sublime que n'altura soas
 Das cumeadas da glória, harpa que os hinos
 Fatídicos, nos ecos alongados
 Do porvir enublado, obscura tanges,

Donde só vagos sons confusos coam
 Na terra, espedaçados por vulgares
 Orelhas de homens, – harpa misteriosa!
 Clara te ouvia o vate sublimado
 Quando as notas proféticas repete
 Na remontada lira. – Etérea ninfa ⁷⁴
 Os porvindouros feitos e virtudes
 Dos heróis Lusos no domado Oriente
 Ao céu com doce voz está subindo.

XVI

Já voadores lenhos povoando
 O vasto oceano que lhe abrira o Gama,
 O senhorio dos frementes mares
 Vitoriosos ocupam. Reis que ousados
 A orgulhosa cerviz não dão ao jugo,
 Do braço provarão que, forte e duro,
 Os faz render-se a ele ou logo à morte.
 O grão Pacheco, o lusitano Aquiles,
 No passo Cambalão soberbos naires
 Do Samorim potente desbarata:
 Por vezes sete em áspera batalha
 Triunfa em terra e mar. Eia, as coroas
 Rei dos Lusos, os carros lhe prepara,
 Que à pátria volve com despojos cento
 A humilhar a teus pés. Que vejo! é essa
 A púrpura que o cinge! é esse o templo
 Onde em triunfo o conduzis, ingratos!
 Num hospital, de andrajos vis coberto
 Morre Pacheco do seu rei na corte...

XVII

Almeida vem depois co nobre filho,
 Que do Índico oceano as águas tinge
 Do sangue imigo e seu. Atroz vingança
 Corre co iroso pai: Dabul, Cambaia,
 Enseadas de Diu, ei-lo no feno
 Destruidor vos traz exício e morte.
 Inveja vil de pérfidos validos,
 Não é tua esta vitima; seus ossos,
 Não lhos possuirás, ingrata pátria.
 Seu fado negro foi, mas antes ele;
 Antes perder a vida às mãos selvagens
 Do rudo cafre na deserta areia,
 Que à fome... à fome, e no seu pátrio ninho!

XVIII

⁷⁴ Lus., cant. X.

Mas oh! que luz tamanha que abrir sinto!
 Luz é do fogo e das luzentes armas
 Com que Albuquerque vence o altivo Persa.
 Rende-te Ormuz, Gerum, Mascate e Goa.
 Tu, Malaca opulenta, em vão te assentas
 Lá no grémio da Aurora onde nasceste;
 Em. vão embebes venenosas setas
 No arco certo, e os crises refalsados
 Com peçonhas mortíferas temperas:
 Malaios namorados, Jaus valentes,
 Todos ao luso vencedor sucumbem.

XIX

Medina abominável, Meca tremem
 Co nome de Soares; as extremas
 Praias de Abássia tremem. Cede a nobre
 Ilha de Taprobana; hasteado impera
 Luso pendão nas torres de Columbo.

XX

Sequeira, os dois Menezes, e tu, forte
 Mascarenhas, depois vireis de glória
 Colmar. a mais e mais, o pátrio nome.
 Pelo famoso Heitor, Sampaio vence
 Frotas arábias. Baçaim se entrega
 Ao Cunha ilustre. Ergue os altos muros
 Sousa da insigne Diu; Castro o forte
 O honrado, o vencedor, o triunfante,
 Castro os defende. Maior nome em glória,
 Em virtude, inteireza e amor de pátria
 Jamais pronunciarão homens da terra.

XXI

Tágides belas, que em meu verso humilde
 Os ecos reflectis da voz celeste,
 Das imortais canções que lhe inspirastes,
 Não mais, não mais que me falece o alento.
 Na extenuada fira os sons se quebram,
 Como suspiros de oprimido peito.
 Diga Urânia bela aos seus validos
 Que segredos lhe disse das esferas,
 Da vastidão dos orbes, do mistério
 Da criação inteira: eu vate humilde
 Que só de longe respeitoso sigo
 O divino cantor, não ousa a tanto.

XXII

Da ilha namorada o Gama invicto
Singrando vem para o seu pátrio Tejo;
E o Tejo recebeu do Indo e Ganges
Preito rendido e tributário feudo.

CANTO NONO

*Mas quem pode livrar-se porventura
Dos laços, que amor arma brandamente?*

Lusíad.

I

Não sabia em que modo lhe mostrasse
Ao vate sublimado o rei mancebo,
O entusiasmo, o vivo prazer de alma
Que lhe inspiraram as canções divinas.
Louva a escolha do assunto, a arte engenhosa
Que num só quadro majestoso e grande
Todos uniu da portuguesa história
Os memorandos feitos, varões dignos
De eternidade e fama: louva o estilo
Nobre e terso, de pompa ou singeleza,
Qual o pede a matéria; o sacro fogo
Do pátrio amor, de glória, de heroísmo
Que, dum por um, nos versos lhe cintila
De cortesãos, aplaudem co monarca
Alguns; outros sinceros congratulam
O trovador moderno que descanta
Trasborda em júbilo a alma generosa
Do honrado Menezes. Mas não faltam
Ao pé do sólio nunca – inda mal! nunca –
Peitos vis, corações à glória alheios.
Por esses lavrou logo a inveja, o ódio
Ao cantor dos *Lusíadas*: não sofre
Apreciados, sejam, conhecidos.
Fingem no entanto, que fingir é arte
Máxima de palácios...

II

– «Folguei muito»
Dizia o rei, e o gesto abraseado
A verdade do dito afiançava:
«Folguei de ouvir-vos; nunca tal virtude
Em versos cri para exaltar o ânimo
Ao sublime entusiasmo da virtude,
Aos feitos grandes. Sinto que me bate
Com mais vigor o coração no peito.
Alma terá pequena e bem mesquinha
O português que não mover tal canto.»
Assim dizia o rei: caminho vinham
Dos paços, despediu-se o heróico vate;

E o mancebo real: – «Voltai a ver-me,
E vos farei mercê, como é devido.»
Entrou a corte pelos átrios régios.

III

Rápido ia o sol no céu descendo:
O guerreiro cantor volve a embrenhar-se
Pela espessura e bosques. Não esp'ranças
De melhor sorte, não lisonjas doces
De amor próprio, mais doces quando ouvidas
De lábios de monarcas: não promessas
De merecido prêmio, – nada agita
O sangue do esforçado navegante.
Se ideias tais despontam, breve as sorve
Remoinho de encontrados pensamentos
Que do ansiado espírito lhe travam.
A mensagem, a carta misteriosa
Revolve, e as circunstâncias; as Palavras,
Interpretá-las quer. – Em vão; não podem
As conjecturas mais: força é do dia
Aguardar impaciente o lento ocaso.

IV

No mais erguido cume da alta serra
Que disseram da Lua eras antigas,
De fábrica mourisca se alevanta
Castelo hoje em ruínas derrocado.
Escassa ameia vês em pé suster-se
No escalavrado muro. Já trabucos,
Dos séculos depois vaivém mais duro
Petas íngremes rocas dispersaram
As pedras que talhou a mão dos homens
Outrora dessas rocas, para alçá-las
Em torreões de morte: – ímpia fadiga
Trabalho ímprobo e duro! A asa do tempo
Voando passa, e varre a obra do homem
De sobre a face da esquecida Terra.

V

E disseras que de homens como os de hoje
Não puderam ser obra esses vestígios
Do imenso Babel que vês prostrado.
A braços de gigante sobreposto
Monte a monte parece; arrebatada
Por anjos infernais a roca antiga
Que ao prumo a descaíram – e fixada
No encantado equilíbrio, desafia

Forças da natureza e arte dos homens.
 Mouro é o mais do que vês, e a doble cerca
 Do castelo, e a cisterna que às devotas
 Abluções, ali perto da mesquita,
 Suas águas filtradas ministrava.
 E essa que, de tão longe a Meca olhando,
 Ouviu as derradeiras coxas preces
 Que ao surdo Alá mandava aflito crente
 Quando já sobre as asas da vitória
 Cruz inimiga remontava à altura,
 As humilhadas Luas arrojando
 De precipício em precipício ao abismo;
 Essa inda em pé, no meio das ruínas
 Desmanteladas, seu fiel cimento,
 Tenaz na antiga fé, guardando ainda,
 No azul que em sua glória lhe vestiram,
 As estrelas do Iémen e os enlaçados
 Caracteres do Hejaz!...

VI

Árabe é todo
 O aspecto que estás vendo. Mas atenta
 Aí nessas quebradas menos duras
 Como a pique se tem negro, inteiriço
 Céltico dólmen recordando o culto
 Do sanguento Endovélico, o terrível
 Irminsulf dos ferozes Lusitanos.

VII

Talvez permite AQUELE que de tudo
 É norma eterna e lei, assim durarem
 Quaisquer memórias que o respeito, a crença,
 Errada embora, dos mortais levante
 Em Seu nome... Das fábricas dos homens
 Morredouras como ele – estas resistem
 Mais do que nenhuma ao minar do tempo.

VIII

Ali, no mais solene das ruínas
 E no mais alto, ali num canto ainda
 Sólido da muralha fabricara
 Solitário habitante desses ermos
 Mansão tranquila e só. Musgosas plantas
 Crescem nas fisgas do cimento antigo.
 Tapeçaria de heras verdejantes
 Forra a cortina da parede bronca
 E em caídos festões se balanceia

Sobre a entrada do lóbreiro retiro.

IX

Tradição é que nomeado vate
 De alta beldade misterioso amante,
 Entre as fragas erguera a mansão triste,
 Onde cevou de tristes pensamentos.
 O coração cortado de saudades.
Saudade pelas pedras entalhada
 Se lia em caracteres bem distintos;
 E o nome de *Beatriz*, também gravado
 Na sílice do monte, lhe responde,
 Como eco das endechas namoradas
 Do cantor da soidão. Sentado viram
 O génio da montanha, alvas trajando
 Roupas de nuvem, dar ouvido atento
 As canções magoadas e suavíssimas
 De Bernardim saudoso e namorado.⁷⁵
 Bernardim, que das musas lusitanas
 Primeiro obteve a c'roa de alvas rosas,
 Com que – em seu mal – romântico alaúde
 Engrinaldou para cantar amores
 Doces de alta princesa, – inda mais doces
 Favores, que indiscretos revelaram
 Êxtase de alma em derretidos cantos.
 Fragueiros inda⁷⁶ vivem que de vê-lo
 Se acordam pela noite andar vagando
 Por os picos da serra no mais alto,
 Ora ternas carícias dando ao vento,
 Ora imprecando com furor as rocas,
 E a miúdo suavíssimas cantigas
 De apaixonado assunto modulando.

X

Súbito um dia, de bordão na dextra,
 Na opa de peregrino disfarçado
 Desce os montes da Lua, e mais erguidas
 Serras demanda; em romaria aos Alpes
 Parte, a levar o coração votado
 A quem talvez, na púrpura, suspira
 Pelos andrajos do mendigo amante.
 Vê-lo-á, o objecto de suspiros tantos,
 De saudade tão longa, da romagem
 Devota; mas só vê-lo, – e adeus eterno,
 E para sempre adeus!... Cruéis lhe vedam
 Mais que esse adeus. Voltou à pátria, e morre.

⁷⁵ Bernardim Ribeiro. Veja a nota a este verso, no fim.

⁷⁶ No tempo da visita de Camões à serra.

XI

Este foi da poisada solitária
 O fundador e o único vivente
 Que desde então as frias cumeadas
 E ruínas habitou da antiga torre.
 E este era o sítio que aprazava a carta
 De incógnita mensagem ao guerreiro.

XII

Alfim no oceano se mergulha a lâmpada
 Do firmamento máxima. Descia,
 Como um véu, a nebrina sobre a serra;
 Já lhe toucava a frente, e ia ligeira
 Pela espalda, insensível devolvendo,
 Té lhe poisar as orlas na planície.
 No meditar profundo embevecido,
 O guerreiro, que aguarda há muito a hora
 Lenta da noite, não deu fé da névoa
 Que húmida todo em derredor o fecha.
 Despertou-o a frieza inesperada
 Que no alto das montanhas vem coa noite.
 Como no seio envolto de uma nuvem
 Misteriosa se cuida; – olha de em torno,
 Nada vê, tudo encobre a névoa espessa;
 Nada vê, mas distinta uma voz ouve:
 – «Cumprido é o sonho, mas quebrando o encanto:
 Ainda a viste, – única vez na terra!
 Nunca mais a verás. O véu, que é dele?
 E a tranca que, ao sepulcro sonogada,
 Prenda foi de ternura?»
 – «Ei-la comigo,
 Sempre comigo. Restituí-la à campa,
 Quando à campa descer, a mim só cabe.
 Mas quem de meus segredos sabe tanto?
 Quem de amor os mistérios e os da morte
 Penetra assim? Do número dos vivos
 És tu, ou do moimento há suscitado
 Poder fatal as cinzas dos finados
 Para me interrogar!»
 – «Vivo eu, sou vivo:
 Conhece-me, sou eu, teu inimigo,
 Teu inimigo hei sido; e eterna a vida,
 Se cruz, para tormento, os céus ma dessem.
 Toda a odiar-te, inteira a aborrecer-te
 Pouca seria. Tu só me roubaste
 Aquele coração: tu sim, tu foste.
 Tu mo roubaste, que, sem ti, meu fora.

Em vida te adorou; na morte... A morte,
 Quem, senão tu, à ingrata lha há causado?
 Saudades a privaram da existência.
 Consola-me que ao menos não gozaste
 Tanto amor, tanta fé, tanta beleza,
 Que não mer'cias não. Se digno dela
 Houve mortal, a mim, que não a um...»
 – «Conde!»
 Bradou convulso, e a mão ao ferro leva
 O insofrido guerreiro. Mas tranquilo
 O rival lhe tornou: – «Sois ofendido?
 Desafrontai-vos; ferro e braço tendes.
 Nem vos fujo eu: porém a minha espada
 Jamais demandará um peito que ela...
 Sim, que ela amou. Transviou-me a paixão de alma;
 Bebera o sangue que essas veias gira,
 Que nesse coração bate coa vida:
 Mas veda-o juramento sacrossanto;
 Guardá-lo-ei. – Maior é o sacrifício
 Que prometi, maior.»

XIII

Tira um retrato
 Do seio: olhos sanguíneos, arrasados
 De despeitosas lágrimas, cravava
 Na Pintura; – com ímpeto os afasta
 Logo, e diz – «Cumprirei o que hei jurado
 Houve-o de suas mãos este depósito
 Nas derradeiras horas: confiada
 A um rival generoso foi a extrema
 Vontade sua; Força é dar-lhe inteira
 Execução, qual à minha honra cumpre.
 Ei-lo aqui, o legado precioso;
 Pela mão do inimigo amor to entrega.»

XIV

Comovido do íntimo do peito,
 Magoada vista punha no retrato
 O guerreiro, em cuja alma combatiam
 Paixões tão desvairadas, tão confusos
 Sentimentos e afectos, que expressá-los
 Não saberia o coração que os sente.
 – «Prenda cruel de amor, dádiva infausta...
 Antes querida!...» Aqui parou cortado,
 Coas ideias, o fio das palavras.
 Mas continuou depois:
 – «Forçais-me, conde,
 Mais que a admirar-vos: o ódio que me tendes,

Generoso rival, não me é possível
 Abrir-lhe o peito, não. Odiai-me embora,
 Que vos amarei eu, mau grado vosso.
 O retrato... Oh! jamais não será dito
 Que em pontos de honra e generoso brio
 Fique Luís de Camões de outrem vencido.
 Guardai-o vós, senhor, guardai-o: é vosso:
 A um inimigo tal amor o cede.»

XV

Suspensos, mudos ambos se entr'olhavam
 Os dois rivais briosos que alta prova
 Assim do nobre peito heróica davam
 Em magnânimo duelo de virtude.
 No rosto ao conde as rugas se alisavam
 Que ciosos rancores lhe frangeram;
 E bem se via que os jurados ódios
 Ao generoso feito se rendiam.
 Lutaram todavia; mas vitória
 Em peito bem nascido há sempre o brio.
 – «Venceste, cavaleiro; as armas ponho.
 Façanha heis feito de homem, que imitada
 De muitos não será. Meu repto é nulo,
 Por vencido me dou em leal batalha;
 De mim disponde.»
 Avaliar o preço
 De tais momentos, corações só podem
 Grandes como esses dois tinham no seio.
 O guerreiro estendeu os braços. – Cai-lhe
 Nos braços o brioso antagonista.
 Palavras não disseram: onde há língua
 Com próprios termos para instantes desses?

XVI

Como inimigos foram, são amigos.
 Juntos choraram; juntos, esse objecto
 Que em vida os desuniu, na morte carpem.
 Separaram-se alfim. – «Não deis ouvidos,
 Disse o conde ao guerreiro, à despedida:
 «A louvainhas tredas de palácios,
 E a promessas de corte. Hoje estivestes
 Com el-rei; grande fama heis alcançado
 E favor do monarca: mas dobradas
 Serão as malquerenças de inimigos,
 Os ódios da ignorância e vis conluios
 Da inveja negra e má. Por dom Aleixo
 Entraste a el-rei; – mal acertada porta.
 Contai co desfavor dos precatados

Validos que governam. Por honrado
 Vos terão e virtuoso: abonos tendes
 Em qualidades tais para seu ódio.»

XVII

Próximo o dia não tardou no oriente;
 Volve ao paço o guerreiro. Era partida
 Para Lisboa a corte. Na poisada,
 Cuidadoso da delonga, o missionário
 Com ânsia o aguardava: ambos caminho
 Da lusitana capital se foram.

XVIII

Correra a fama do louvor, do preço
 Que dera o rei ao sublimado canto.
 Pronto se oferece quem germanas artes ⁷⁷
 Em dar-lhe vida e propagá-lo empregue.
 Doutos e indoutos com geral aplauso
 Viram do novo Homero o canto insigne
 Que à pátria glória monumento augusto
 Sublime erguia. Soa o brado ingente
 Já pela Europa; e o nome lusitano
 Ao nome de Camões eterno se une.

⁷⁷ Imprensa.

CANTO DÉCIMO

Que exemplos a futuros escritores!

Lusíad.

I

O Tejo o ouviu no algoso de suas grutas,
E em despeitoso brado lhe responde.
Gemem as ninfas que o lidado canto
Inspirado lhe haviam, e em suas telas
Com tristes, negras cores debuxaram
A injúria, o crime, a ingratição tão feia
Que indelével nos fastos portugueses
É mancha horrenda e vil...

II

Arqueja exangue,
Definha à míngua, só, desamparado
Dos amigos, do rei, da pátria indigna,
O cantor dos *Lusíadas*. – Ah! como!
Que é das gratas promessas do monarca?
Que é de tanta esperança lisonjeira?
Perfídia baixa e crua, onde hás pousado?
No coração da inveja e da ignorância,
Do fanatismo bárbaro. Soaram
Tremendos, nos ouvidos criminosos
Dos cortesãos hipócritas e astutos
Os livres sons do nobre patriotismo
Com que a treda impostura de ímpios bonzos ⁷⁸
E a tirania infame de validos
O guerreiro cantor asseteara.
Nus cavernas do peito refalsado
Ódio cego lhe entrou; os beiços roxos,
Áridos com a sede da vingança,
Mordem convulsos. Nunca tão terrível,
Nua a verdade lhes mostrou seus crimes,
Como na boca desse vate ousado.

III

Vingar-se é força; mas vingança negra,
Feia e covarde a querem. – «Sem amigos,
Sem protectores, pobre, sem arrimo,
À indigência, à miséria aí sucumba,
E de sua ousadia o crime expie.» –

⁷⁸ Veja *Lus.*, cant. IX, est. 27 a 29, e canto X, est. 150.

Assim no coração lhes fala o ódio;
 E o cumpriram assim. Todo no apreste
 Da jornada fatal andava o ânimo
 Po malfadado moço que em sua cólera
 Rei dera o céu ao povo lusitano.
 Só armas cura, só vitórias sonha:
 Geme entanto a nação, quase pressaga
 Do desastre que a aguarda. Em Sintra fora
 Resolvida afinal pronta partida,
 Que o monarca impaciente apressurava.

IV

De tal resolução ignaro o vate
 A Lisboa chegara; o paço busca,
 Ninguém o atende; o virtuoso Aleixo
 Procura... No palácio já não vive:
 Tão livre sustentou, tão nobre e firme
 Seu parecer contra a jornada infausta,
 Que irado Sebastião de si o aparta;
 E triunfando da virtude a intriga,
 Por traidor e revel, ao cego jovem
 Seus inimigos infames o afiguram.
 Triste deixou as casas venerandas
 De seus reis, onde quase um sec'lo o viram,
 Não coitar-se na púrpura, mas dar-lhe
 Mais brilho e honra com leis virtudes.

V

Ao guerreiro cantor foi esta nova
 Triste presságio, corte de esperanças.
 Corre audiências em vão; – vazio é o trono.
 Frio ministro em nome do monarca
 Ouve indiferente as súplicas do povo.
 Entre a ignorada turba é confundido
 De tristes, desprezados pretendentes
 O divino Camões...

VI

Entanto as velas
 Já pelo Tejo undívago branqueiam;
 As falanges de intrépidos guerreiros
 Cobrem suas longas praias. Lamentando
 Estão de em torno as mães, estão esposas
 Os filhinhos nos braços amostrando
 Aos pais, que o gesto angustiado voltam
 Para os não ver, que se lhes parte alma.

VII

Mas quem são esses dois, que aí na praia
Tão estreitos se abraçam? Correm lágrimas
Por olhos que a vertê-las não costumam;
Em peitos se reprime o adeus sentido,
Peitos que o não contêm.

– «Adeus!... A vida
É mais difícil, filho, do que a morte:
Suportai-a; mostrai-lhes que sois homem,
Que sois cristãos: perdoai...»

– «Perdoar eu!... Nunca.
Malvados que me roubam tal amigo!
Único amparo só que me restava;
Que de envolta coa pátria, coas esp'ranças
Dum povo inteiro, a vil sepulcro o levam!
Oh! perdoar-lhes, nunca: o derradeiro
Acento de meus lábios moribundos
Será de maldição sobre essas frentes
Carregadas de crime.»

– «Perdoai-lhes,
Perdoai: a afronta própria é juiz suspeito.»
– «A minha afronta, oh essa, eu lha perdoou.
Mas a da Pátria...»
– «Adeus, adeus!

Chegava
El-rei então; sinal de Partir soa:
E o vate e o missionário assim findaram
Sua triste despedida; – que mandado
Acompanhar a armada o monge fora
Repentino, essa noite. O tredo fio
Descobriria o cantor da vil intriga;
Mas o paciente filho do Evangelho
Resignado se inclina à Providência,
E seus decretos humilhado adora.

VIII

Fora em efeito o ódio dos validos
Que ao infeliz Camões arrebatara
Protectores e amigos. Desterrado
Por eles o virtuoso e nobre Aleixo;
Por eles enviado à certa ruína
Que ao malfadado rei, à flor do exército,
A Pátria, nas areias escavaram
De África adusta, o missionário fora.

IX

Já se movem as naus; e as altas pontes

Se ouriçam de belígeras falanges.
 Redobra o pranto – âncora sobe, antenas
 Se expandem... Lá te vás, e para sempre!
 Nas pandas asas dos traidores ventos,
 Independência, liberdade e glória.

X

– «Que me resta já agora?» os olhos longos
 Para a freta que perde no horizonte,
 Consigo o vate diz: «O que me resta
 Sobre a terra dos vivos? Um amigo,
 Um amigo, neste árido deserto
 Da vida me falece. Um bordão único
 A que me arrime na escabrosa senda,
 Me não ficou. O número está cheio
 De meus dias, contados por desgraças,
 Marcados, um por um, na pedra negra
 De fado negro e mau. Posso eu acaso
 Nos corações contar dos homens todos
 Uma só pulsação que por mim seja?
 Posso dizer...» – Gemido, que ouve perto,
 O interrompeu: era o seu Jau que aflito
 O escutava: do humilde e pobre escravo
 O coração fiel se retalhava
 De ouvi-lo assim queixar: – «Ah! se eu não fora
 – Com os olhos e as lágrimas dizia;
 Com os olhos, que os lábios não ousavam –
 – «Ah! se eu não fora um desgraçado escravo,
 Que coração que eu tinha para dar-lhe!»

XI

Tu, generoso amo, lhe entendeste
 Seu falar mudo, seu dizer de lágrimas,
 – «Tens razão; injustiça é grande a minha:
 Inda tenho um amigo.»
 Pausa longa
 Seguiu estas palavras; e no peito
 Ao generoso António desafoga
 O coração que lhe apertava a mágoa;
 Nos olhos, rasos do chorar ainda,
 A alegria lhe ri por entre o pranto,
 E o amo, a quem sinais de tanto afecto
 Movem no íntimo de alma, sente um golpe
 De bálsamo cair-lhe sobre as chagas
 Do coração lanhado, a dextra lânguida
 Poisa no ombro fiel, o peito encosta
 Sobre o peito leal do amigo... – «Amigo
 Direi, amigo sim: peja-te o nome,

Orgulho do homem vão, por dado ao escravo?
 E que és tu mais?» – Era de ver, e digno
 Espectáculo adonde se cravassem
 Os olhos todos dessa raça abjecta
 Que se diz de homens, a figura nobre
 Do guerreiro, em que toda se debuxa
 A altivez, a grandeza, a força de ânimo,
 Com o andrajoso, humilde e pobre escravo
 Em atitude tal. Rira-se o mundo;
 O homem de bem, de coração, chorara.

XII

– «Oh meu amigo, oh meu António!» disse,
 No remendado seio a face altiva
 Escondendo, o guerreiro. «Oh! esta noite
 Aonde, ero que poisada a passaremos?»
 – «Meu bom senhor, um gasalhado tenho ⁷⁹
 Achado já; que bem vi que não íeis
 Nunca mais ao mosteiro. Digno, certo,
 De vós não é; mas sabeis...»
 – «Sei, amigo,
 Que só tu, neste mísero universo,
 – E o sepulcro também – alfim me restam.»

XIII

Juntos à margem vão do Tejo andando
 A lento passo. A noite era formosa,
 Clara e brilhante a lua. Oh! que memórias
 Na alma do vate, esse astro, a hora, o sítio
 Não suscitam amargas? Perto passa
 Daquela gelosia, aquela mesma ⁸⁰
 Donde os doces Penhores, donde a carta
 Recebera fatal. Quão demudada,
 Quão diferente está do que já a vira,
 Essa praia tão plácida e saudosa!
 Um plátano frondoso que aí crescia,
 Em cujo liso tronco tantas vezes
 Se encostou, aguardando a hora tardia,
 – Prazo dado de amor, que é tardo sempre!
 Cuja sombra, em luar pouco propício
 A amantes, o ocultou de agudas vistas
 De curiosos profanos e inimigos...
 Ai! seca jaz em terra, e despojada
 De viço e folhas a árvore querida.
 Tudo, tudo acabou, menos a mágoa,
 Menos a saudade que o consome.

⁷⁹ Veja nota no fim.

⁸⁰ Veja canto IV, no princípio.

XIV

Sua pobre habitação os dois entraram;
 E tristes horas, dias, meses passam
 Arrastados e longos, – qual o tempo
 Para infelizes anda – sem que a sorte
 Mais ditosos os visse, ou a amizade
 Menos unidos. – Mas a mão tremente,
 Encarquilhada e seca já sobre eles
 Ia estendendo a pálida indigência;
 E a fome... a fome alfim. – Clamor pequeno
 Que de minhas endechas ténue soa,
 Se junte aos brados das canções eternas
 Com que o teu nome, generoso António,
 Já pelo mundo engrandecido ecoa.
 Vede-o, vai pelas sombras caridosas
 Da noite, de vergonhas coitadora,
 De porta em porta tímido esmolando
 Os chorados ceitis com que o mesquinho,
 Escasso pão comprar. *Dai, Portugueses,*
Dai esmola a Camões. Eternas fiquem
 Estas do estranho ⁸¹ bardo memorandas,
 Injuriosas palavras, para sempre
 Em castigo e escarmento conservadas
 Nos fastos das vergonhas portuguesas.

XV

Não pode mais o coração coa vida;
 E lenta a morte co enfezado sangue
 Caminho vem do peito. O espaço mede
 Que lhe resta na arena da existência;
 Perto a barreira viu... Aí jaz o túmulo,
 Chegado é pois o dia do descanso...
 Bem-vinda sejas, hora do repouso!
 Com a trémula mão tenteia as cordas
 Daquela lira onde troou a glória,
 Onde gemeu amor, carpiu saudade,
 E a pátria... – oh! e que pátria os céus lhe deram!
 Ofrendas recebeu de hinos celestes:
 Pela última vez as cordas fere,
 E este adeus derradeiro à pátria disse,
 Cortando-lhe o alento enfraquecido
 Agora os sons, agora a voz quebrada:

XVI

– «Terra da minha pátria! abre-me o seio

⁸¹ M. Raynouard, na sua Ode a Camões.

Na morte ao menos. Breve espaço ocupa
 O cadáver dum filho. E eu fui teu filho...
 Em que te hei desmer'cido ó pátria minha?
 Não foi meu braço ao campo das batalhas
 Segar-te touros? Meus sonoros hinos
 Não voaram por ti à eternidade?
 E tu, mãe descaroável, me enjeitaste!
 Ingrata... Oh! não te chamarei ingrata;
 Sou filho teu: meus ossos cobre ao menos,
 Terra da minha pátria, abre-me o seio.

XVII

«Vivi: que me ficou da vida, agora
 Que baixo à sepultura? Não remorsos,
 Vergonhas não. Para a corrida senda
 Sem pejo os olhos de volver me é dado.
 E tranquilo direi: *vivi*; – tranquilo
 Direi: *morro*. Não dormem no jazigo
 Os ossos do malvado? Não: contínuo,
 Na inquieta campa estão rangendo
 Ao som das maldições, deixa de crimes,
 Legado ímpio dos maus. Eu sossegado
 Na terra de meus pais hei-de encostar-me...

XVIII

«Já me sinto ao limiar da eternidade:
 Véu que enubla, na vida, os olhos do homem,
 Se adelgaça; rasgado, os seios me abre
 Do escondido porvir... Oh! qual te hás feito,
 Mísero Portugal!... oh! qual te vejo,
 Infeliz pátria! Serves tu, princesa,
 Tu senhora dos mares!... Que tiranos
 As águas passam do Guadiana? ⁸² A morte,
 A escravidão lhes traz ferros e sangue...
 Para quem? Para ti, mesquinha Lísia.

XIX

«Que naus são essas que ufanosas surcam
 Pelo esteiro do Gama? Pendões bárbaros ⁸³
 Varrem o Oceano, que pasmado busca,
 Em vão; nas popas descobrir as Quinas.
 Em vão; da hástea da lança escalavrada
 Roto o estandarte cai dos portugueses.

XX

⁸² O cativoiro castelhano dos 60 anos.

⁸³ Holandeses, etc.

«Cinza, esfriada cinza é todo o alcáçar
 Da glória lusitana... Uma faísca,
 Esquecida a tiranos, lá cintila: ⁸⁴
 Mas quão débil que vens, sopro de vida!
 Um só momento com vigor no peito
 O coração te pulsa. Exangue, enferma
 Só te ergues desse leito de miséria
 Para cair, desfalecer de novo.

XXI

«Onde levas tuas águas, Tejo aurífero?
 Onde, a que mares? Já teu nome ignora
 Neptuno, que de ouvi-lo estremecia.
 Soberbo Tejo, nem padrão ao menos
 Ficarás de tua glória? Nem herdeiro
 De teu renome?... Sim: recebe-o, guarda-o,
 Generoso Amazonas, o legado
 De honra, de fama e brio: não se acabe
 A língua, o nome português na terra.
 Prole de Lusos, peja-vos o nome
 De Lusitanos? Que fazeis? Se extinto
 O paterno casal cair de todo,
 ingratos filhos, a memória antiga
 Não guardareis do pátrio, honrado nome?
 Oh pátria! oh minha pátria...»

XXII

A voz, que afroixa,
 interromperam sons desconhecidos
 de voz de estranho que na estância humilde
 entra do vate: – «Perdoai, se ousado
 entrei, senhor, mas....»
 – «Quem sois vós? Há inda
 homem no mundo que a poisada obscura
 de um moribundo saiba?»
 – «Cavaleiro,
 desde o alvor da manhã que vos procuro:
 de África hoje cheguei...»
 – «Ah! perdoai-me.
 Sois vós, conde? Voltastes? E que novas
 me trazeis?»
 – «Tristes novas, cavaleiro.
 Ai! tristes. Desta carta, que vos trago,
 sabereis tudo». Ao vate a carta entrega:
 do missionário era, que dos cárceres
 de Fez a escreve. Saudoso e triste,

⁸⁴ Veja nota no fim.

mas resignado e plácido, lhe manda
 consolações, palavras de brandura,
 de alívio e de esperança. – «Extinto é tudo
 nesta mansão de lágrimas e dores»
 – As letras dizem – tudo; mas a pátria
 da eternidade só a perde o ímpio.
 Deus e a virtude restam; consolai-vos...

XXIII

– «Oh! consolar-me» exclama, e das mãos trémulas
 a epístola fatal lhe cai: – «Perdido
 é tudo, pois!...» No peito a voz lhe fica;
 e, de tamanho golpe amortecido,
 inclina a fronte... Como se passara,
 fecha languidamente os olhos tristes.
 Ansiado, o nobre conde se aproxima
 do leito... Ai! tarde vens, auxílio do homem.
 Os olhos turvos para o céu levanta,
 E já no arranco extremo: – «*Pátria, ao menos*
Juntos morremos...» – E expirou co'a pátria.
 «Onde jaz, Portugueses, o moimento
 Que do imortal cantor as cinzas guarda?
 Homenagem tardia lhe pagastes
 No sepulcro sequer... Raça de ingratos!
 Nem isso! nem um túmulo, uma pedra,
 Uma letra singela! – A vós meu canto,
 Canto de indignação, último acento,
 Que jamais sairá da minha lira,
 A vós, ó povos do universo, o envio,
 Ergo-me a delatar tamanho crime,
 E eterna a voz me gelará nos lábios.
 Lira da minha pátria onde hei cantado
 O lusitano – envilecido – nome,
 Antes que nesse escolho, em praia estranha,
 Quebrada te abandone, este só brado
 Alevanta final e derradeiro:
Nem o humilde lugar onde repoisam
As cinzas de Camões, conhece o Luso.

NOTAS

AO CANTO PRIMEIRO

Nota A

Saudade:

Mavioso nome que tão meigo soas

Nos lusitanos lábios

A palavra saudade é porventura o mais doce, expressivo e delicado termo da nossa língua. A ideia, o sentimento por ele representado, certo que em todos os países o sentem; mas que haja vocábulo especial para o designar, não o sei de outra nenhuma linguagem senão da portuguesa. A isto alude o verso mais abaixo, quando lhe chama ignorado.

Das orgulhosas bocas dos Sicambros

o que particularmente se deve entender dos Franceses, tão presumidos de sua língua tão apoucada. De que a denominação de Sicambros cabe justa a estes povos, bom testemunho é Boileau que, em um de seus opúsculos latinos, de si próprio disse:

Me natum de patre sycambro

A causa natural da falsa ideia que têm os Franceses do seu idioma, é a universalidade que ele por toda a Europa obteve: por aqui também se explica o mui pouco ou quase nenhum estudo que fazem dos alheios. Mais inexplicável é, em verdade, o tom magistral e *tranchant* com que dos autores e literaturas estrangeiras ajuízam e decidem, ignorando, as mais das vezes, a menor sílaba dos originais.

Deixando outros de menor monta e nota, Voltaire, que todavia sabia o seu pouco de Inglês e em Inglaterra havia demorado, diz blasfêmias quase incríveis quando se mete a traduzir as sublimidades de Milton ou as originais e enérgicas altivezas de Shakespeare. Iguais barbaridades cometeu pretendendo revelar os mistérios de Dante. E que injustiças não fez ele ao nosso Camões, de cujo poema tanto disse, sem de português saber nem uma letra! Conhecia somente dos *Lusíadas* o poucachinho que era possível ver pelo infiel e baço reflexo da péssima tradução de Fanshaw em Inglês: língua que ele Voltaire pouco mais sabia.

Levou-me a pena mais longe do que eu queria a falar da vaidosa injustiça de M. de Voltaire. De saudade quisera eu dizer ainda alguma coisa. – Saudade, palavra, cuidado que vem, por derivação oblíqua, do latino *solitudo*. Oblíqua digo, porque diretamente derivaram os nossos de *solitudo*, solidão, soidão e depois soledade, soidade, finalmente saudade. De modo que, por esta síntese (ou pela análise, que é óbvia), se vem a entender claramente que o verdadeiro sentido de saudade é – os sentimentos ou pensamentos da soledade ou solidão ou soidão; o desejo melancólico do que se acha na solidão, ausente, isolado de objectos por que suspira, amigos, amante, pais, filhos, etc. – E tanto por saudade se deve entender este desejo do ausente e solitário, que os Latinos, à míngua de mais próprio termo, o expressavam pelo seu *desiderium*:

Quis desiderio sit pudor aut modus

Tam chari capitis? –

Já de aqui mesmo se vê a insuficiência do termo *desiderium* para vivamente pintar a ideia do poeta; mas, para melhor se ver a falta absoluta que de tal vocábulo padecem as outras línguas, basta comparar as versões que desta sublime ode de Horácio fizeram os diversos tradutores.

Nenhum livro aqui ⁸⁵ tenho de meu, nem onde refrescar memórias do que li, nem para adquirir o que não sei: por isso, e porque não tenho a feliz reminiscência de Bocage nem o memorião do Padre Macedo, não posso citar o que noutro tempo observei nos lugares paralelos de Francis e Daru, os dois mais nomeados tradutores do lírico romano. Também me não lembra se o nosso Filinto – que porventura entre todos os poetas conhecidos melhor entendeu e profundou Horácio, como aquele que melhor o imitou – verteu esta ode, e como a verteu. Parece-me que A. R. dos Santos usou do termo saudade na sua – força é dizê-lo – insípida versão. Mas o certo é que das línguas que sei, em nenhuma conheço palavra com que a ideia e a expressão (embora insuficiente à ideia) de Horácio se possa trasladar, se não for a saudade portuguesa, que lhe é superior. O *regret* dos franceses, além de diferente coisa, mais para a angústia do remorso, ou para o pesadume da amargura, que para a suavíssima pena, terno e mavioso sentimento da saudade, se inclina. E ainda que, segundo a observação de Girard, *regretter*, para distinção de *plaindre*, se diga das cousas ausentes; todavia nos mesmos Sinónimos de Girard se verá quanto acerto em arredar-lhe a significação paca longe da nossa saudade.

Quisera eu também ver como se traduzirá, a não ser em português, aquele tão belo e delicadamente voluptuoso pensamento de Catulo, ao pardalzinho da sua Lésbia:

Quum desiderio meo nitenti
Carum nescio quid lubet jocari
Et solatiolum sui doloris

.....
Quando saudades minhas a angustiam
E acha não sei que gozo no folguedo;
Pequeno alívio para a dor que a punge

(Nota da primeira edição).

Amador Arrais traduzindo a bela e melancólica poesia do Salmo 54:

Elongavi fugiens et mansi in solitudine,

verteu assim:

Alonguei-me fugindo e morei na soedade.

No que fez ainda outra variante de ortografia e pronúncia; mas descobre bem clara e positiva a origem da palavra, e não só nesta tradução, mas no uso amiadado que da palavra faz em outros muitos lugares; como: – «Seguro forte é a *soedade* para almas dedicadas a Deus; e noutra parte: – «Bom foi a Lot fugir para a *soedade*».

É foro da língua portuguesa conservar todas estas variedades de escritura e de sentido. Em prosa porém, eu diria sempre, nestes casos, *soledade*, e não *saudade*, *soidade* ou *soedade* para designar a *situação do que está só*; assim como direi solidão

⁸⁵ No cabo da Normandia, em França, onde se escrevia esta nota.

em prosa, e solidão ou soidão em verso, para designar o *sítio solitário em que esse está*. Salvas todavia as liberdades poéticas: as quais liberdades não são; inda assim, a anarquia das doudices românticas exageradas. (*Nota da segunda edição*).

Nota B

Entre os olmedos

Que os pobres águas deste Sena regam

Quase todo este poema foi escrito no verão de 1824 em Ingouville ao pó do Havre-de-Grace, na margem direita do Sena. Passei ali cerca de dois anos da minha primeira emigração, tão só e tão consumido, que a mesma distracção de escrever, o mesmo triste gosto que achava em recordar as desgraças do nosso grande Génio, me quebrava a saúde e destemperava mais os nervos. Fui obrigado a interromper o trabalho; e dei-me como indicação higiénica, a composição menos grave. Essa foi a origem de D. Branca, que fiz, seguidamente e sem interrupção, desde Julho até Outubro desse ano de 24, completando-a antes do Camões, que primeiro começara, e que só fui acabar a Paris no inverno de 24 a 25. E quase que tenho hoje saudades – tal nos tem andado a sorte! – das engelhadas noites de Janeiro e Fevereiro que numa água-furtada da rua do *Coq-St.-Honoré* passávamos com os pés cozidos no fogo, eu e o meu amigo velho o Sr. J. V. Barreto Feio, ele trabalhando no seu Salústio, eu lidando no meu Camões, ambos proscritos, ambos pobres, mas ambos resignados ao presente, sem remorsos do passado – e com esperanças largas no futuro – Graças a Deus, de mim sei e dele creio, que estamos na mesma quanto ao passado e presente: mas o futuro!...(Nota da segunda edição).

Nota C

Vem, no carro

Que pardas rolas gemedoras tiram

Vali-me do exemplo de muito boa gente para personalizar e zade, ainda a ira, a tristeza, a alegria – porque o não será também a Saudade? Beatifico-a eu, que neste caso me tenho por tão bom como os meus predecessores, e principalmente gregos,

Que aviavam divindades

Qual nós paternidades.

Montaram de pavões o carro da soberba Juno, de borboletas o do inconstante Cupido, de pombas o da amorosa Vénus; quem puxará o da terna Saudade se não forem as meigas, constantes gemedoras rolas? (*Nota da primeira edição*).

Nota D

Deixa o caminho da infeliz Pirene

Quando se escreviam estes versos, todos os horrores da reacção absolutista de 1824 assolavam Espanha; e em França era tema de todas as vaidades da Restauração o imbele triunfo do Trocadero. Daí a seis anos estava vingada a injúria da liberdade

peninsular; vingada, não, castigada: que há um Deus e uma Providência para os povos também. (*Nota da segunda edição*).

Nota E

Minha terra hospedeira, eu te saúdo!

Na primeira edição lê-se:

Eu te saúdo, ó terra hospitaleira.

E foi-me notado por pessoa em quem muito creio, que hospitaleiro neste sentido podia ser taxado de galicismo. Aconselharam-me *gasaloso*, por superiores abonos clássicos. Mas *gasalho*, e seus derivados, parece-me significar um amparo amigo, íntimo, como de quem anima e conforta; é mais que *hospedar*, é o latino *fovere*. – A quem só é *hospedado*, dá-se-lhe um quarto, uma cama em qualquer parte da casa: o hóspede *agasalhado* levam-no para o melhor e mais interior dela, como a filho querido e bem vindo.

Eu quis designar aqui o couto e guarida que os perseguidos achámos sempre naquela ilha feliz: por mim pessoalmente não encontrei só isso, mas casas e corações abertos que me *agasalharam*, e em que me esqueci muita vez de que era estrangeiro e proscrito. (*Nota da segunda edição*).

Nota F

Certo amigo na angústia

O Sr. António Joaquim Freire Marreco, a quem eu e tantos emigrados portugueses somos devedores de impagáveis obrigações, não só pelos muitos socorros com que generosamente acudia até a desconhecidos, mas sobretudo pelo modo cavalheiro e nobre com que o fazia. Devi-lhe os meios de publicar a primeira edição deste opúsculo, e nesta segunda folgo de ter ocasião de estampar por inteiro o seu nome que, receoso de o comprometer, ali encolhera na só inicial de seu último apelido. (*Nota da segunda edição*).

Nota G

*O extremo promontório
Que dos montes de Cynthia se projecta*

A Roca ou Cabo-da-Roca; ponta extrema da serra de Sintra a que os antigos chamaram serra da Lua. (*Nota da primeira edição*).

Nota H

*Gesto onde o som da belicosa tuba
Jamais a cor mudou*

Inverti naqueles versos a ideia de Camões:

Mas da tuba sonora e belicosa,
Que o peito acende, e a cor ao gesto muda;

não no contrário sentido, mas em outro diferente. Camões fala do tremendo som do clarim, no princípio da batalha, que muda a cor do rosto aos combatentes; eu quis expressar a serenidade do gesto de um guerreiro veterano a quem já nem esse tremendo som pode fazer enfiar. (*Nota da primeira edição*).

Nota I

Às feições nobres do gentil guerreiro

Não era Camões um homem formoso, mas gentil e nobre de feições, a não mentirem as descrições dos biógrafos e o retrato de Severim de Faria. Além disso, a palavra gentil nem sempre se refere às qualidades do corpo e semblante. Os Ingleses ainda hoje a usam para expressar atributos morais; e entre nós, só de modernos tempos tem ela outra significação. Gentil homem não quer dizer homem belo; gentileza de uma acção, gentileza de proceder, claro, não são frases que tenham nada com o corpo ou suas perfeições. (*Nota da primeira edição*).

Nota J

*Já na terra,
Que a olho se avizinha, as mal distintas,
Diversas cores, etc.*

Estes versos não podem ser inteligíveis para quem nunca embarcasse; nem, se neles há alguma verdade de pintura, lha poderá achar quem ignore o prazer inexplicável que sentem olhos cansados da monotonia dos céus e das águas quando, ao cabo de longa viagem, se repoisam pela primeira vez no delicioso espectáculo da terra que pouco a pouco se avizinha. (*Nota da primeira edição*).

Nota K

«Piloto!» gritam; e a um sinal de bordo

É de ver no riquíssimo poema de Byron, o Child-Harold, a descrição da entrada de Lisboa, etc. O leitor português encontrará aí coisa que não é muito para lisonjear o amor próprio nacional: mas tenha paciência, que ainda assim não é muito grande a injustiça do nobre lorde. (*Nota da primeira edição*).

Nota L

*Torre antiga e veneranda,
Hoje tão profanado monumento
Das glórias de Manuel*

É o primeiro edital que está logo à entrada de Lisboa paca dizer ao estrangeiro que chega: – «aqui moram bárbaros!»

O belo monumento da Torre de Belém está com efeito literalmente *desfigurado* pelas *superfetações* de moderna e vulgar arquitectura, do mesmo modo que estão viciadas e ininteligíveis todas ou quase todas as antigas e venerandas relíquias da antiguidade em Portugal.

Da pequena península em que hoje se acha a torre, lavrou o mal para o continente: a igreja e convento de Belém foram invadidos por estes iconoclastas de nova espécie, bárbaros estúpidos e destruidores como aqueles monges da meia idade que raspavam dos pergaminhos romanos os textos de Cícero e Tito Lívio para escrever por cima as inúteis cenreiras de seus comentários e sùmulas.

No templo magnífico de Belém, naquele precioso exemplar de gótico florido, ou antes de um género tão único e especial que se deveria designar talvez manuelino,⁸⁶ as duas principais capelas do cruzeiro estão cobertas, uma por um presepe com bonecos de barro! outra com cortinas de damasco e painéis destes de se dizer ao autor: – Põe por baixo o teu nome e estou vingado! A frontaria da parte do convento que deita sobre a praia é toda tão recosida de remendos caiados no meio daquela pedra polida e amarelada dos séculos, com tanta janelinha de água-furtada por entre aqueles veneráveis arcos de sua primitiva estrutura, que ali só, está o verdadeiro emblema do triste Portugal de hoje: ruínas da grandeza antiga emplastadas da mesquinhez moderna, o triunfo do mau gosto e da ignorância sobre a ciência desprezada e proscrita. (*Nota da segunda edição*).

A Torre de Belém foi desemplastada e restaurada em 1843 pelo bom gosto do meu nobre amigo o Sr. Duque da Terceira, seu ilustre governador. A igreja de Belém limpou-se entanto, e se puseram vidros de cor em duas janelas, graças ao amável e ilustrado zelo de S. M. El-rei D. Fernando, a quem já tanto devem as artes e os monumentos de Portugal. Só ao convento ó que não chegou limpeza nem restauração, e cada vez estão mais absurdos e mais clamam barbaridade os seus vergonhosos remendos.

Continuemos a bradar contra estes vândalos remendões. Os brados dos poetas não são como os do animal orelhudo que não chegam ao céu. É certo que não atroam, como este, os ouvidos dos néscios que nos governam e que só a zurros atendem; mas chegam à alma dos que a têm, e pouco a pouco vão calando na opinião, até que algum bem arrancam a esses mesmos papelões impotentes que erigiram a ignorância farfalhada e a impotência presunçosa em qualidades de homem de Estado. (*Nota da quarta edição*).

Nota M

Do homem, que é mau do berço à sepultura

Não quis, certo, enunciar a doutrina dos Hobbesianos, que não sou tão misantropo como isso, nem creio que os homens sejam maus por natureza. Maus são, e por maus os tenho: mas fruto de hábitos ruins, e depravação que os degenerou: não que das mãos do Criador saíssem as bestas ferozes, traidoras, refalsadas e vis que cobrem a superfície da terra. (*Nota da primeira edição*).

Nota N

«*A fé que não*» gritou co acento ousado

⁸⁶ Obteve por fim o indicado nome, hoje europeu, depois das últimas publicações do Sr. Conde de Racksinski.

Bo'fé e A'fé são interjeições portuguesíssimas ambas, que valem: por certo, por vida minha; e são abreviatura de: *à fé de quem sou, por minha fé; por minha boa fé*. Bo'fé pode acaso ser taxado de arcaísmo, e não o usarei eu em escritura séria; mas à fé, não. (*Nota da primeira edição*).

Nota O

Por vida minha, o que quereis ao Índio?

Na minha primeira edição lê-se – «Por vida vossa»: o que agora, novamente reflectindo, me parece melhor e mais certo. (*Nota da segunda edição*).

Nota P

Intervir na disputa malferida

O advérbio mal, quando anteposto a ferido, em legítimo português aumenta, que não diminui a força do participio. Um homem malferido é um homem gravemente ferido, Mas ferido nem sempre vem na significação natural; amiúdo se toma em sentido translato; pois dizem nossos bons escritores: «batalha malferida» por «batalha mui travada e renhida», etc. (*Nota da primeira edição*).

Nota Q

Rico de afrontamentos e trabalhos

O afrontamento é o efeito do nímio trabalho; e o trabalho a causa do afrontamento ou cansaço: nisto se distinguem. Advirta-se porém que o uso vulgar de afronta e derivados, por injúria, insulto, ou pena e aflicção que delas resulta, é o sentido figurado e translato, que não o próprio da palavra. Um homem afrontado é um homem excessivamente cansado de qualquer fadiga, e também aflito de qualquer agravo. Mas *afrontamento* sempre se toma na acepção natural: *afrontoso*, ao contrário, nunca vem no discurso senão no sentido de grandemente injurioso, desonrador e infamante. Morte afrontosa, castigo afrontoso, disseram os nossos autores. (*Nota da primeira edição*).

Nota R

Poucos pardaus contém – menos me ficam

Moeda da Índia que o comércio e conquista fez corrente em Portugal: este e os outros mimos indianos

Vieram fazer-lhe os danos,
Que Cápua fez a Aníbal

O bom Sá-Miranda, que já disto se queixava naqueles versos, em outra parte dá testemunho da muita abundância com que a moeda circulava no reino até pelas mais sertanejas comarcas.

Eu já vi correr pardaus

Por Cabeceiras de Bastos.

Nota S

Quando no berço teu, bardo sublime

Em Warwickshire, pátria de Shakespeare, que na cidade de Warwick nasceu, passei à volta de seis meses, não os mais satisfeitos, mas os mais sossegados, e porventura os mais felizes de minha vida. Seja-me permitido asselar aqui os leais sentimentos da minha estima e saudade a uma família verdadeiramente respeitável e inglesa, em cujo seio achei o que nem no meu sangue encontrei, verdadeira e desinteressada amizade. Se algum dia chegarem estas insignificantes folhas à abençoada e tranquila pousada de Edgbaston, conheçam os meus amigos Hadleys que não há um só pensamento no meu espírito em que se não misture a memória da sua amizade, mais sagrada para mim do que nenhuma outra. (*Nota da primeira edição*).

Nota T

E ess'outro – Deu-lhe o ser matrona do Ebro

A ideia deste missionário castelhano não é inteiramente de invenção, antes tem fundamento real e mui plausível. Veja o a este respeito diz D. J. M. de Sousa na sua edição dos Lus., quando fala de um Fray Josepe Índio, proprietário que foi do famoso exemplar de lorde Holland. (*Nota da primeira edição*).

AO CANTO SEGUNDO

Nota A

Que agudos uivos desgrenhados gritam

As carpideiras, mulheres cujo ofício era preceder os cadáveres nos saimentos, levantando sentidos prantos, arrepelando-se e fazendo outros vários trejeitos que naquele tempo eram de uso. Este costume antiquíssimo veio-nos dos Romanos ou mais de longe talvez. Províncias há ainda na Europa onde subsiste todavia. (*Nota da primeira edição*).

Nota B

De escuro vaso e longo dó vestidos

Que estofos estes fossem de vaso e dó, ou luto e vaso, que é o mesmo, não é fácil dizer hoje ao certo. Conjecturo que vaso seria porventura o que agora chamamos fumo, raro e vasado tecido, emblema de tristeza e luto que se traz no chapéu e espada, e que também no chapéu antigamente se trazia, mas tão comprido e arrastado que descia aos talares, como ainda agora se observa nos funerais dos nossos reis. Não sei em que se possa fundar o autor do Elucidário para dizer que vaso era um capelo. (*Nota da primeira edição*).

Nota C

A gemedora viração da noite

Escrevo desvairadamente noite e noite, ouro e oiro, roxo, rouxo e roixo e semelhantes, não só, por conservar esses ricos foros da língua, mas porque nesta variedade a poesia, e até a mesma prosa, ganham muita eufonia e beleza, (*Nota da primeira edição*).

Nota D

Clarão triste de mortos

É frase mui comum entre nós, mas que não deixa por isso de ser poética e nobre, como são grande parte dos modos de dizer familiares. Convém muito distinguir o que é *familiar* numa língua, do que só é *vulgar*: aquele é quase sempre figurado e sublime, este rasteiro e muitas vezes vicioso. As figuras da dicção tocam mui de perto com os defeitos; e é mister bom critério e uso dos mestres para não confundir uns com outros, e estremar os tropos dos solecismos. – «Luz de mortos» dizemos de uma luz baça e que tristemente aclara, como a tocha fúnebre à roda da eça, ou na procissão do enterramento. (*Nota da primeira edição*).

Nota E

Ruim, agouro! Um saimento fúnebre

Funeral, enterro, saimento, enterramento, são palavras sinónimas, i. e. são termos cuja significação e uso no discurso, em mais ou menos se aproxima, não que seja identicamente a mesma. Vocábulos há que em sua raiz, derivação (e essência, para assim dizer) têm acaso o mesmo valor, mas que pelas regras e ainda pelos caprichos do uso – distingamos o uso clássico e o uso popular, da abuso de tarelos e ignorantes – se classificaram em gradações e modificações distintas. Força é também dizer que os nossos quinhentistas nem sempre são infalível norma neste ponto, e de seguir-se às cegas. Esta deficiência dos clássicos, a notou já o Sr. bispo titular de Coimbra, S. Luís, nos seus Sinónimos. à filosofia dos nossos tempos, que tem aclarado as mais remotas províncias da literatura e das ciências, a ela só é possível o dar fio a este labirinto e mondar com regra e ordem as incultas devesas das línguas que sem ela se formaram, cresceram, e, com todas as qualidades para a obterem, carecem contudo de perfeição. Não é minha opinião que vamos nós, que falamos uma linguagem solene, rica e sonora, decepá-la, recortá-la, cercear-lhe o viço e primor de suas flores, para a pôr nu e descarnado esqueleto como a francesa: já não diga ingerir-lhe tanto vocábulo peregrino como a inglesa, que fique ela recosida manta de retalhos, belos de per si, mas de estropeada e feia simetria quando vistos juntos. Não penso tal, por minha vida; mas direi sempre que sem um bom Dicionário de Sinónimos, e outro de origens ou etimológico, nunca chegaremos a falar uma língua perfeita e de nação civilizada. Quem se ocupará disso? A Academia, que ficou no *azurrar* em o primeiro e ponderoso volume do seu vocabulário?

As palavras notadas parece-me que se podem distinguir assim sinonimicamente: Saimento é a procissão que conduz o cadáver (o que em Francês se diz *convoi*): mas o

restante e o antecedente da cerimónia do funeral já se não podem chamar saimento. *Enterro* é mais lato, e compreende, ainda além da procissão, as outras partes do funeral. *Enterramento* é a própria e privativa acção de *dar à terra* o cadáver. Funeral é o termo genérico em que todos estes, e ainda mais, como espécies, se compreendem. Digo ainda mais, porque *exéquias*, por ex., são funeral também e nada têm com o enterro, saimento, etc. Assim aquelas quatro palavras, parecidas no sentido e escritura, e todas da mesma família, têm contudo entre si certas diferenças que, sendo matiz imperceptível para o iliterato, são notáveis distinções para o que fala e escreve com exactidão a sua língua. (Nota da primeira edição).

Nota F

Entravam

Os viajantes do templo

Diz-se por aí em português, *viageiro* ou *viajor*, ou viajante ou viandante, indistintamente: mas é mister distinguirem-se estes vocábulos, porque há entre eles marcadas linhas de separação. *Viajor*, que é abonado por *Arraes*, tão somente se pode dizer da pessoa do que viaja; pois é da índole da nossa língua que os nomes em *or*, formados dos verbos, sejam personalíssimos: desta sorte *amador*, só se pode dizer da pessoa que ama, quando *amante* não é tão restrito. Dizemos um homem amador, assim como um homem amante; mas, podendo dizer coração amante, pensamento, expressão, ideia amante, nunca dizemos coração amador, ideia amadora, etc. Assim *viajor* é estrita e unicamente a pessoa que viaja; *viajante* não só a pessoa, mas também qualidades, circunstâncias do que viaja. *Viageiro*, pelo contrário, é impessoal e só se refere a coisas, atributos. Trabalhos, incómodos viajeiros, nunca viajantes ou viajores, se dizem. Agora *viandante*, que à letra quer dizer andador de caminho, também é pessoal; mas distingue-se de todos aqueles, em que somente se pode dizer do que viaja por terra. O marinheiro, o navegante são *vijantes* mas nunca *viandantes*. O viajante corre terras e mares; o viandante não passa da terra, n e m troca as fadigas da estrada pelos perigos das ondas. (Nota de primeira edição).

Nota G

«Natércia» de eco em eco repetiram

Camões nomeou sempre nos seus versos com este anagrama a D. Catarina de Ataíde – Maria, por exemplo, é muito mais bonito e poético do que Márcia ou Marília com que nos secavam os poetas e soneteiros da escola que ultimamente morreu, *apunhalada e envenenada* pelos Antonys de aguda pêra e longas melenas. Até aqui, e muito mais além, eu vou com a *revolução*. Mas neste lugar conservei o anagrama em respeito ao meu herói e mestre. (Nota da segunda edição).

AO CANTO TERCEIRO

Nota A

Pranchas de escuro til, rudo lavradas

O til é madeira escura e de pouco polimento que naquele tempo se usava muito. Vêem-se ainda restos em casas antigas. (*Nota da primeira edição*).

Na ilha da Madeira, cujo nome lhe vem da natural floresta que era, vegeta ainda, como indígena que ó, esta bela árvore. (*Nota da quarta edição*).

Nota B

De Perugino ou Vasco, à infância da arte

Perugino floresceu na Itália à volta do século XV, infância da pintura; Vasco, dito o Grão Vasco, pelo mesmo tempo em Portugal. (*Nota da primeira edição*).

Muitos escritores nacionais e estrangeiros tinham começado a duvidar da existência de Grão Vasco, a suspeitar que este nome querido dos Portugueses não fosse mais que um mito. As viagens e escritos do Conde de Rackzinski comprovam por fim a existência de Grão Vasco, a sua naturalidade, que é Viseu, e a excel-encia de suas qualidades de artista. (*Nota da quarta edição*).

Nota E

Virtude

Que o filósofo disse humanidade,

Caridade o cristão

Já dos versos citados no princípio desta nota, e muito mais dos que se seguem, parece deprender-se uma ideia e pensamento falso, inteiramente falso, que é necessário rectificar.

A filantropia, ou o que assim se chama, é um como sentimento de egoísmo, senão nos efeitos, no princípio ao menos: deriva da regra social «faz aos outros o que queres que te façam». Espera retribuição, vem do desejo e da precisão dela. A caridade nasce da sublime elevação de alma a Deus, por Ele e para Ele obra, e nem espera nem precisa retribuição na terra, porque em Deus só reconhece o avaliador e premiador de suas acções.

A Caridade pois não é o mesmo que a Filantropia: ou, mais exactamente, a caridade é uma filantropia mais pura. Aquela é virtude de homens, esta de anjos. Ambas estão definidas nas sublimes palavras de Jesus Cristo: «Amar os que vos amam é de todas as leis; eu mando-vos que ameis os próprios inimigos».

Graças a Deus que há catorze anos, quando escrevia estes versos, pensava e sentia como hoje sinto e penso. Mas naquela idade nem o espírito reflecte tão fundo, nem o coração comunga tão íntimo em nossas ideias e sentimentos. Daí parece talvez agorentado pelo sarcasmo filosófico o pensamento ardente de alma que se envergonhou de aparecer todo e como é. Reputo quase uma fraude ao público alterar em segunda edição as feições da primeira, por isso corrijo somente na nota o que não quis emendar no texto. (*Nota da segunda edição*).

Nota D

Do castelhano cenobita o hóspede

Nem uma só vez se achará em nossos escritores a palavra «espanhol» designando exclusivamente – o habitante da Península não português. Enquanto Castela esteve

separada de Aragão, e já muito depois de unida a Leão, etc., nós e as outras nações das Espanhas, Aragoneses, Granadis, Castelhanos, Portugueses e todos, éramos por estranhos e domésticos comumente chamados espanhóis; assim como ainda hoje chamamos alemão indistintamente ao Prussiano, Saxónio, Hanoveriano, Austríaco: assim como o Napolitano e o Milanês, o Veneziano e o Piemontês indiscriminadamente recebem o nome de italianos. A fatal perda da nossa independência política depois da batalha de Alcácer-Quibir, deu o título de reis das Espanhas aos de Castela e Aragão, que o conservaram ainda depois da gloriosa restauração de 1640. Mas Espanhóis somos, e de Espanhóis nos devemos prezar todos os que habitamos esta península. (*Nota da primeira edição*).

Nota E

*Veneranda Ceuta, insigne preço
De sangue régio e dum martírio illustre*

Todos sabem que o infante D. Fernando, irmão de el-rei D. Duarte, tendo ficado de arreféns por Ceuta, em poder dos Mouros, morreu no cativeiro por se lhes ela não entregar. Camões immortalizou – aliás celebrou esta imortal constância do infante santo que, diz ele:

Só por amor da pátria está passando
A vida de senhora feita escrava.

Mas, devendo-se a Camões a popularidade de tão insigne feito, deve-se-lhe também o vulgarizar-se um erro comum – Pois geralmente se crê pelos que não têm profundado a nossa história (e quantos o fazem?) que por sua vontade única o infante quisera antes passar a vida de senhora feita escrava, por se não dar aos Mouros a forte Ceuta; o que assim não é. Nem foi o infante nem seu irmão el-rei D. Duarte, mas sim as Cortes que resolveram se não desse Ceuta pelo resgate do infante. O que el-rei muito sentiu, mas não ousou contrastar. (*Nota da primeira edição*).

Nota F

Ao vingativo conde

O primeiro conde da Castanheira, D. António de Ataíde, grande valido de el-rei D. João III. Veja o que a este propósito diz D. J. M. de Sousa na sua magnífica edição dos Lus., Vida de Camões. Veja também Memória do Sr. Bispo de Viseu, no tomo 7 da Academia R. das Ciências de Lisboa de 1821. (*Nota da primeira edição*).

Nota G

*O templo
Que a piedade e fortunas apregoa
De Manuel o feliz*

O templo de Belém, em que me não canso nunca de falar, é o nosso Westminster; e o seu convento desde que deixou de o ser, só devia aplicar-se a um asilo de marinheiros inválidos. A sua história, a sua fundação, o feito de que é monumento, a sua

mesma posição, tudo o caracteriza para esse destino. Colégio de rapazes, obrigado portanto a alterar-se na forma, na perspectiva toda, que mais parece hoje um casarão velho, remendado sem gosto, do que o belo monumento antigo que é, isso é que ele nunca devia ser.

Um nobre e precioso relicário de tudo quanto fosse glória do nome português devera ser aquela bela igreja. Ali o verdadeiro Panteão. Ali jazigo de reis – quanto melhor que num esconso recanto de S. Vicente! Ali todos esses túmulos e inscrições que desaparecem e se obliteram todos os dias por essas igrejas devastadas de Lisboa e de todo o reino. Quem sabe se Pedro Álvares Cabral não será mandado sair um dia destes da igreja da Graça em Santarém pelo regedor de paróquia? ⁸⁷ Os ossos dos Velascos aí andaram nas ruínas de Lisboa à vista de nós todos – em cima do monturo, roídos dos gozos da rua. João das Regras lá está à porta de S. Domingos de Benfica, como quem vai para sair: começaram os frades – acabará outro possuidor tão bom como eles. D. Dinis expulso pelas freiras de Odivelas para uma capelinha obscura, em ela caindo – e que templo antigo e venerando ficará em pé em Portugal com mais dez anos como estes últimos cinco! – irá o monumento do nosso Numa fazer companhia ao do poeta que por ele nos pintou o reino esclarecido e florescendo.

*Em constituições, leis e costumes
Da terra já tranquila claros lumes!*

Ali, digo eu, em Belém o nosso *Poets-corner*, para desagrar os manes de Camões, para dar poiso honrado às cinzas de antigos e modernos que, pobres e desprezados toda a vida, deviam ao menos ser acatados na morte. Mas em Portugal nem póstuma vem a justiça a ninguém.

No *Diário do Governo* nº 163 deste ano barbárico, aí vem o Paço de Sousa a vender – por quanto? – um ministro português que se atreve a mandar pôr em almoeira uma relíquia daquelas, não sei com que o compare. Com o pródigo sem vergonha que manda à Feira da Ladra os retratos de seus avós. Que tira daí o miserável? Com que comprar uma sardinha, talvez. Viveu um dia mais, e desonrou-se para sempre.

Mais outro capítulo de acusação contra o nosso beduíno Tesouro. A igreja do Carmo de Lisboa, que não só é preciosa pelo fundador que teve, por ser memória do que é, mas também por ser um dos mais belos tipos do gótico puro (ou assim dito) – alugasse todos os anos por não sei quanto: e aquelas relíquias, que deviam ter sentinelas à vista para se lhes não tocar, arrendam-se, digo, por uma soma que decerto há-de cumular o deficit do nosso orçamento em muito poucos anos: – creio que são doze mil réis! – Que brilhante operação de finanças! Só excedida pela do serrador de madeira que ali habita e trabalha, e que a ferro e fogo de tal modo degradou já o interior da igreja, que está quase na altura das ideias modernas. (*Nota da segunda edição.*)

⁸⁷ O sr. Varnhagen copiou o ano passado, 1838. do jazigo de Pedr'Álvares Cabral, que é na Graça de Santarém, o singelo e curioso epitáfio do ilustre descobridor do Brasil. diz assim: *Aqui jaz Pedralvares Cabral e dona Isabel de Castro sua molher cuja he esta capella he de todos seus erdeyros aquall depois da morte de seu marydo foy camareyro mor da Infanta dona marya fylha del rey dõ João nosso snõr hu ter ceyro deste nome.*

Esta infanta D. Maria é a que nascera em Coimbra a 13 de Outubro de 1527. Casou em Salamanca com D. Filipe, príncipe de Castela, a 15 de Novembro de 1543. Morreu de parto a 12 de Julho de 1545 em Valladolid. – Jaz no Escorial.

Donde se deduz que Pedr'Álvares Cabral se finou entre o ano De 1527, e o de 1545. (*Nota da segunda edição*)

O mais que neste lugar se diz na nota H ao terceiro canto, pág. 244 da seg. ed. de Lisboa 1839, e agora suprimo, é erro que proveio da pressa com que se extraiu a inscrição e a notícia de um jornal literário de Lisboa em que primeiro apparecera. (*Nota da terceira edição.*)

Finalmente o Tesoiro teve vergonha e já não aluga a igreja de Nun'Álvares. Mas quem toma cuidado destes e doutros que tais monumentos? Acho que ninguém: não vale a pena. Vejam o que diz de nós o barão Taylor de quando os andou vendo em 1837. (*Nota da terceira edição.*)

No memorável ano de 1852 decretou o fomento que a igreja de Nun'Álvares fosse convertida em sala de Exposição de Indústria. sempre é progresso; mas bem mal pensado e pior sentido. Não pode ser senão templo o que é templo e de tal história. Pasma como até os bons pensamentos sempre aqui andem pelo avesso.

Um porém veio enfim a direito: que foi a nomeação do meu ilustre e nobre amigo, o sr. Marquês de Loulé para provedor da Casa Pia. Do ilustrado zelo e apurado gosto daquele fidalgo se espera não só ver elevar o piedoso instituto ao grau de perfeição que ele merece e deve ter mas também que, restaurado o monumento, se desagrave a arte e a história que nele estão vilipendiadas com tanto desacato. (*Nota da quarta edição.*)

Nota H

*Como o encerado rolo sobre as águas
Único leva à pátria o nome e a fama
Do perdido baixel*

Sucedeu mais de uma vez que, soçobrando galeões que vinham da Índia, lançava o capitão ao mar um rolo encerado e bem fechado de folhas de flandres em que incluía o nome do navio, dia e ano em que se perdera, para que, levado acaso a alguma praia, se soubesse o último fim daquele galeão. Veja *Hist. trág. mar.* (*Nota da primeira edição.*)

Nota I

*Um reflexo
De inspiração maior que humana coisa*

O pensamento verdadeiro e dominante deste poema é ligar a vida e feitos todos de Camões como a um fado, a uma sina com que nasceu – a de imortalizar o nome português com o seu poema. Seus amores, suas desgraças, suas viagens; seus estudos, suas meditações; tudo tem um fim predestinado – a composição dos *Lusíadas*. (*Nota da segunda edição.*)

Nota J

*Uma carta fechada a fio negro
De seda*

Era o modo usual de fechar cartas. Muito tempo depois se usou ainda; e algumas cortes o conservaram nas cartas de *faire part* que se escrevem entre reis e príncipes nas grandes ocasiões. (*Nota da primeira edição.*)

Nota K

*– Santa-Fé se chama
O galeão*

Na primeira edição sacrificou-se a verdade histórica ao que pareceu mais poético, lendo-se:

– *O galeão Dom-Vasco*
Se diz

Assentei de restituir o nome exacto do galeão, que era Santa Fé. Nele embarcou em Sofala o nosso poeta com Diogo do Couto e os outros amigos que o libertaram das garras de Pedro Barreto. V. Couto, *Dec.*, D. J. M. de Sousa, Faria e Sousa, etc. (*Nota da segunda edição.*)

Nota L

Corteja e porte logo. – Que será

É verso agudo, acintemente agudo para marcar mais a suspensão, e quebra de ideias que a acompanha. (*Nota da primeira edição.*)

AO CANTO QUARTO

Nota A

Por onde o velho mundo dilataram
Os nossos e os que após os nossos foram

Julgava Cristóvão Colombo ou Colon que a Ásia se prolongava para o oriente; e supunha, com a maior parte dos sábios do seu tempo, que a circunferência da terra era menor do que ela é na realidade. A este duplo engano, às informações e papéis que, pela parentela de sua mulher, houve dos navegadores portugueses, devemos principalmente a descoberta da América. – Casara na Madeira Colombo com uma senhora Perestrelo. Veja Vida de Colombo por seu filho Fernando Colombo, cap. V. Washington Irving, liv. 7 cap. 5.

Os célebres mapas da Cartuxa de Évora (que não sei onde foram parar na geral confusão de 1834-35) dizem-me provar que em Portugal, antes de Colombo, havia já noções da América.

Colombo residiu algum tempo em Islândia, cujos navegadores, está hoje fora de toda a dúvida, conheciam o norte da América muito antes dele.

E os famosos sibilinos versos de Séneca:

Non erit terris ultima Thule!

quem os explicará?

Pedro Alvares Cabral, por outro acaso – o de Colombo não fora mais – completou a descoberta do Italiano. Mas este decerto se não guiou por nenhuma esteira de Colombo. Américo Vespúcio, que nada descobriu, perpetuou o seu nome talvez para toda a duração do mundo. Assim é a glória!

Que não haja um português que reivindique as usurpações que todos os dias nos fazem estranhos, e revele mais claramente o que já apontou o nosso Barros a este respeito! (*Nota da segunda edição.*)

Temos no Sr. Visconde de Santarém quem nos desforce de todas estas usurpações. (*Nota da quarta edição.*)

Nota B

*O astro novo, não visto doutra gente
Antes que o luso nauta lho amostrasse*

Os Portugueses só passaram o Equador em 1472. Então lhes apareceram novo céu e novas constelações; então viram os primeiros olhos europeus o pólo austral e as quatro estrelas últimas que lhe ficam ao pé. Mais de um século antes disso, Dante tinha adivinhado estas quatro estrelas!

*Io mi volsi a man destra; e posi mente
Al'altro polo; e vidi quattro stelle,
Non viste mai, fuor che a la prima gente*

DANTE PURGAT., CANT. I

Quem inspirou ao Dante estes pasmosos versos – Certamente o mesmo *Ignotus Deus* que inspirou a Séneca o

Non erit terris ultima Thule.

Valerá pois mais o *pensamento* exaltado do poeta do que a ciência do erudito, o cálculo do sábio?

Em boa e singela prosa, o que me parece provável é que alguma tradição crítica, ignorada ou talvez desprezada dos sabedores desse tempo, chegasse a Séneca, e por superior talento avaliasse ele o que outros escarneceram talvez. Alguma Saga dinamarquesa ou islândica achou acaso no Dante o mesmo génio transcendente que avalia e preza o que a vulgaridade trata muita vez de absurdo e ridículo. (*Nota da segunda edição.*)

Nota C

*No ar se me afigurou troar de irada
A potestade imensa dalgum génio
Que os cancelos do Oriente ali guardasse*

Parece-me muito provável que realmente a vista daquele imenso e terrível promontório suscitasse a Camões a ideia magnífica da sua metamorfose: talvez a não houvera ele concebido se de Portugal não saísse. (*Nota da primeira edição.*)

Nota D

*Ergui a voz. clamei contra u. vergonha
Que o nome português assim manchava*

Alude à célebre composição – Disparates na Índia. – Que ela foi inspirada por este sentimento de probidade e amor da pátria são abono todos os biógrafos de Camões.

Faria e Sousa, na segunda Vida do Poeta, nº 18, não se atreve a desculpar a aspreza e veemência da sátira. Na memória do Sr. bispo Lobo parece provar-se que o desterro para Macau fora suavizado com o provimento ao cargo de provedor-mor dos defuntos que o governador Francisco Barreto, simultaneamente ou logo depois lhe dera.

D. J. M. de Sousa nega que seja de Camões esta sátira fundando-se no nenhum talento poético que lhe nota. Por mim adopto mais facilmente a opinião do erudito bispo que a do nobre morgado.

V. Ed. dos Lus., por D. J. M. de Sousa Botelho, Paris 1817; *Mem. da Ac. R. das E. de Lisboa*, tom. VII, 1821. (*Nota da segunda edição.*)

Nota E

*Que ao Sócrates da China se amostrara
Mais temporão, se lhes não mentem crónicas,
Que ao amante de Fédon.....*

As crónicas dos Chins reduzem toda a nossa cronologia a coisa nenhuma; e se fossem verdadeiras, não sei como seria. Confúcio não ó inferior em bondade de moral a Sócrates; e, quando os amores de Fédon fossem tão platónicos como os viu Mendelssohn, ainda assim não seria o Grego superior ao Chim. (*Nota da primeira edição.*)

Veja contudo a eruditíssima obra de Paw, que reduz a seu justo valor as exagerações dos cronistas do império celestial, e as não menores exagerações dos padres Duhamel, Kircher, Couplet e dos Jesuítas das Cartas edificantes.

V. *Recherches philosophiques sur les Egyptiens et les Chinois*, Paris an. III de la Rép. Franc. 2 vol. (*Nota da segunda edição.*)

AO CANTO QUINTO

Nota A

*Alta a noite, escutei o carpir fúnebre
Do nauta que suspira por um túmulo
Na terra de seus pais*

Encontram-se no alto mar umas avezinhas que de noite dão sentidíssimos e longos pios, às quais os marinheiros puseram o nome de *almas-de-mestre*, crendo supersticiosamente que são as almas dos mestres ou capitães de navios que se perderam, e que andam naquele fadário de pios enquanto seu corpo não chega a terra e obtém sepultura cristã. (*Nota da primeira edição.*)

Nota B

*Este gigante cujo aspecto horrendo
Primeiro eu vi*

O padre J. A. de Macedo pretendeu provar que a invenção do Adamastor era plagiato. Assaz foi refutada esta miserável acusação que só a paixão cega de tão louca rivalidade podia fazer dizer a um homem aliás erudito e não sem engenho. (*Nota da segunda edição.*)

Nota C

*Na pedregosa encosta da montanha
Que os mouriscos torreões inda coroam*

Às abas dessa encosta parece ter sido antigamente a principal parte da vila, ou primitiva povoação de Sintra. (*Nota da segunda edição.*)

Nota D

Do bardo misterioso o eterno canto

Lord Byron, que em seu extraordinário e inimitável poema, o Child Harold, fala de Sintra com o entusiasmo que as belezas da natureza excitam em génios como o dele. Este grande poeta, o maior do século presente, acabava de expirar na Grécia, onde o levava a nobreza de seus sentimentos, quando se isto escrevia; e à sua morte aludem os seguintes versos, que são imitados de uns de seu amigo e biógrafo, o suavíssimo Anacreonte do Norte, Th. Moore:

*Onde um suspiro
De morte, etc.*

(*Nota da primeira edição.*)

AO CANTO SEXTO

Nota A

*Africana terra.
Que de nossas conquistas e vitórias
Berço fatal há sido e sepultura*

Era grande e altamente político o pensamento dos nossos velhos que, vendo o resto da Espanha reunido sob uma só coroa, conceberam que Portugal, para ser independente deveras, precisava de se alargar pelas fronteiras terras de África, os Algarves de além.

Mas foi sempre – talvez será sempre fado de Portugal não ter nunca ideia política, sistema constante de governo. Variou-se varia-se em tudo. O ouro da Mina, a especiaria e pérolas de Asia, depois o ouro e diamantes do Brasil, fizeram desprezar as praças de África, onde era preciso gastar muito e perseverar muitíssimo antes que produzissem para a alfândega e para o erário.

D. Sebastião e o seu projecto de se fazer imperador de Marrocos não eram tão loucos como a desgraça os fez sentenciar. Loucamente dirigidos, sim.

Esta mesma grande calamidade despolarizou a ideia. Tanto caso se fazia das praças de África naquele tempo, que na revolução de 1640 esqueceu mandar aviso a Ceuta para que seguisse a causa comum da nação. No entanto meteram-lhe os castelhanos guarnição e lá ficou deles.

O que são as coisas! Se nós tivéssemos hoje as nossas praças de África, não seríamos poderosos e queridos aliados dos Franceses? Com sua boa vizinhança em Argel, não estava segura a nossa dominação da outra banda do Algarve? As portas do estreito, um pé na África outro na Europa, seria Portugal o reininho das noventa léguas de quem todos escarnecem? Já não é só de hoje em Portugal este desprezar de quanto é velho, e correr para diante sem saber aonde. Sofisma que esqueceu a Jeremias Bentham. (*Nota da segunda edição.*)

Nota B

Dom Aleixo, estremado entre os mais nobres

D. Aleixo de Meneses, aio de el-rei D. Sebastião. (*Nota da primeira edição.*)

Nota C

*Um Deus todo humildade e singeleza
Que sem comentadores, lhe mostravam
O Evangelho e a razão*

Estes versos censuram a fastosa e farisaica profissão dos hipócritas; mas não houve a mínima tenção de inculcar os gabos do puritanismo protestante e de sua falsa humildade – aliás orgulho ridículo e mal disfarçado.

Já havia cristianismo antes de se escreverem e serem lidos os Evangelhos. Era pois a tradição e o consenso da Igreja o que só regia a Igreja. – Este argumento de um Anglo-americano há pouco voltado ao seio da Religião Católica, é a morte do Protestantismo. (*Nota da segunda edição.*)

Nota D

*Talvez sem o remorso escrupuloso
Do eloquente Augustinho*

Veja as *Conf.* de S. Aug. (*Nota da primeira edição.*)

AO CANTO SÉTIMO

Nota A

*Oh! nobre paços da risonha Sintra,
Não sobre a roca erguidos, mas poisados
Na planície tranquila*

A grande questão de jurisconsultos e historiadores sobre se houve ou não nas Espanhas o sistema feudal propriamente constituído, talvez em grande parte possa

resolver-se pelo estudo e exame dos monumentos de arquitectura. Quem descendo o Rhin e vendo aqueles tão ricos e pitorescos montes coroados de castelos senhoriais ainda ouriçados de ameias e bastiões – quem não dirá: «aqui dominou o feudalismo em toda sua plenitude?» – Mas o que visitar as áridas serranias, as florentes veigas de Portugal e Espanha, e vir coroadas as suas alturas de esmornadas fortificações moirescas, e o paço do nobre, o mosteiro do religioso, o casal do lavrador, a choupana do pegureiro todos igualmente espalhados pela aba da serra, ao longo do vale, e sem mais distinção, apenas diferentes nas proporções ou no gosto do edifício – esse dirá necessariamente: «Aqui um povo de irmãos se uniu para expulsar o domínio africano; de um para outro não havia servidão nem senhorio, nem mister de castelos e pontes levadiças: destruíram o inimigo comum e ficaram vivendo em paz, com muito o que muito tinha ou adquiriu, com pouco o que tinha pouco; mas não houve raça privilegiada e exclusiva de possuidores do seu – raça exclusiva de trabalhadores no alheio».

O estudo das artes é de mais auxílio à ciência, do que talvez ela cuide em seu orgulho. (*Nota da segunda edição.*)

Nota B

Que precedido vai por débeis canas

Os porteiros da cana, que ainda se conservam no acompanhamento real, eram antigamente os batedores dos nossos reis. Sá-Miranda na sua Carta a el-rei D. João III faz a este respeito uma comparação dos monarcas portugueses com os das outras nações, sem exceptuar o papa, que ó dia de que todos os soberanos do mundo a lessem. (*Nota da primeira edição.*)

Nota C

Menestréis tanger

Nome que tinham no paço os músicos que ultimamente eram designados, creio eu, com ignóbil título de músicos das cavalherices. Dava-se-lhes ainda aquel'outro no tempo de D. João IV. (*Nota da segunda edição.*)

Nota D

E do bárbaro Neva ao culto Sena, Desde o Thamesis frio ao Pado ardente, Os lamentos de Inês repete a lira

As traduções dos *Lusíadas* começaram logo a espalhar-se por todas as línguas da Europa; e, segundo a reflexão do meu erudito amigo João Adamson, *Memoirs of Camoens*, este geral interesse e universal entusiasmo quase desde o momento que apareceu o poema, o adoptarem-no logo por seu tantos países e línguas diferentes, é a mais clara prova de merecimento e valor real. Mas que infeliz tem quase sempre sido o pobre Camões, observa o ilustre literato, com os seus tradutores! A respeito de Mickle e Lord Strangford, diz o Annual Review para 1803: «*It is one of the curiosities of literature that two englishmen of considerable genius should have employed themselves at different times in interpolating a portuguese poet*» – «É notável curiosidade literária

que dois Ingleses de considerável talento se empregassem, em diferentes tempos, em interpolar um poeta português».

Mas Inglaterra, e a sua literatura, se alguma ofensa ou injúria fez ao nosso poeta, todas as reparou com a elegante, erudita e zelosa publicação do meu prezado e particular amigo o Sr. João Adamson, cujas Memórias são, com a edição do morgado de Mateus, e a Memória do Sr. bispo de Viseu, Francisco Alexandre Lobo, os mais dignos monumentos que ao nosso poeta se têm alevantado.

Sabem todos os que me conhecem quão pouco tenho procurado, e quão rara me tenho servido das relações de amizade estreita, de favor ou deferência que, desde 1820, quase sempre tenho tido com os ministros que nos têm governado sob o regímen constitucional. Nestas raras excepções entrou a mercê que empenhadamente solicitei do favor Real para se dar, em nome da Nação e da Soberana, um testemunho de gratidão ao autor das *Memórias de Camões*. O *Diário do Governo*, que tanta coisa nos publica que melhor fora não dizer, nunca se dignou comunicar à Nação, este honroso acto, feito, não menos em seu nome e para sua glória, do que para glória da Rainha, Julguei de serviço público deixá-lo trasladado aqui.

«Atendendo ao que Me representou João Baptista de Almeida Garrett, do Meu Conselho, e Meu Enviado Extraordinário, Ministro Plenipotenciário junto a sua Majestade Católica; e Querendo Dar ao Cavalheiro João Adamson um público testemunho do apreço em que Tenho o distinto serviço que fez à Literatura Portuguesa na publicação das suas Memórias de Camões, que assim deram novo brilho à glória toda Nacional do nosso primeiro Poeta: Hei por bem Fazer Mercê ao mencionado João Adamson do o Nomear Cavaleiro da Antiga e Muito Nobre Ordem da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Mérito. O Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço das Necessidades, em 17 de Abril de 1838 – RAINHA – *António Fernandes Coelho*».

O episódio de Inês de Castro ó talvez a parte dos *Lusíadas* que tem sido mais popular na Europa, e mais vezes traduzida em todas as línguas cultas. Mas em todas ou quase todas o foi já o poema inteiro.

O leitor folgará, creio eu, de achar aqui uma nota das traduções de que pude achar memória, ou examinei eu próprio.

Traduções dos Lusíadas desde a primeira edição portuguesa de 1572:

I – 1580 – Tradução castelhana por Benito Caldera, com este título: – *«Los Lusíadas de Luys de Camões, Traduzidos em octava rima Castellana per Benito Culdera residente en Corte. Dirigidos al ilustriss. Señor Hernando de Vega de Fonseca, Presidente del Consejo de la Hacienda de su M. y de la Santa y general inquisicion. – Con privilegio. – Impresso en Alcalá de Henares, per Juã Gracian. Año de M. D. LXXX»*.

1. vol. em 4º pequeno com uma gravura em madeira no princípio, representando um soldado no acto de montar a cavalo, sem numeração de páginas ou de fólhos. – Antes do poema vem uma epístola ao leitor por Pedro Laynes – sonetos ao A. pelo licenciado Garay – por um amigo – por Luiz de Montalvo – pelo mestre Vergara – por um amigo – e pelo mesmo Pedro Laynes.

Cada canto é precedido por um argumento: o volume termina assim: En Alcalá; – En Casa de Juan Gracian – 1580.

Conserva-se um exemplar desta rara tradução na biblioteca de el-rei de Inglaterra em Buckingham-house.

Veja Nic. António, *Bibl. Hisp. Nova*: – Barbosa, *Bibl. Lus.*, tom. 1, p. 500; – De Bure 3547; – Brunet, *Man*, p. 207, tom. I; Duclos, *Dict.* tom. 1, p. 231 Osmont, *Dict. Typ.* tom. I, p. 163 – Fournier, *Nouv. Dict. port. de Bibl* – *Bibl. Croftsiana*, nº 4633. – *Bibl. Pinelliana*, nº 689 – *Adamson's Memoirs*, tom. II.

II – 1580 – Tradução castelhana por Luiz Gomes de Tapia, com este título: *La Lusitada de el Famoso Poeta Luys de Camoes. Traduzida em verso castellano de Portugues, por el Maestro Luys Gomes de Tapia, Vezino de Sevilla. Dirigida al illustrissimo Señor Ascanio Colona, Abbad de Sancta Sophia. – Con privilegio – En Salamanca. – En casa de Juan Perier Impressor de Libros, año de M. D. LXXX.*

1. vol. 4º pequeno em 307 fol. Tem argumentos em prosa no princípio, e anotações no fim de cada canto.

Antes do poema contém dedicatória – versos latinos de Francisco Sanchez – um soneto em castelhana pelo autor – versos latinos de Álvaro Rodrigo Zambano – um soneto em italiano por Diogo Vanegas, uma canção por D. Luís Gôngora e Pedro de Vega – sonetos em castelhana por D. Luiz Valençuela e D. Antonio Peralta – Catálogo dos Reis de Portugal.

Um exemplar desta obra existe na biblioteca de el-rei de Inglaterra em Buckingham-house; outro em poder do morgado de Mateus D. José Maria; outro no de M. Smith: *Bisl. Smithiana*, Venet, 1755, p. 87. *Veja Adamson's Mem.*, tom. II.

III – 1591 – Tradução castelhana por Henrique Garces, com este título: *Los Lusitadas de Luis de Camoes. Traduzidos de Portugues en castellano por Henrique Garces. Dirigidos a Philippo Monarcha primero de las Españas, y de las Indias. En Madrid, Impresso con licencia en casa de Guillermo Drouy impressor de libros», Año 1591, 1 vol. 4º.*

H. Garces, natural do Porto, viveu e escreveu no Peru, e enviuvado foi cónego no México. *Veja Nicolau Antonio Bibl. Hisp. Nova*. 1. – Barb. *Bibl. Lus.*, tom. II – *Reis Enth poet.*, p. 1s0. – O título, privilégio, censura e quatro sonetos ocupam oito páginas sem numeração; o poema 185 fol. – Um exemplar desta raríssima edição existe na biblioteca do meu amigo o Sr. James Gooden em Londres.

IV – 1612 – (À volta de) – Tradução francesa anónima. Não foi possível aos mais diligentes bibliógrafos modernos descobrir um exemplar desta tradução, de cuja existência nos consta indubitavelmente todavia pelo testemunho de Nicolau *Ant. Bibl. Hisp.*; Fernandes ed. dos *Lus.*, de 1609; Baillet; Mickle; Garcez-Ferreira que a atribui a um M. Scharon; *Adamson's Memoirs*, tom. II; e outros.

V – 1613 – Tradução italiana anónima: provavelmente Ms. pelo testemunho de Nervi. *Veja Manuel Corrêa* que lhe assina esta data de 1613; *Adamson's Memoirs*, tom. II.

VI – 1622 – Tradução latina por D. Fr. Tomé de Faria, bispo de Targa; com este título: *Lusitadum Libri X. Authore Domino Fratire Thoma de Faria, Episcopo Targensi, Ulyssipone ex officina Gerardi de Vineae» 1622. I vol. 8º.*

Reimprimiu-se no *Corpus Illustrium poetarum Lusitanorum*, etc., Lisboa. 1745.

Tive na minha pequena coleção um exemplar da edição original, adquirido na ilha Terceira; deve existir em poder do Sr. José da Silva Carvalho a quem o dei em 1822.

Um exemplar desta 1ª edição foi vendido na venda de Crevena por 2 fl. 14 st. *Catal Crev.*, tom. III, p. 289.

Veja Nic. Ant. Bibl. Hisp. Nov. vol. II; Barbosa *Bibl. Lus.*, III; Faria y Sousa: *Severim de Faria*; *Adamson*, tom. II; e outros.

VII – 163... – Tradução latina por André Baião com este título *Lusiada Indiae orientalis argonautae Ms.* actualmente existente na Biblioteca Romana. André Baião, natural de Goa, viveu principalmente em Roma, onde morreu em 1639.

Vej. *Bibl. Hisp. Nov.*, tom. I; *Bibl. Lusit.*, tom. I; Montfaucon *Bibl. Mss.*, vol. I, p. 179; Reis *Enth. poet.*; Adamson's *Mem.*, tom. II.

VIII – 16.. – Tradução latina de António Mendes com este título: «*Lusiaden Camonij Hispanorum vatium antesignani Poema Latinis versibus redditum.* 4º Ms.»

Vej. *Barb. Bibl. Lus.*, tom. I, p. 327.

IX – 16.. – Tradução latina por Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo, com este título: *Lusiada de Luiz de Camões traduzida em língua latina Ms.* Macedo o enciclopédico nasceu em Coimbra, 1s96, morreu em Pádua em 1681.

Esta tradução chegou a estar em poder do padre Reis para se imprimir no *Corpus poetarum*, cujo sexto volume é todo ocupado pelas obras do mesmo Macedo, e não veio por fim a publicar-se por não ter recebido a última correcção do seu autor, diz uma nota do editor no referido 6º vol.

Deve existir hoje este Ms. na R. Biblioteca das Necessidades onde foi preparada e dirigida a edição do *Corpus poetarum*, creio eu.

Vej. Barbosa *Bibl. Lus.*, tom. I e II; Adamson, tom. II.

X – 1665 – Tradução inglesa por Sir Richard Fanshaw, com o seguinte título: «*The Lusiad, or Portugal's Historical poem: written in the Portingall language by Luis de Camoens, and now newly put into English by Richard Fanshaw Esq.*» – Dignum laude virum Musa vetat mori; – Carmen amat quisquis carmine digna facit – HORAT – London: printed for Humphrey Moseley, at the Prince's Arms; in St.-Paul's church yard. M.D.C.LV. fol.

Foi ministro, e logo embaixador, de Inglaterra em Lisboa, e neste carácter residia quando se concluiu o casamento de el-rei Carlos II com a Infanta D. Catarina. Foi depois embaixador em Madrid, onde morreu em 1666.

É dedicada a tradução ao conde de Strafford. Antes do poema vem um extracto do *Satyricon* de Petrónia com uma tradução do mesmo Fanshaw, e o soneto de Tasso a Camões traduzido em verso inglês. Retratos de corpo inteiro do infante D. Henrique, de Vasco da Gama, de Camões.

A palavra *newly* no frontispício desta edição parece inculcar que houvesse antes outra ou mais antiga tradução por autor diverso. Mickle, «*Dissert. on the Lus.*» em uma nota, resolve, cuido eu, toda a dúvida, quando diz, citando o autor das cartas de Fanshaw: «During the unsettled times of our anarchy some of his (Fanshaw's) Mss. falling by misfortune into unskilful hands, were printed and published without his consent or knowledge, and before he could give them his last finishing strokes: such was his translation of the *Lusiads.*»

Mickle, loc. cit.; Adamson's *Mem.*, tom. II.

XI – 1658 – Tradução italiana por Carlos António Paggi, com o título: *Lusiada Italiana* di Carlo Antonio Paggi, nobile Genovese. Poema Eroico del Grande Luigi de Camões Portoghese, Prencipe, de'Poeti delle Spagne. Alla Santita di Nostro Signore Papa Alessandro Settimo. Lisbona. Con tutte le licenze. Per Henrico Valente de Oliveira», 1658, I vol., 12º.

Contém uma alegoria precedendo o frontispício, gravada; duas dedicatórias a Monsig. Giacomo Fcanzoni e al III. Sig. Gio Georgio Giustiniano, em que relata a vida de Camões; – sonetos, elogios e licenças.

Vej. Nicol. *Ant. Bibl. Hisp. Nov.*, tom. II; Adamson's *Mem.*, tom. II.

A segunda edição, mui alterada da primeira pelo A. foi reimpressa na mesma tipografia logo no seguinte ano de 1659. – Há exemplares no Mus. Britan., na colecção de M. Adamson, na minha, e não são raros em Portugal.

XII – 1735 – Tradução francesa por Duperron de Castera, com este título: «*La Luside du Camoens, poeme héroïque sur la Découverte des Indes Orientales. Traduit du Portugais, par M. Duperron de Castera*», 3 vol. 12°, Paris, 1735.

Com uma série de estampas, e uma alegoria no frontispício. É dedicada a S. A. S. o Príncipe de Conti. Contém, além da dedicatória em verso francês, e da inscrição em verso latino da alegoria, um prefácio, a vida de Camões, licença do Rei notas no fim de cada canto, e índice de matérias no fim da cada volume.

De Bure; Brunet, *Man. du Lib.*, tom. I, p. 207; Duclos, *Dict. Bibl.*, tom. I; Osmont, *Dict. Typogr.*, tom. I, p. 163.

Há uma ed. de Paris 12 mo, outra de Amsterdam em 8°, ambas em três vols. e no mesmo ano de 1735. – Outra ed. de 1768.

XIII – 1762 – Tradução em verso alemão dos episódios de Inês de Castro e de Adamastor por Meinhard na obra *Den Cil. Beytr. Zuden Braimschwig Antreigen*», 1762. St. 25 p. 193; St, 26, p. 210.

XIV – 1772 – Tradução em oitava rima italiana anónima; com este título: *La Luside o sia La Scoperta delle Indie Orientali fatta da'Portoghesi di Luigi Camoens: Chiamato per la sua eccellenza II Virgilio di Portogallo. Scritta da esso celebre autore nella sua lingua naturale in ottava rima, ed. ora nello stesso metro tradotta in Italiano da N. N. Piemontese, insieme con un ristretto della vita del medesimo autore, e con gli argomenti aggiunti al Poema da Gianfrancesco Barreto. Torino 1772, Presso li fratelti Reyconds Libraj in Principio di contrada nuova. – Multosque per annos – Errabant acti fatis maris omnia circum – ENEID. LIB. I.*

1 vol. 12° de 304 pp. dedicado *al Nobilissimo ed ornatissimo cavaliere il Marchese D. Salvatore Pez di Villamarina*. Argumentos em verso no princípio de cada canto, e natas marginais no decurso da obra. Há um prefácio depois da dedicatória – Atribui-se geralmente ao conde Laureani algum tempo residente em Lisboa.

Um exemplar na Bibl. Real de Inglaterra em Buckingham-house; outro em poder de M. Adamson.

XV – 1772 – Tradução em verso francês por S. Gaubier de Barrault; com este título: *La Mort de Inès de Castro; et Adamastor; morceaux tirés et traduits de la Luside de Camoens; pour servir de Essai à une Traduction Française en vers et complete de ce fameux Poème Portugais. Ouvrage dédié et présenté au Roi le VI de Juin M.DCC.LXXII jour anniversaire de la naissance de Sa Majesté, par Sulpice Gaubier de Barrault. A Lisbonne. De l'Imprimerie Royale. Avec Approbatton. I folheto de 32 pp. em 4° com o texto ao lado.*

São unicamente os episódios de Adamastor e de Inês de Castro, traduzidos verso por verso, dedicatória em prosa francesa a el-rei D. José.

Aquino, ed. de Cam., 1782; Adamson's, tom. II.

XVI – 1776 – Tradução em verso rimado inglês por Júlio Mickle; com este título: *The Lasiad; or the Discovery of India. An Epic Poem. Translated from the original Portuguese of Luis de Camoens. By William Julius Mickle. – «Nec verbum verbo, curabis redere fidus – interpres – HOR. ART. POET.*

London. – Oxford. – M.DEC.LXXVI., 1 vol. 4°.

Muitas vezes reimpresso: o geral das edições contém, antes dos Lusíadas, uma introdução; a história da descoberta da Índia; a história do crescimento e queda do império português no Oriente; vida de Luís de Camões; dissertação sobre os Lusíadas; observações sobre a poesia épica.

Aquino ed., de Cam. 1782, tom. I; Adamson's Mem., tom. II.

XVII – 1776 – Tradução, em resumo, em prosa francesa por D'Hermilly, revista por La Harpe; com este título *La Lusiade de Louis de Camoens; Poeme Héroïque, en dix chants, nouvellement traduit du Portugais, avec des notes & la vie de l'Auteur. Enrichi de figures à chaque chant*. 2 vol., 8°, Paris, 1776.

Precedem o poema uma advertência do editor, uma vida de Camões: no princípio de cada canto um argumento em prosa. Excelentes gravuras com explicações em prosa também.

Aquino, ed. de Cam., 1782, tom. I, Mickle, Diss, Bibliothèque de un Homme de goût, tom. I, p. 239 (ed. de 1808); Brunet, Man. du lib., tom. I; Fournier Nouv. Dict. port. de Bibliog.

XVIII – 17.. – Tradução em verso francês por Florian, com este título: *Episode de Ignéz de Castro traduit de la Lusiade de Camoens – chant III*.

Em todas as edições das obras de Florian.

XIX – 1788 – Tradução anónima em prosa francesa do episódio da Ilha dos Amores, na colecção intitulada: *Voyages Imaginaires, Romanesques, merveilleux, allégoriques &c* Amsterdam, 1788, 8°, com o título seguinte: *L'Isle enchantée. Episode de la Lusiade, traduit du Camoens*. Tem uma bela gravura de Vénus falando a Cupido.

XX – 1807 – Tradução em oitava rima alemã por Frederico Kuhn e Carlos Teodoco Winkler; com o título: *Die Lusiade des Camoens. Aus dem Portugiesischen in Deutsche otavereime ubersetzt. Leipzig in der Weidmannischen Buckhandlung*, 1807, 8°.

É dedicada ao conde Carlos Boze secretário de estado de el-rei de Saxónia: Pretende-se na dedicatória que é a primeira tradução dos *Lusíadas* em alemão.

XXI – 1808 – Tradução alemã do primeiro canto dos *Lusíadas*, com o texto português ao lado; com este título *Probe einer neuen ubersetzung der Lusiade des Camões. Hamburg bey Friedrich Perther*.

XXII – Tradução em verso francês dos episódios de Ignês de Castro e da Ilha dos Amores, por Parseval Grand-maison, no poema rapsódico intitulado *Les amours épiques*, I vol. 8°.

A edição que cito é a segunda; não se pode descobrir a data da primeira.

XXIII – 1814 – Tradução em oitava rima italiana. por António Nervi; tem por título: *Lusiada di Camoens. Transportata in versi italiani da António Nervi. Cenova, Stamperia della Marina e della Gazzetta*, anno 1814, 8°.

Um breve aviso ao leitor acompanha o poema sem mais notas ou ilustrações.

XXIV – 1818 – Tradução castelhana de Dom Lamberto Gil; com o título seguinte: *Los Lusiadas, Poema Epico de Luis de Camoens, que tradujo al castelhana Dom Lamberto Gil, Penitenciario en el real oratorio del Caballero de Gracia de esta Corte. Madrid 1818. Imprenta de D. Miguel de Burgos*. 3 vols., 8°.

O primeiro vol. tem o título acima, e contém prólogo – vida de Camões – juízo crítico – relação da viagem de Gama – e os primeiros cinco cantos dos *Lusíadas*. – O segundo volume contém o resto dos *Lusíadas*, no terceiro há prólogo – e poesias várias que vêm a ser uma escolha dos poemas menores, notas, etc.

XXV – 18.. – Tradução inglesa de parte do IV canto dos *Lusíadas*, e de algumas selecções das Rimas por Lord Strangford: com o título *Poems from the Portuguese of Luis de Camoens*, London, 18.., um pequeno vol. em 12°.

XXVI – 1825 – Tradução em prosa francesa por Millié, com este título: *Les Lusiades, ou Les Portugais. Poème de Camoens, en dix chants – Traduction nouvelle, avec des notes. Par J. Bte. Jh. Millié La découverte de Moçambique, de Melinde et de*

Calicut a été chantée par le Camoens dont le poème fait sentir quelque chose des charmes de l'Odyssee et de la magnificence de l'Enéide. MONTESQUIEU.

Paris, Firmin Didot Père et Fils, Libraires rue Jacob n° 24. De l'imprimerie de Firmin Didot, M.DECC.XXV., 2 vols., 8°.

É dedicada a D. José Maria de Sousa Botelho (morgado de Mateus). Antes do poema, um prefácio – vida de Camões – o soneto de Tasso e uma imitação francesa dele. No fim de ambos os volumes notas – argumentos – conceitos dos literatos sobre *Os Lusíadas* – notícia sobre Camões e suas obras, por D. José Maria de Sousa Botelho, traduzida em francês por M. Millié.

XXVII – 18.. – Tradução em oitava rima alemã pelo Dr. E. E. Heise, com o título: *Die Lusiade Heldengedicht von Camoens, aus dem Portugiesischen uberzetzt von Dr. E. E. Heise.* – Hamburg und Altona bei Gottfried Volmer. 2 vol., 12° – No frontispício tem este dístico alemão:

Halb Romer, stammt er dennoch von Germanen.

Contém, antes do poema, uma espécie de endereço a Camões – argumentos nos princípios – e notas nos fins de cada canto. Sem data de impressão conhece-se que é deste século.

XXVIII – 1826 – Tradução em oitava rima italiana por Briccolani; tem título: *I Lusiadi del Camoens recati in ottava rima da A. Briccolani. Parigi 1826, co'tipi di Firmin Didot, via Giacobbe, N° 24, I vol., 32.mo.*

É dedicada a S. M. a Rainha D. Maria II, então de sete para oito anos. Tem no princípio a mesma gravura da edição portuguesa em 32.mo festa em Paris pela de 8° de Didot e na sua oficina mesma por J. P. Aillaud.

XXIX – 1826 – Tradução em verso solto inglês por Musgrave; com o título: *The Lusiad, An Epic Poem, by Luis de Camoens.* – Translated from the Portuguese by Thomas Moore Musgrave. Primum ego me illorum, dederim quibus esse poetis. – Excerptam numero. Neque enim concludere versum – Dixeris esse satis; neque, si quis scribat, uti nos. Sermoni propria putes hunc esse poetam. – Ingenium cui sit, cui mens divinior, atque os – Magna soniturum, des nominis hujus honorem. – HORAT. SAT. L. 1, 4.

London: John Murray, Albemarle Street. M.DCCC.XXVI. 1 vol., 8°.

Precede o poema, dedicatória ao conde de Chichester – prefácio – seguem-se no fim notas.

XXX – 1828 – Tradução dinamarquesa por Lundbye; com o título: *Luis de Camoen's Lusiade oversat af ort Portugisiske ved H. V. Lundby. Kopenenhagen, 1828.* 2 vol., 8°.

O A. era secretário da legação dinamarquesa em Tunes.

XXXI – 1833 – Tradução em verso alemão por Donner, com título: *Die Lusiaden des Luis de Camoens verdeutsch von J. J. E. Donner. Stuttgart, 1833.* I vol., 8°.

É uma bela edição em caracteres romanos. Autor contemporâneo bem conhecido.

XXXII – A tradução hebraica, referida por Mickle, e feita com muito engenho e elegância por Luzzeto, um erudito Judeu, autor de vários outros poemas, que morrera na Palestina – trinta anos antes do tempo em que Mickle escrevia – 1775.

XXXIII – A tradução em prosa latina por Filipe José da Gama, tão louvada na ed. de 1779 das *Obras de Camões*, em Lisboa.

XXXIV – A tradução em verso latino por Manuel de Oliveira Ferreira com o título: *Lusiadum Libri VII.* Ms.

XXXV – A tradução em verso francês pelo Sr. Duque de Palmela, que os particulares amigos do ilustre autor sabem estar muito mais adiantada, posto que dela só aparecessem amostras no Investigador português em Londres de 18.. – Posso dar testemunho do muito que admirei algumas das mais difíceis passagens de *Os Lusíadas*, quando o nobre poeta (espero que se não ofenda do nome) me Pez a honra de mas ler, há onze para doze anos em Londres.

XXXVI – As duas traduções suecas que nos manifestou o Sr. Melin, ilustre viajante daquele país que aqui vimos em Lisboa este ano de 1839.

XXXVII – Os comentários e tradução russa em 2 vols., 8º, que sabemos terem sido vistos por pessoa de confiança e de inteligência.

XXXVIII – Carrion-Nisas, Boucharlat, H. Lefebure também traduziram em Francês parte de *Os Lusíadas*. (Nota da segunda edição.)

XXXIX – 1839 – Tradução sueca por Lovén, com este título: *Lusiderne. Hjeltekl of Luis de Camões Ofversatt från Portugisiskan, J. originalets versform. Af Vils Lovén. Stockolm, tryckt hos L. J. Hjerta, 1839. I vol., 12º grande, de 224 pp., prefácio de IV páginas, notas no fim, em XVI páginas.*

XL – 1841 – Tradução em verso francês por Aubert; com o título: *Traduction des Lusíades de Camoens*, por Ch. Aubert. Paris, 1841, I vol., 12º.

XLI – 1841 – Tradução em prosa francesa por Ortaire Fournier e Desaulles; com o título: *Les Lusíades de Camoens. Traduction nouvelle, por M. M. Ortaire Fournier et Desaulles, revue, annotée et suivie de la traduction de un choix de poésies diverses, avec une notice biographique et critique sur Camoens, par Ferdinand Denis*. Paris, 1841. I vol., 12º (Nota da terceira edição.)

XLII – 1852 – Tradução em verso inglês dos primeiros cinco cantos, com o título: «*The Lusíad of Camoens, Books I. to V. Translated by Edward Quillinam. With notes by Johrt Adamson, K. T. S. and K. C. of Portugal &c London, 1853.*» I vol., 8º (Nota da quarta edição.)

AO CANTO OITAVO

Nota ÚNICA

*Louça, transparente porcelana
Raro produto do Chinês longínquo
Raro na Europa ainda, e então condigno
Ornato de reais mesas*

Raríssima era ainda a porcelana na Europa: é de ver a admiração que em Roma causou o regalo de louça da Índia que fez o nosso santo arcebispo D. Fr. Bartolomeu dos Mártires ao Papa, quando lhe aconselhava que deixasse as baixelas de ouro e prata, como impróprias de um sucessor de S. Pedro, e usasse daquela que nem era tão cara nem tão fastosa. Veja Frei Luís de Sousa, vida do Arc. (Nota da primeira edição.)

AO CANTO NONO

Nota A

O trovador moderno que descanta

O nome de trovador não foi privativo dos provençais, porque portugueses e castelhanos os houve. Toma-se aqui no sentido genuíno da palavra, poeta guerreiro com seu tanto de cavaleiro andante, e não no vulgar e vicioso de hoje, improvisador, versejador: digo vicioso, porque para isso temos nós trovista. (*Nota do primeira edição.*)

Nota B

*Arreatada
Por anjos infernais a roca antiga
Que a prumo a descaíram – e fixada
No encantado equilíbrio, desafia
Força da natureza e arte dos homens*

Vistos de certo ponto e distância, os rochedos primitivos e descarnados daquela serra parecem com efeito colocados ali por meios sobrenaturais.

Não haverá entre eles algum que realmente seja o que ao poeta se afigurou nest'outros versos:

*Céltico dolmin recordando o culto
Do sanguento Endovélico, o terrível
Irminsulf dos ferozes Lusitanos*

Dolmin, ou *dólmen*, é o singelo monumento céltico de uma pedra solitária e a pique.

Celtas somos nós sem dúvida, além do génio, por sangue. Endovélico era deus celta, porventura tradução de Irminsulf assim arredondada pelo *ore rotundo* lusitano.

Aqui estão altas e profundas questões, cujo interesse o poeta só indica: trate-as a ciência, que o valem (*Nota da segunda edição.*)

Nota C

*Guardando ainda,
No azul que em sua glória lhe vestiram
As estrelas do Yaman e os enlaçados
Caracteres do Hydjaz*

Ainda agora – A. D. 1839 – se conserva em parte do tecto e de uma parede interior da mesquita quase todo o estuque, e bocados dele com o azul-vivo e animado, as estrelas, meias-luas e letras arábicas bem distintas, e luzindo ainda o dourado com que as debuxaram.

Veja, sobre a admirável conservação destes frescos, as observações de Paw, *Recherch. Philos., Paris, an 3 de la républ.*

Se alguém fizesse ao menos copiar e estampar estes curiosos e notáveis vestígios antes que de todo se obliterem! (*Nota da segunda edição.*)

Nota D

Estas resistem

Mais que nenhuma ao minar do tempo

É facto que pode cada um explicar a seu sabor, mas indisputável para todos. – Na cidade habitada ainda por gerações que sucederam a centenas de gerações – na que jaz abandonada e deserta já – os monumentos, os edifícios públicos e particulares, ou renovados ou caídos, ou sem deixar vestígio sequer, todos testemunham a fragilidade e instabilidade das coisas humanas. Porque será que as casas de oração, os templos parecem privilegiados entre as obras dos homens? A Filosofia responderá com um sorriso, a Piedade com um levantar de olhos ao céu. Nenhuma te convence: talvez. Mas se hei-de crer sem entender, porque há-de ser antes no que ri e zomba, do que nesse que vive tão certo em sua fé? (*Nota da segunda edição.*)

Nota E

De Bernardim saudoso e namorado

Bernardim Ribeiro, cujo romance da *Menina e Moça* é uma alegoria de seus altos amores do paço. Corre por verdadeiro o que aqui se diz a este respeito. A sua morada na serra de Sintra, a sua ida de peregrino aos Alpes, i. e. a Turim onde se achava a D. Beatriz casada com o duque de Sabóia, são factos: o resto quem o pode afiançar? (*Nota da primeira edição.*)

No volume desta colecção em que se publica o *Auto de Gil Vicente*, vem ilustrado mais amplamente o ponto.

Imprimia-se, na primeira edição, Isabel em vez de Beatriz, por engano desculpável em quem escreveu e imprimiu em terra estranha, quase sem um só livro português. (*Nota da segunda edição.*)

Nota F

Na opa de peregrino disfarçado

*Desce os montes da Lua, e mais erguidas
Serras demanda*

Os derradeiros dias da vida romanesca e aventureira do apaixonado Bernardim Ribeiro são parte menos decifrada e decifrável do enigma de sua vida. Aqui seguiu-se a tradição mais vulgar. Houve quem me acusasse de ter seguido outra diversa no *Auto de Gil Vicente*. Não era erro quando tal tivesse feito, porque se ao poeta é permitido violar a história, que liberdades não terá ele com a vaga e desvairada tradição de uma aventura romanesca?

Mas não foi assim, digo: Bernardim Ribeiro lança-se ao mar, no *Auto de Gil Vicente*; mas nenhum *nuncius*, nenhum *koroj* veio fora, como na comédia ou tragédia antiga, dizer ao público: – «Bernardim Ribeiro afogou-se com efeito: *nunc plaudite.*» (*Nota da segunda edição.*)

Nota G

*Façanha heis feito de homem, que imitada
De muitos não será*

Duarte Nunes de Leão define façanha, acção notável em cavalaria que se pode citar como aresto e caso julgado do qual se argumenta para outro parecido. *D. N. chron.* (Nota da primeira edição.)

Nota H

*Pronto se oferece quem germanas artes
Em dar-lhe vida e propagá-lo empregue*

Camões chegou a Lisboa em 1569, e publicou *Os Lusíadas* em 1572 na oficina de António Gonçalves. Fez logo segunda edição no mesmo ano, segundo demonstrou o Morgado de Mateus, e já Faria e Sousa tinha descoberto. Desde então, pode dizer-se que a imprensa ainda não descansou de multiplicar exemplares desta assim como das outras obras de Luís de Camões. (Nota da segunda edição.)

Nota I

*Soa o brado ingente
Já pela Europa: e o nome lusitano
Ao nome de Camões eterno se une*

Mais de uma vez se tem feito alusão, neste poema, à imortalidade que o nome de Camões afiança à nossa língua e ao nosso nome. Poucos há tão populares e europeus como o dele. Nestes derradeiros tempos quase que não há língua em que a poesia e o romance não tenham celebrado o engenho e carpido as desgraças do Homero português.

Lord Strangford com as suas paráfrases, de pouco mérito aliás, concorreu muito para fazer da moda em Inglaterra o nome de Camões. O Morgado de Mateus e o meu amigo o Sr. Adamson generalizaram as simpatias despertadas talvez pelo literário *dandy*,

O poemeto em prosa de M. Denis publicado na obra *Scènes de la nature sous les tropiques*, apareceu pouco depois em França, 1825. Na primeira edição do meu *Camões*, que é desse ano, fiz a sensaboria de me pôr a dar explicações em como não tinha nada a ver a minha composição com a do Sr. Denis. Consta-me que, entendendo provavelmente mal as minhas palavras, aquele escritor, que tão bem tem merecido da nossa literatura, se ofendera delas. Peço-lhe daqui solene desculpa, e declaro a minha convicção íntima de que, assim como eu não sabia da sua obra nem a vira antes de publicar a minha, o mesmo estou certo que lhe acontecesse.

Vi mais em Francês, publicado em 1831-32? um pequeno drama em prosa cujo assunto é a volta de Camões a Lisboa. Não me pode lembrar o nome do autor.

Em Alemão apareceu – *Tod des Dichters* – romance por Ludwig Tiock, Berlim 1834. É seguimento de uma publicação à maneira dos anuais ingleses, intitulada *Novellenkranz*. 1 vol. 12 mo de 347 pág. – Saíram no vol. de 1835 as gravuras pertencentes a este. Tieck é hoje um dos primeiros literatos de Alemanha.

Numa colecção de poesias dinamarquesas que tem por título – *Nye Digte. Af Schack Staffeldt* – Kiel 1808. 8 vo. a pág. 175 vem um poemeto intitulado *Camoens* em versos de diferentes medidas e a modo dramático, sendo interlocutores Camões, um frade, o Jau de Camões, e vozes de anjos. Contém 24 pág. (Nota da segunda edição.)

Li o ano passado dois dramas alemães cujo protagonista é também o nosso Camões, são impressos 185... (Nota da terceira edição.)

Acabo de receber de Paris, hoje 12 de Marco 18s4, um elegante e precioso estudo literário sobre o mais interessante ponto da vida de Camões, pelo Sr. Adolpho de Circourt. Publicou-se primeiramente como artigo na *Bibliothèque Universelle de Genève*, e tem por título *Catherine de Atayde*. Genève imprimerie Ferd. Ramboz et Cie 1853. Sinto que a já demasiada extensão destas notas me não permita inserir por extenso todo este opúsculo, bem digno do seu objecto. (*Nota da quarta edição.*)

AO CANTO DÉCIMO

Nota A

À indigência, à miséria aí succumba

Seguindo a opinião do Morgado de Mateus, na Primeira edição do meu poema fiz carregar nomeadamente aos dois irmãos Câmaras – Luís Gonçalves e Martim Gonçalves – com toda a fealdade deste crime que, realmente e sem paixão, se deve imputar a todos os que rodeavam el-rei, e que, segundo diz Faria e Sousa, *eram enemigos del poeta*. Com esta mais arrazoada opinião se conforma o Sr. bispo de Viseu, Lobo, quando, ajudado da autoridade e argumentos do mesmo Faria e Sousa, confunde a vilania de Mariz que tão indignamente quis desculpar a ingratição da corte à custa da reputação de Camões.

Mas já que vai de fazer justiça a todos, façamo-la também ao governo daquele tempo, absolvendo-o da acusação, tão repetida há quase três séculos, de que a pensão dos quinze mil reis que lhe davam era, inda em cima, tão mal paga que o poeta dizia: «que havia de pedir a el-rei que trocasse os quinze mil réis por outros tantos açoites nos ministros por quem corria o pagamento».

A pensão foi mesquinha, indigna de quem a dava e de quem a recebia, mas pagou-se. Dou por íntegra, em razão da novidade e interesse do seu conteúdo, os seguintes documentos cujas cópias autênticas me foram oficialmente comunicadas da Torre do Tombo. E folgo de dar aqui público agradecimento à obsequiosa amizade do Sr. Guarda-mor e à diligência de seus empregados, que tão zelosamente se prestaram a satisfazer ao meu pedido.

«Il.mo e Ex.mo Sr. – Tenho a honra de passar às mãos de V. Ex^a (de ordem do meu Guarda-Mor) as três cópias juntas do alvará e apostilas de 15\$000 reis de tença concedida a Luís de Camões, podendo assegurar a V. Ex^a não existir neste Arquivo outro algum documento (e muito menos autógrafo) que pertença ao dito Camões. – Deus Guarde a V. Ex.a – Real Arquivo da Torre do Tombo 27 de Julho de 1839 – Il.mo e Ex.mo Sr. Cronista Mor do Reino. – *José Manoel Severo Aureliano Basto, Oficial Maior*».

«Eu elrei faço saber aos que este aluara virem que avendo respeito ao serviço que Luis de camões caualleyro fidalgo de minha casa me tem feyto nas partes da India por muitos annos e aos que espero que ao diante me fara e a Informação que tenho de seu engenho e habellidade e a sufficiencia que mostrou no liuro que fez das cousas da Indya ey por bem e me praz de lhe fazer merce de quynze mil reis de tença em cada hum anno por tempo de tres annos somente que começarão de doze dias do mes de março deste anno presente de mil quinhentos setenta e dois em diante que lhe fiz esta merce e lhe serão pagos no meu thesoureiro mor ou em quem seu cargo servir cada hum dos ditos tres annos com certidão de francisco de siqueira escrivão da matricula dos moradores de minha casa de como elle Luis de camões reside em minha corte. E portanto mando a

dom martinho pireira do meu conselho vedor de minha fazenda que lhe faça assentar no livro dellas estes quinze mil reis no tittulo do thesoureiro mor pera nelle lhe serem pagos cada hum dos ditos tres annos com a certidão acima decllarada e este allvara quero que valha como se fose carta feita em meu nome sem embargo da ordenação do segundo livro que dispõe o contrario symão borrarho a fez em Lisboa a vinte e oito de Julho de mil quinhentos setenta e dois e eu Duarte dias o fez escrever. – Está conforme ao livro 32 da Chancellaria do Senhor Rei Dom Sebastião fl. 86 vº – Real Archivo 23 de Julho de 1839. – *José Manoel Severo de Aureliano Basto*».

«Trellado de huma apostilla Que se pos ao pee de hum allvara de luis de camões que foi Registado no Livro de amtonio daguiar a folhas oitenta e seis E pasou pela chancellaria a seis de Setembro de setenta e dois. – Ey por bem fazer merçe a luis de camões dos quinze mil reis cada anno conteudos neste allvara por tempo de tres annos mais Que começarão do tempo em que se acabarão os outros tres annos paguos no meu Thesoureiro mor asy e da maneyra que se lhe ategora pagarão com certidão do eserivão da matricolla de como Resyde em minha corte e com esa declaração se hasentarão no Livro de mynha fazenda e se levarão no caderno do assentamento E esta apostilla se cumprirá posto que o efeyto della aja de durar mais de um anno symão borrarho a fez em allmada a dois dagosto de mil quinhentos setenta e cinco E eu duarte dias a fiz escrever. – Está conforme ao Livro 23 da Chancellaria do Senhor Rei Dom Sebastião fl. 229. Real Archivo 23 de Julho de 1835. – *José Manoel Severo Aureliano Basto*.»

«Trelado de huma postilla que se pos nas costas de hum allvara de Luis de Camões. – Ey por bem de fazer merce a luis de camões contiudo no meu allvara escrito na outra meia folha atras que elle tenha e aja cada anno por tempo de tres annos mais os quinze mil reis que tem pela postilla que esta no dito allvara os quais tres annos começarão de dois dias do mes dagosto deste anno presente de quinhentos e setenta oito em diante E os ditos quinze mil reis lhe serão pagos no meu thesoureiro mór assy e da maneira que ategora se lhe pagarão com certidão dayres de siqueira escrivão da matricula dos moradores de minha casa de como Reside em minha corte e com essa declaração se assentarão no Livro de minha fazenda E se levarão no caderno de assentamento E esta apostilla me praz que valha e tenha força e vigor posto Que o effeito della aja de durar mais de hum anno sem embargo da ordenação em contrario gaspar de seixas a fez em lisboa a dois de Junho de mil quinhentos e setenta e oito E posto que acima diga que o dito luis de camões comece a vencer os ditos quinze mil reis de dois dias do mes dagosto deste anno presente não os vencera senão de doze dias de março passado do dito anno em diante que he o tempo em que se acabarão os tres annos que lhe forão dados pela dita apostilla – Jorge da costa a fez escrever. – Está conforme ao Livro 44 da Chancellaria do Senhor Rei D. Sebastião fl. 119 vº – Real Archivo 23 de Julho de 1839. – *José Manoel Severo Aureliano Basto*. (Nota da segunda edição.)

Os conscienciosos e infatigáveis desvelos do meu amigo o Sr. Visconde de Jeromenha sairão breve a público para ilustrar esta e outras questões biográficas relativas a Camões. (Nota da quarta edição)

Nota B

*Meu bom senhor, um gasalhado tenho
Achado já*

Não sigo a opinião dos que fazem morrer o nosso Camões no hospital. O Sr. bispo de Viseu, na memória tantas vezes citada, claramente provou que «o falecimento do

poeta no hospital público de Lisboa, se não é de todo falso, é pelo menos muito duvidoso.»

Vej. *Mem. da Ac. R. das Se. de Lisboa*, tom. 7, pág. 230.
(*Nota da segunda edição*).

Nota C

*Uma faísca
Esquecida a tiranos lá cintila*

Esta é uma profecia de poeta, cujo cumprimento pode ser explicado pelos sucessos de 1640, de 1800, ou de 1820, ou segundo prouver aos crentes, como acontece com a maior parte de tais profecias.

Nota D

Juntos morremos... e expirou coa pátria

É notável coincidência, e que muito lisonjeia o meu pequenino amor próprio, que enquanto eu, humilde e desconhecido poeta, rabiscava estes versinhos para descrever os últimos momentos de Camões, o Sr. Sequeira immortalizava em Paris o seu nome e o da sua nação com o quadro magnífico que este ano passado de 1824 expôs no Louvre, em o qual pintou a mesma cena. Valha-nos ao menos, descaídos ou esquecidos como estamos, que haja ainda portugueses como o Sr. Sequeira que ressuscitem, de quando em quando, o adormecido eco de nossa antiga fama. (*Nota da primeira edição*.)

Nota E

*Onde jaz, Portugueses, a moimento
Que do imortal cantor as cinzas guarda?*

Camões foi enterrado em sepultura humilde e rasa ao lado esquerdo da porta principal da igreja do convento de Sant' Ana. que então servia de paróquia. Dezasseis anos depois, D. Gonçalo Coutinho, o mesmo que tão afeiçoado lhe fora noutro tempo, mas que parecia tê-lo desamparado nos últimos dias de sua atribulada vida e de todo olvidado depois de morto, D. Gonçalo Coutinho, afora com diligência e cuidado procurou o lugar quase esquecido – em dezasseis anos! – da sepultura do poeta; achou-o, com não pequenas dificuldades, «por não haver indício» diz o Sr. bispo de Viseu, Lobo, «que o fizesse logo advertir»; mandou trasladar as cinzas para uma jazida particular no meio da igreja, e assentou sobre ela uma pedra em que fez gravar aquele tão conhecido epitáfio de simplicidade eloquentíssima:

Aqui jaz Luiz de Camões
Príncipe
Dos poetas do seu tempo:
Viveu pobre e miseravelmente:
E assi morreu
Anno M. D. LXXXIX

Martim Gonçalves da Câmara o famoso escrivão da puridade de el-rei D. Sebastião, ou que realmente não tivesse sido inimigo do poeta, ou lhe chegasse o arrependimento, também agora, com licença de Gonçalo Coutinho, lhe mandou gravar na mesma lápide aquel'outro epitáfio em dísticos latinos, composição do padre Mateus Cardoso jesuíta, toda hiperbólica, engenhosa e de conceitos, que ou me engano muito ou, por si mesmos, esses versos latinos se denunciam hipócritas e fingidos, quanto a singela prosa portuguesa da outra inscrição mostrava sinceridade de alma, pena e saudade bem sentida do coração.

O cronista franciscano atesta ter visto e existirem ainda no seu tempo, A. D. 1709, uns azulejos que ornavam a parede da igreja no sítio onde fora a primitiva sepultura do poeta, e ali foram postos em seu obséquo com emblemas e troféus militares.

No terramoto de 1755 o tecto da igreja, que era de abóbada, caiu com todo o seu peso sobre o centro dela e completamente arruinou toda a linha média do pavimento; as paredes ficaram em pé, e o resto do pavimento de ambos os lados da igreja também não foi arruinado, segundo ainda hoje testemunha a existência de muitas lápides, inscrições tumulárias, brasões, etc., com suas datas anteriores ao fatal dia primeiro de Novembro de 1755.

A igreja consertou-se; as freiras, que até ali não tinham tido senão coro de cima, fizeram coro de baixo também, tapando a porta principal da igreja que era fronteira ao altar mor, e deixando uma lateral para o povo. Por onde, o jazigo de Camões – em que esteve ou está a sua cinza, veio a ficar exactamente no sítio em que a grade do coro de baixo agora parte a igreja quase a meio.

Mas depois destas obras, a ninguém lembrou perguntar se se pusera ou não sinal naquela sepultura: todos se contentaram desmazeladamente com dizer: – «Perdeu-se com o terremoto.» E passou em julgado. Envergonhava-se a gente quando os estrangeiros nos perguntavam pelo túmulo de Camões; dizia-se que era um opróbio, uma afronta nacional, mas não se tratou nunca de ver se era possível repará-la.

Só neste século, um homem não suspeito de entusiasmo por Camões certamente, antes bem pouco respeitador seu, o padre José Agostinho de Macedo por vezes foi ouvido dizer, a várias pessoas inda vivas, que a sepultura não estava perdida, e que o terremoto só destruíra a loisa, não o jazigo.

Provavelmente não havia empenho no presumido rival de Camões em que se verificasse a sua crença, ou esta incúria geral portuguesa se ficou na preguiça de que nada parecia poder já despertar-nos.

Em 1825 quando imprimia em Paris a primeira edição do meu poema, eu ignorava absolutamente estas circunstâncias locais, e não tinha nem o menor vislumbre de que fosse possível virem a descobrir-se as cinzas de Camões. A objurgação com que terminei o poema, a modo de *envoi* de proençal ou com mais exacção de acre *sirvente* que fustiga um crime público – em todo o caso era merecida: porque é certo que Nação, Rei e Governo. todos pecaram de culposa incúria em não ter feito a mínima diligência para descobrir o monumento de sua maior glória. Volumes de *providências* do Marquês de Pombal, milhões de despesas em desentulhos, consertos e edificações novas; mas nem uma ordem dada, nem um cruzado gasto para se descobrir o jazigo de Luís de Camões.

Estava reservado a um poeta, a um pobre poeta cego e sem valimentos, o empreender a desafronta da nação e o desagravo do seu grande génio.

Na sociedade que se formara em Lisboa em 183s com o título de Sociedade dos Amigos das Letras, o Sr. Castilho propôs que se não desse toda a esperança por perdida, que ele tinha fé que ainda talvez se pudesse achar a sepultura do nosso Camões, que ao menos se fizessem diligências com zelo e empenho.

Nomeou-se uma comissão; o Governo e o Sr. Patriarca da Silva deram as licenças devidas, foi cuidadosamente e com todas as solenidades explorada a igreja; achou-se o que acima referi do seu estado actual; e no próprio sítio em que, a existirem, devem ainda jazer os restos mortais do imortal cantor dos Portugueses, aparece com efeito uma laje comparativamente nova, sem letra nem divisa, cobrindo um vão argamassado e ladrilhado, com dois ou três degraus Que a ele descem; vão não mesquinho para uma sepultura singular, mas insuficiente para um carneiro ou jazigo de família, como outros que há na mesma igreja. Dentro deste vão uma ossada com alguma terra pouca.

Para mim, para todos os que, à míngua de autênticas formais, podem crer em relíquias autenticadas com probabilidades tão vizinhas da certeza, para mim é moralmente certo, e provado, quanto humanamente se pode provar em casos tais, que ali estão as cinzas de Camões. O lugar é o da história; de todos os sinais que ela nos dá para reconhecermos aquele sepulcro venerando, só nos falta a loisa que o terremoto esmigalhou. Aparece uma nova, como nova é toda a linha média do pavimento da igreja. Não aparece, apesar das mais escrupulosas diligências, memória de jazigo, carneiro ou sepultura particular de nenhuma pessoa ou família que depois do terremoto ali viesse enterrar-se. Estamos como no tempo em que Gonçalo Coutinho procurava e já esquecida primeira sepultura do poeta; acham-se dificuldades Que fazem hesitar, mas que são muito vencíveis: nenhuma razão se oferece contra a probabilidade, e todas a reforçam.

Pelas sabidas ocorrências de Setembro de 1836, tempo em que a comissão trabalhava, e quando, depois de alguns dias, chegava a este resultado, foram suspensos os seus trabalhos. Um relatório circunstanciado e documentado de todo o processo da exploração vai aparecer brevemente ao público.⁸⁸

O meu amigo o Sr. António Feliciano de Castilho, a cujo favor devo as preciosas informações que aqui resumi, está actualmente dispondo aquele relatório, de cuja publicação resultará certamente o generalizar-se a convicção de tão grande descoberta, e vir enfim a nação portuguesa a recuperar o seu *Paládio* literário. Dar-lhe-á depois santuário mais digno, mais durável, e tal que o não possam vir a esquecer os seus ingratos filhos? Esperemo-lo ao menos. (*Nota da segunda edição.*)

Nota E

*Canto de indignação, último acento
Que jamais sairá da minha lira*

O leitor dirá provavelmente que foram promessas de poeta, o *promitto tibi pater*. Engana-se. Realmente desde esta época não tornei a empreender uma obra poética, não tornei propriamente a fazer versos. A canção à vitória da Terceira, assunto que faria poeta a burra de Balaam do mais prosaico jornalista – com dois ou três pecadinhos mais, se tanto, são os únicos de que me acuso. Coisas velhas e anteriores, emendei e concluí muitas.

Não é capricho, nem vulgaridade baixa da que muitos têm – que me julgue personagem grave de mais para fazer versos – ou aos versos coisa menos grave para qualquer grande pessoa – que eu não sou. Não é isso: é que já não *creio*; e para ser poeta é mister *crer*. Já não creio senão em Deus: e agora só se fizer versos ao divino. Quem sabe?

⁸⁸ Escrevia-se esta nota em 1839. Não me consta que nada aparecesse até hoje. Março de 1854.

Tom ara eu poder comigo que os fizesse – meus ricos versos! Que me não façam *almotacé do bairro*, como dizia o Tolentino – regedor de paróquia – ou não sei que outra coisa que é agora.

Quando me chamam poeta *com intenção*, lembra-me sempre o caro M. Jourdain. Eu farei versos sem me sentir: eles, coitados, saberão eles que fazem prosa? (*Nota da segunda edição*)

Ao Il.mo e Ex.mo Sr.

JOÃO BAPTISTA DE ALMEIDA GARRETT

Son nom suffit à sa gloire

J. J. Rousseau

Publicou-se ultimamente em Paris um opúsculo que contém algumas poesias de Mlle. de Flaugergues. Entre essas poesias deparei com uma ao autor do poema Camões. Tentei traduzi-la, e eis aqui a minha tradução tal qual a pude fazer. Ela não aspira senão a ser recebida como uma pobre mas sincera homenagem ao chefe da moderna literatura portuguesa, e a ser por ele corrigida.

O coração nunca oferece senão bagatelas; as dádivas sumptuosas são de amor próprio.

Lisboa, 26 de Fevereiro de 1842

José Maria do Amaral

A. M. DE ALMEIDA GARRETT

Sur son poème "Camões"

Du chantre de Gama, chantre mélodieux,
Que ta voix a de éclat! que ton luth est sublime!
Sans doute à tes accents tressaille et se ranime,
 Consolé, radieux,
Le barbe méconnu, de un siècle ingrat victime,
Le grand homme vengé par tes chants glorieux.

Dis, quand la nuit endort les vains bruits de la terre,
Dans le temple désert as-tu porté des vœux?
Du tombeau délaissé la lourde et froide pierre
 S'ouvrit-elle à tes yeux?
Un chant sublime et doux, grave et mystérieux
Soudain a-t-il vibré, dans la nef solitaire?

Un souffle a-t-il passé comme un éclair brûlant
Sur ton front pâissant de une terreur divine?
As-tu senti, dis-moi, haleter ta poitrine?
 Fuir ton genou tremblant?
As-tu, comme celui qu'un songe ardent fascine,
Vu des feux se croiser dans l'air étincelant?

Est-il venu vers toi sur la nuée ombreuse!
Sur le char embrasé qui porte le soleil?

Ou dans la sainte horreur de la nuit ténébreuse,
 Quand, fuyant le sommeil,
 Tu chantaï, attendant l'aurore au front vermeil
 Ou suivant dans son ours l'étoile lumineuse?

Planez de un vol égal aux séjours éthérés,
 Aigles! allez de front sur vos ailes géantes!
 Dites vos fiers aïeux au noir cap des tourmentes,
 Bardes, vos chants sacrés
 S'envoleront plus loin que leurs nefes triomphantes;
 Ces nefes qu'un Dieu porta sur les flots azurés.

Astres de un même ciel, vos harpes immortelles
 Eclairent ces beaux lieux comme un phare éclatant;
 Des fabuleux gémeaux tels les astres fidèles
 Brillent au firmament,
 Vos fronts sont couronnés de palmes fraternelles,
 Même encens vous est dû, même autel vous attend!

P. de Flaugerguers

TRADUÇÃO:

AO SR. ALMEIDA GARRETT

Sobre o seu poema "Camões"

Cantor mavioso do Cantor do Gama,
 Estro sublime em lira altissonante!
 Ao teu cantar se move e ressuscita,
 Ovante e já sem mágoas,
 De ingrato séc'lo o bardo mal prezado,
 Herói que os versos teus gloriosos vingam.

Vate! Quem t'inspirou? – Fizeste votos
 No silêncio da noite, em ermo templo?
 E em teu orar que viste? – Erguer-se a campa
 Do desprezado túmulo?
 Ouviste ecoar pela calada nave
 Em graves sons cantar misterioso?

Crestou-te a fronte, de pavor gelada,
 Sopro ligeiro, qual corisco ardente?
 Nesse pavor faltaram-te, arquejante,
 Os trémulos joelhos?
 Viste, como esse que em delírios arde,
 No ar coruscante cintilarem jogos?

Ergueu-se a ti Camões em nuvem densa?

Vinha do Sol no carro flamejante?
 Ou nas da noite pavorosas sombras,
 Quando esquivado ao sono
 Cantavas aguardando a rósea aurora,
 Ou seguindo coa mente a estrela de alva?

Ergueu-se a ti Camões em nuvem densa?
 Vinha do sol no carro flamejante?
 Ou nas da noite pavorosas sombras,
 Quando esquivado ao sono
 Cantavas aguardando a rósea aurora,
 Ou seguindo coa mente a estrela de alva?

Correi, correi de par, águias gigantes,
 Subi aos astros nas possantes asas!
 Cantai vossos avós, os feros nautas
 Do cabo das Tormentas:
 Longe Deus lhes guiou as naus ovantes...
 Bardos, vosso cantar irá mais longe.

Astros de um mesmo céu, são vossas harpas
 Faróis eternos que dão brilho d pátria;
 Tais fulguram no Olimpo essas, dos gémeos,
 Fabuladas estrelas
 Coas mesmas palmas enramais as fronte,
 Reinais no mesmo altar, co mesmo culto.

J. M. do Amaral

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 1998

<http://www.ipn.pt/literatura>
